

REVISTA



DA SEMANA

N. 4 28-1-56 Cr\$ 7,00 em todo o Brasil

MODELOS PARA
O CARNAVAL

O FUTEBOL VAI À FALÊNCIA



"NEW-FACES" PARA AS TELAS DO MUNDO

Texto de SÉRGIO ANDRADE

Hollywood, a fábrica de estrélas
★ Anualmente, pela meia centena de estúdios existentes na Califórnia, passam milhares de jovens candidatas à fama ★ Todos os anos são selecionados os que melhor aproveitamento apresentam nos testes, e posteriormente lançados às telas do mundo inteiro, como os futuros grandes artistas
★ Garôtas bonitas, plástica perfeita, galãs fortes e atraentes, formarão o primeiro plano da nova escola de cinema ★ Hollywood renova todos os elementos trazendo aos aficionados da sétima arte, sempre a novidade de uma «new-face», onde talento e beleza constituem marco primordial
★ Nestas páginas, o leitor encontrará algumas novas personalidades do «screen yankee», que no decorrer de 1956 irão surgindo amiúde nas casas de espetáculos cariocas ★ Jovens, algumas saídas de pouco dos bancos universitários, esperançosas com a glória, a fama mundial, encontram apoio numa empresa rendosa, e proporcionam maior diversão para a humanidade, através do cinema.



Filha de um maestro e uma célebre atriz de televisão e rádio americanos, Barbara Ruick nasceu na Califórnia a 23 de dezembro. E ela mesma diz que não se lembra quando o teatro lhe despertou a sensação de uma existência maravilhosa. Filho de peixe é peixinho, reza o ditado. Estudante ainda da Hollywood High School, participava de tôdas as festas juvenis, cantando e dançando, acompanhada por um quinteto de universitários. Convencendo a muito custo um dos grandes produtores de rádio a apresentá-la numa série de programas, Barbara assim recebeu o primeiro contato com a vida artística profissional. Bacharelando-se em 1950, seguiu para Nova York, a fim de tentar a sorte na Broadway. Outro destino, todavia, estava-lhe reservado. Um teste para a meca do cinema surgiu da noite para o dia, e a jovem Ruick, de apenas 23 anos, viu-se contracenando com o famoso galã Peter Lawford. Loura, olhos castanhos, sessenta quilos, um metro e setenta de altura, divorciou-se em 1955 de Robert Hutton. Já...



Maneiras provocantes, compleição plástica perfeita, enigmáticos olhos verdes e cabelos côm de milho, fazem de Kim Novak o ponto para onde convergem todos os olhares. Vinte e dois anos. Formada em psicologia e arte dramática pela Wright School, empregou-se como modelo profissional. Não durou muito neste trabalho. Recebendo uma proposta, fez os testes e foi aprovada. Ao lado de Tyrone Power atuará em «A história de Eddy Dunch». Além desta película, fez «Férias de amor», «A morte espera no 322», «Abaixo o divórcio» e «No mau caminho». Séria, constantemente preocupada com o futuro e a carreira, dedica todo o tempo disponível ao aperfeiçoamento de seus dotes artísticos. Um metro e sessenta e cinco, cinquenta e três quilos, gosta de cozinhar e andar a pé



Temporada em Londres, ganhou um contrato para a Columbia, fazendo o «debut» no cinema americano em «Ambição que mata» com Charleton Heston e Lizabeth Scott. Morena, cabelos negros, nasceu em Edmond Alberta, Canadá, a 31 de outubro. Produto das rígidas escolas públicas canadenses, completou o curso de arte dramática na Braní School. Com a idade de treze anos teve a primeira experiência teatral, interpretando o papel de Maggie na peça «O que toda mulher deve saber». Em 1950 recebeu numerosas ofertas para aparecer na ribalta ianque. Declinou de todas, preferindo transferir-se para Londres, numa temporada dramática. Orson Welles e Sir Lawrence Oliver, em 1952, vendo as apresentações da companhia, contrataram imediatamente a jovem Foster. Ao lado dos veteranos atores, surgiu em «Otelo», de Shakespeare. Voltando a Hollywood, a Columbia tratou de aproveitá-la. Nós a veremos brevemente, com Glen Ford, no cinemascope «Um pecado em cada alma».



Betsy Palmer nasceu em East Chicago, Indiana, nos Estados Unidos, a 1 de novembro de 1929. Filha de um importante químico ianque, foi matriculada na Universidade de Paul, de onde saiu graduada em biologia e arte dramática. Abandonando a escola, empregou-se como auxiliar de laboratório, fazendo parte de um grupo teatral de amadores nas horas vagas. Após interpretar «A floresta petrificada», foi descoberta por um caçador de estrélas da Columbia que lhe propôs um teste para o cinema. Aprovada, apareceu em uma «pontinha» ao lado de Tyrone Power em «A paixão de uma vida». Graças ao sucesso alcançado com esta experiência, os estúdios ofereceram-lhe um longo contrato para filmagens. Assim te-la-emos breve, contracenando com a veteraníssima Joan Crawford. Com um metro e sessenta de altura, cinquenta e quatro quilos, olhos verdes, cabelos louros e brilhantes, esta garôta de 26 anos tem uma carreira fabulosa à frente, e temos certeza, saberá aproveitá-la.

Betty Jane Howarth vai ser lançada pela Universal-International, no Cinemascope «No reinado da guilhotina», ao lado de Tony Curtis. Moreninha de 22 anos, olhos castanhos-escuros, acha que a plástica não influi (muito) no sucesso.



Dani Crayne poderia ser a substituta de Marilyn Monroe. Corpo perfeito, loura, ainda não atuou ante as câmaras. A Universal programou vários celulóides para este ano, e possivelmente veremos Dani Crayne em uma das grandes «extravagâncias» musicais. Vinte e três anos de idade, 85 de busto.



O sucesso veio bem repentino para May Winn. Saltou da obscuridade para o maior papel feminino em «A nave da revolta». É ela a única «starlet» ao lado de Humphrey Bogart, José Ferrer e Fred Mac Murray. May nasceu em Nova York, janeiro de 1930. Aos doze anos foi-lhe despertada na escola pública a atração para o palco. Contratada experimentalmente em 1951 pela Fox, não teve chance alguma, devido as grandes produções da companhia com atores de renomada. Em 1955 apareceu entre nós, numa «ponta», em «A um passo da eternidade», com Frank Sinatra e Burt Lancaster. Tem cabelos castanhos e olhos negros. Estatura mediana, pesa cinquenta e dois quilos. Vivendo economicamente em Hollywood (apartamento de duas peças) esportiva, alegre, apresenta sempre um ar jovial, às vezes gaiato. Com grande destaque, este ano, surgirá nos celulóides dramáticos da Columbia.





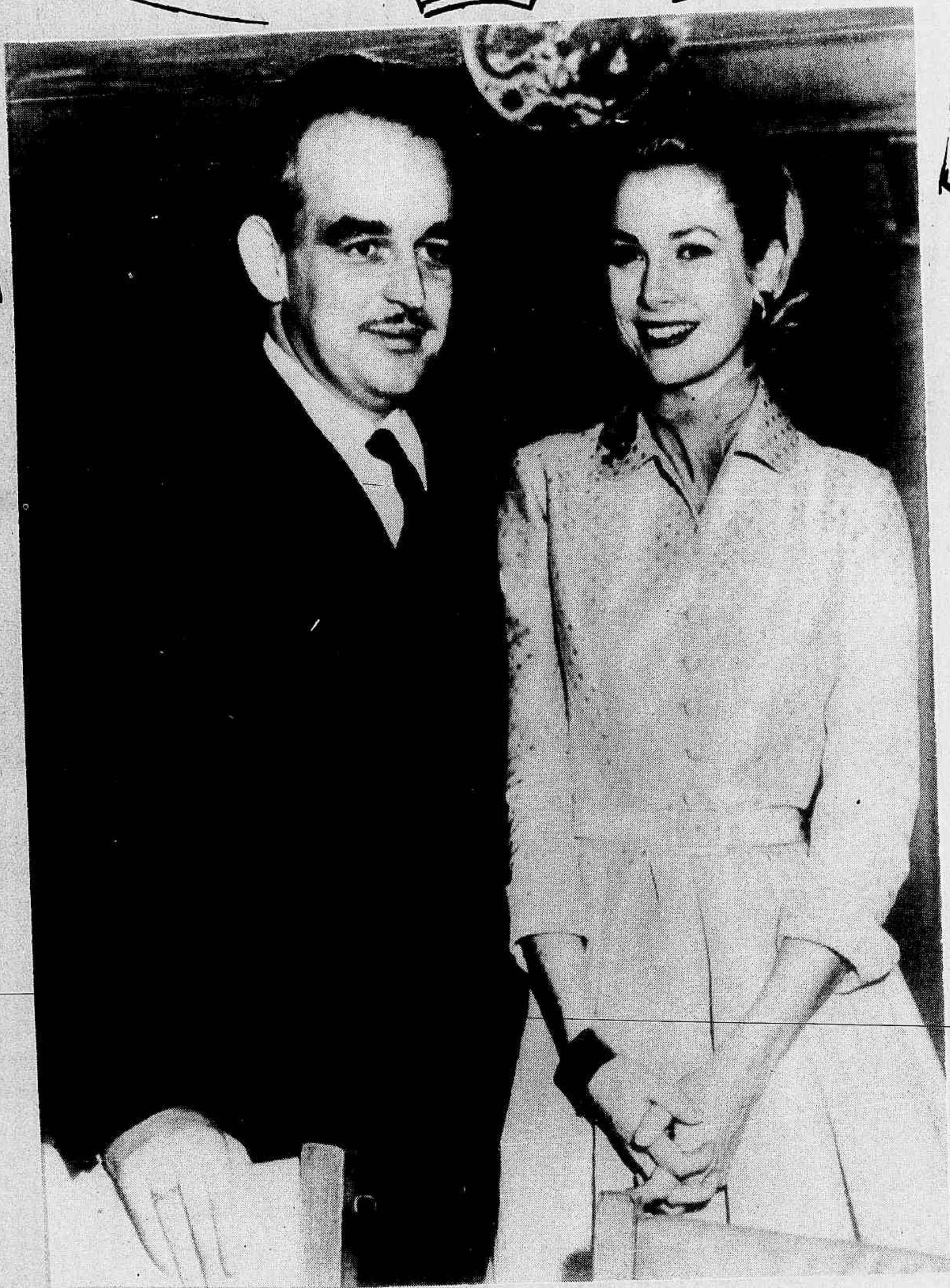
Virginia Leith nasceu em Colorado, fevereiro de 1931. Estudou em colégio religioso, pretendendo mesmo tornar-se freira. Depois de uma apresentação no pátio da escola, foi convidada para a Broadway. Muito talento e uma bela voz conduziram-na imediatamente para Hollywood. Pertence à Universal e fez várias «pontas». Olhos azuis, cabelos louros e um sorriso cativante.



Quando a Paramount iniciou a cata de elementos novos para o celulóide de «O terceiro tiro», Shirley Mac Laine foi uma das primeiras garôtas a se apresentar. Com bastante força de vontade, conseguiu um contrato com Hall Wallis. Morena, latina, nasceu em Massachusset, tem um metro e sessenta e oito de altura, pesa sessenta quilos. A plástica, como podem ver, não precisa de descriminação...



Kipp Hamilton nasceu para as bandas do Yoming, em 1930. Desde garôta acostumou-se às viagens em companhia dos pais. Infância agitada, de Estado em Estado, conseguiu com dificuldade completar os estudos primários. Aos treze anos, matriculou-se em uma universidade, a fim de tornar-se professora, seu sonho antigo. No teatro da escola, tomou parte em «Chuva», de Maugham, «Uma rua chamada pecado», «Show Boat». Findo o curso, partiu no primeiro avião para Nova York. Na tradicional rua 42 não ficou muito tempo. Hollywood requisitou-a para um teste. Em Culver City, depois de muito trabalho e abnegação, conseguiu ser designada para «A paz do entardecer» (Good morning, Miss Dove), ao lado de Jennifer Jones e Robert Stack. Com o sucesso da garôta de um metro e setenta, olhos verdes e lábios sensuais, a Twenty Century ofereceu-lhe um longo contrato onde as cláusulas são propícias ao desenvolvimento da carreira.



QUASE AO MESMO TEMPO, os progenitores da artista Grace Kelly e o Ministério das Relações Exteriores do Principado de Mônaco comunicaram a uma legião de repórteres e correspondentes o noivado da jovem e já célebre atriz norte-americana com Sua Alteza Real, o Príncipe Rainier III, soberano do pequenino Estado de Mônaco. Católicos, todos dois, no mesmo dia o embaixador de Mônaco junto ao Vaticano comunicou o noivado a Sua Santidade o Papa Pio XII, que o aprovou plenamente. Grace Kelly tem pouco mais de vinte anos, e sua fama cinematográfica vem crescendo dia a dia. Quanto ao príncipe, tem trinta e cinco anos, é alto, loiro, corpulento, e, segundo os colunistas sociais, um dos melhores partidos de toda a Europa, atualmente. Grace Kelly tornar-se-á a primeira norte-americana a desposar um verdadeiro soberano.

Ano 56 — N° 4 — Rio de Janeiro — 28-1-1956

REDATOR-CHEFE..... Celestino Silveira

ASSISTENTE... José Roberto Teixeira Leite

PAGINAÇÃO..... Victor Tapajós

COLABORADORES — Adalgisa Nery, Demóstenes Varela, Hynenny Gomes Ferreira, Petrarca Maranhão, Milton Salles, Pedro Müller, Sérgio Silveira, Vinicius Lima e W. Guarnieri.

ILUSTRADORES — Alberto Lima, Ramón Fortuna, Jeronymo Ribeiro e Maria Tereza.

FOTÓGRAFOS — Alberto Ferreira Lima, Arnaldo Vieira, N. Viana e Vito Vasconcelos.

SUMÁRIO

REPORTAGENS

«New Faces» de Hollywood.....	2/5
Pantoja, o palhaço.....	8/10
Ângela Maria.....	14/15
O futebol vai à falência.....	18/21
Chegou a hora do Carnaval.....	30/31
Iracema de Alencar.....	39/41
Pucete, o Anjo da Noite de Montparnasse.....	48/49
Sairá dessa vez a mudança da capital?.....	53/57

SEÇÕES

Champanhota.....	11
Semana em Revista.....	12/13
Literária.....	22
Pelas esquinas da noite.....	25
Puxe pelo cérebro.....	28
Femininas.....	34/35
Por esse mundo de Deus.....	36/37
Revista há 50 anos.....	42
TV na Revista.....	43
Palavras cruzadas.....	46
Artes.....	50
Flashes do Brasil.....	51
Último flash.....	58
Figura em foco.....	59

HUMORISMO

Fortuna.....	62/63
--------------	-------

LITERATURA

Vegetação no lixo e na lama (A. Nery).....	7
O necrológio de meu amigo (Marques Gastão).....	32-33
Dora (T.P. Kragg).....	60/61

VARIEDADES

O noivado de Grace Kelly.....	6
Você e o mundo futuro.....	16/17
O tesouro do Barba Rubra.....	26/27
Elizabeth da Áustria.....	44-45

CAPA

Carnaval à vista (Foto de Alberto Ferreira).

Esse número consta de 64 páginas.



Desenho de MARIA TEREZA

VEGETAÇÃO NO LIXO E NA LAMA

A medida que o progresso avança, à medida que o gênio inventivo abarrotado de conforto e facilidade este mundo de Deus, os homens se desligam mais rapidamente do sentido de solidariedade fraterna e, como que num hábito agradável, tornam-se indiferentes aos conflitos humanos apurando de acordo com a velocidade dos tempos modernos, o egoísmo como sistema infalível de sobrevivência.

Lendo os jornais com os olhos da alma, ficamos apavorados com as desgraças que desabam diariamente sobre os nossos semelhantes, aqui mesmo dentro desta cidade. Entretanto muitas vezes a notícia sobre o vigésimo casamento de uma estrela de Hollywood nos causa mais interesse do que uma tragédia desenrolada junto à nossa casa. As criaturas ficaram cauterizadas nos seus sentimentos. A velocidade da vida e o egoísmo crescente e avassalador não dão espaço aos movimentos do coração para um gesto fraterno. Frequentemente deparamos com a notícia de famílias desalojadas dos seus casebres nos morros. As narrativas nunca são menos dolorosas que a última que li: «Os barracos destes infelizes foram levantados anteriormente num charco e aterrado mais tarde com lixo. Ali residem centenas de famílias sem condições mínimas de higiene ou conforto. Há aspectos gravíssimos em relação a este fato, principalmente ao que toca às enfermidades. A lama e os detritos que se espalham por todos os lados são advertências para imprevisíveis perigos à saúde não só dos adultos ali residentes como às vá-

rias centenas de crianças expostas ao tifo e outras enfermidades. Num só barracão de um único e apertado cômodo, vivem doze pessoas servindo-se desse espaço exíguo para dormir, comer, cozinhar, lavar e etc.

Não estivessem os homens tão cauterizados pelo egoísmo, pela indiferença, não estivessem as criaturas tão preocupadas consigo mesmas, uma notícia destas seria suficiente para envergonhar gerações e abater uma alma cristã. Não é possível encontrar felicidade e paz de espírito, desprezando de maneira tão covarde e impiedosa seres iguais a nós, com os mesmos, direitos humanos, seres passíveis como nós de um belo pensamento e com grande sentimento e talvez mais do que nós com uma capacidade de resistência digna da virtude de paciência. Mas, à medida que o progresso avança, que o gênio inventivo do homem oferece uma multiplicidade espantosa de desenvolvimento e facilidades, a alma se atrofia, se encorça e se insensibiliza brutalmente. Pensar que seres humanos nascem, crescem e vivem à custa do lixo e da lama miasmada e que todo este drama já passou para a ordem natural das coisas é deveras um sinal de decadência do homem rebaixado em razão direta da velocidade em que vive à procura de aperfeiçoamentos e confortos.

Precisamos refletir dois minutos sobre: «amai os vossos semelhantes como a vós mesmos». Talvez tantas crianças não brotassem na lama e no lixo como vemos hoje com uma espetacular indiferença de alma!

ADALGISA NERY

PANTOJA, O PALHAÇO MAIS ANTIGO



O filho mais velho de José Pantoja, Roberto, seguiu a profissão paterna. No circo, é conhecido como «Cas-cudo». O impagável Cascudo.

Pantoja aos 30 anos de idade. Um físico excepcional, que lhe permitia arrostar os malabarismos mais estu-fantes com um sorriso nos lábios.



Pantoja, sozinho, senta-se na platéia e revive seus dias de glória. Parece rever a multidão aplaudindo seus saltos no trapézio. Mas é apenas sonho. Hoje o circo já não apresenta as atrações de antigamente, os cavalinhos, os excêntricos, os acrobatas. O circo está muito radiofonizado — diz o velho Pantoja.

Texto de ROBERTO REIS

Fotos de BARDEAUX

76 anos de glórias no picadeiro — 50 anos de felicidade conjugal — Seu grande sonho: ter seus últimos dias debaixo da lona — Protagonista dos filmes OS BANDEIRANTES e O GUARANI

FOI no velório de Benjamim de Oliveira, que notamos a um canto de sala, a figura modesta de um dos mais populares artistas do picadeiro: José Pantoja. Com o desaparecimento de Benjamim, ficaria o cetro simbólico de «o artista mais antigo do circo», em poder de Juca (como é conhecido nas rodas circenses), e daí o motivo de levarmos ao leitor, parte de sua vida cheia de lutas, glórias, tristezas e alegrias.

«JUCA»

José Pantoja nasceu na cidade de Capivari, num dia 18 de setembro de 1872. Aos sete anos perdeu sua genitora e, sendo mal tratado pelo padrasto, ingressou num circo que apareceu na cidade, naquela ocasião. Como todo o garoto, seu sonho era o picadeiro, não por necessidade, mas pela aventura de viagens, aplausos e glórias. Três meses após, seu corpo de rapazola era iluminado por bicos de carbureto, mostrando a figura de um jovem artista fazendo evoluções nos trapézios ou dando saltos mortais. O público já se emocionava com o rapaz. Vibrava com suas acrobacias difíceis, não lhe regateando aplausos de incentivo, que vieram a dar-lhe a merecida vitória, e a lançar seu nome no cenário artístico, como um dos mais famosos do seu tempo.

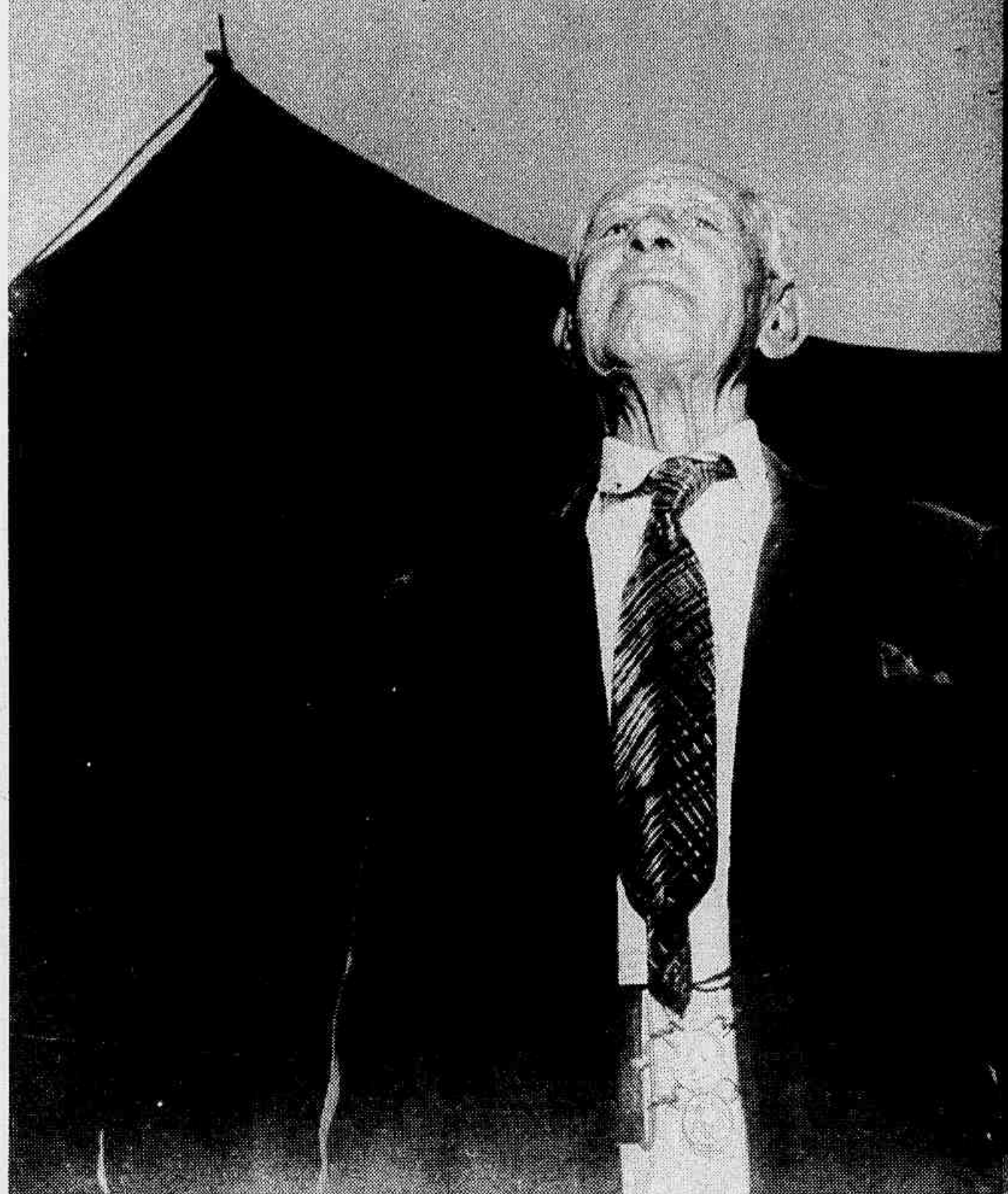
MARIA PERY

Nessa época, trabalhava no mesmo circo a jovem e bonita Maria. Fêz-se a coqueluche das platéias pois sua função era de saltar a cavalo e desenvolver-se nos trapézios. Os jovens corações de Maria e Juca pulsavam no mesmo ritmo de amor, um amor diferente, cultivado debaixo de uma lona de circo. O «velho» Pery era contra o casamento e alegava que ambos eram crianças, sem experiência da vida, etc. Pantoja lutou muito e conseguiu seu intento: casar-se com Maria Pery. Isso aconteceu em 1897.

O CIRCO

Naquele tempo — é Juca quem nos revela — trabalhava-se de verdade. Trabalhava-se muito para receber em média, 15 mil réis por noite. Mas felizmente o circo ia crescendo. Do interior de São Paulo, percorreu outras cidades e veio para os subúrbios do Rio. Estêve armado em Catumbi, Praça da Bandeira, Laranjeiras, Botafogo e até em Copacabana. Um dia, Pantoja cansou-se de ter patrão e saiu com algumas economias, à procura de outros horizontes. Trabalhou nos circos Esmeralda, Dudu, Olimecho e Democrata, onde conheceu garotos ainda, os comicos Oscarito e Picolé (Colé).

Em 1935, graças aos sucessivos progressos de sua carreira, com-



O vento é o inimigo número um dos artistas de circo. Causa grandes prejuízos aos seus donos e artistas. Por isso, Juca olha para o céu, medita, faz cálculos de horas, e manda o capataz anunciar: «Hoje tem espetáculo».

prou seu próprio circo, «Circo Pantoja». Pantoja e Maria eram pais de dois robustos rapazes, que figuravam e brilhavam no circo: Rober-

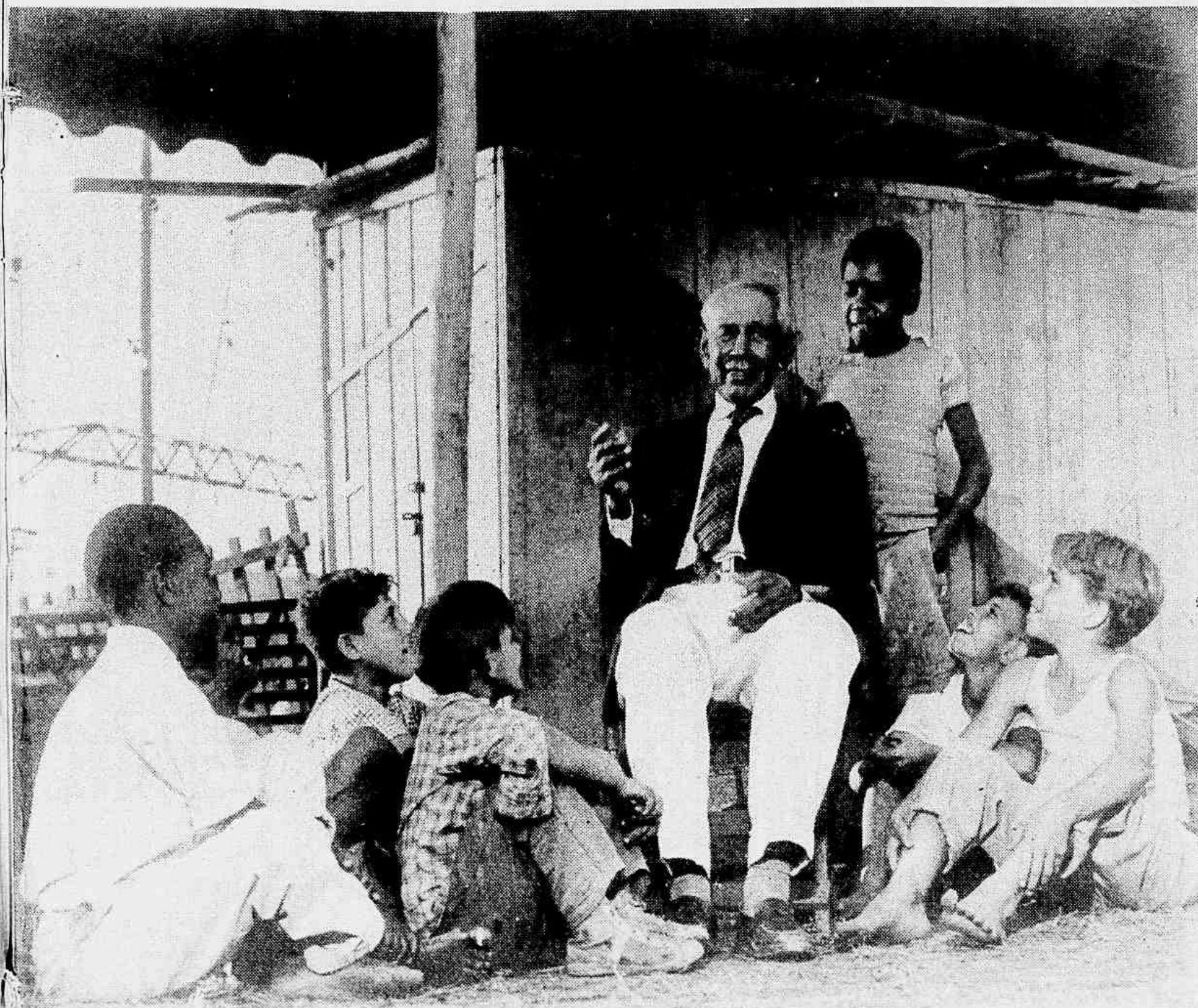
to e Marino. O primeiro, comico de elite até hoje usa o apelido circense de «Cascudo» e o segundo, Marino, ator de peças circenses e exímio acróbata.

FATO PITORESCO

O fato pitoresco da vida de Juca, foi quando o palhaço de sua companhia, antes de iniciar a função, tomou uma forte bebedeira e ficou impossibilitado de se apresentar ao público. Pantoja, pela primeira vez em sua carreira, vestiu a roupa larga e os sapatos de madeira com 30 centímetros de comprimento e foi fazer o respeitável público deliciar-se com suas galhoias, fazer rir o mesmo público que, minutos depois, teria que assistir em suspense às suas acrobacias no trapézio.

PIONEIRISMO

José Pantoja foi o pioneiro do «Trapézio Voador» na América do Sul e do «Futebol Canino» no mun-



Rodeado pelos garotos que perambulam nas portas dos circos em busca de uma «carona», o bom velhinho conta-lhes sua história de artista de circo. Todos ouvem atentos.



Juca mostra ao repórter que ainda sabe o caminho do trapézio. Apesar de seus 83 anos, seus músculos lhe dão confiança, para subir na escada de ferro e corda.

do inteiro. Diga-se de passagem que um determinado circo americano, quando de sua visita a esta capital, anunciava o «Futebol Canino» como o único no mundo inteiro e visto pela primeira vez no Brasil, Juca mostrou ao repórter, uma fotografia publicada em jornal desta capital, em 1931, mostrando o jogo de futebol entre os cães. O circo americano esteve no Rio em 1950.

O jogo de bola entre cães consiste no seguinte: 5 cachorros amestrados, correm em busca de uma bola de tamanho nº 1 completamente untada de sebo, ou carne verde. Uma vez feito isso, os cães jogam-se uns contra os outros, até

abocanhar a pelota, coisa que não conseguem por ser a bola maior que o tamanho de suas garras. O número era solicitado para se apresentar nos principais teatros da capital.

dadeiro circo. O circo de cavali-nhos, onde se via palhaços fazendo graça para as crianças e adultos sem malícia nem pornografia. Verdadeiros ídolos do público davam tudo de sua vida de artista,



O carneiro do circo, posa dócilmente ao lado de Juca Pantoja. Ele é estimado até pelos animais de circo, que parecem reconhecer no velhinho, a figura de um grande artista do passado.

Outro detalhe de seu pioneirismo: o até hoje famoso no mundo todo, «Trapézio Voador». Consiste em 3 trapézios e 3 acróbatas e uma grande rede de corda para casos de quedas. Cada trapezista tem uma função, um, a de segurar o trapezista volante, outro, fazer a troca de trapézio com o volante e o terceiro, o próprio trapezista de vôo. Pantoja fazia a platéia vibrar, por trabalhar sem rede de segurança. Qualquer queda, seria morte certa para qualquer dos três que caísse, numa altura de 30 metros.

O CETRO

Pantoja, como o falecido Benjamim de Oliveira, representa o ver-



Certa ocasião, Pantoja teve a idéia algo mirabolante de ensinar os cães a jogar futebol... Ei-lo em pleno «ensaio de conjunto»...

em troca de míseros 10 ou 15 mil réis por noite de trabalho. O cetro de «o artista de circo mais antigo» pertence a José Pantoja, o bom velhinho Juca, morador de muitos anos da estação de Cavalcante, no subúrbio carioca. E' com lágrimas nos olhos que Juca diz para o repórter, como se fôsse uma despedida: «Moço, dei meus primeiros passos debaixo de uma lona de circo, e debaixo dessa lona, desejo ter meus últimos minutos de vida».



Mostrando a lona de cobertura do circo. Pantoja diz: «Desta lona, desejo passar meus últimos minutos».

Da Inglaterra para o Mônaco, o romance da moda, aniversários, jantares no Copa e muita fugida do Rio

O grande romance, aquele que provocou grandes manchetes e dividiu a opinião pública, o da Princesa Margaret e o do coronel Peter Townsend, já foi, deixou de ser. Deixou as manchetes, as primeiras páginas, foi sendo menos discutido e, agora, é assunto pacífico, superado. Neste momento, o mundo inteiro, cansado de tanta guerra fria e quente também, vai se distraindo com um outro romance, que não dividiu opinião, pois, todo mundo foi a favor. Ele, um príncipe de verdade; ela, da melhor aristocracia norte-americana e dona da coroa da beleza e do talento. O Príncipe Rainier, de Mônaco e Grace Kelly conheceram-se quando ela filmou no pequeno principado. Rainier é um homem grande, alto, louro e um pouco gordo. Ele é um príncipe moderno, desportivo e que impressionou de maneira simpática os americanos, guiando seu próprio automóvel, na viagem que fez pelos Estados Unidos. O casamento vem bem na ocasião, pois, segundo o acordo feito entre a França e Mônaco, este passará a ser protetorado francês, desde que a família reinante se extinga. Mônaco precisava de um herdeiro para o trono. Os habitantes do pequeno território estão satisfeitos com a escolha. Trata-se de uma das mais bonitas mulheres do mundo; recentemente escolhida como mais elegante. Agora, que venha o herdeiro.

x x x

Causou estranheza o fato do sr. Álvaro Piano, noivo da srta. Marta Rocha estar tirando um visto, em caráter definitivo, para a Argentina. Apenas os papéis dele estão sendo tratados. O noivado teria sido desfeito ou ela seguirá mais tarde para se casarem em Buenos Aires?

x x x

Apenas três lugares, no setor noturno carioca, estão tendo sucesso: o Clube 36, com Dorival Caymmi e sem refrigeração, o Sacha's e o Copacabana, com esta formidável iniciativa que é o jantar-dançante à beira da piscina. Mais um tento social e de bom gosto marcado pelo Copa.

x x x

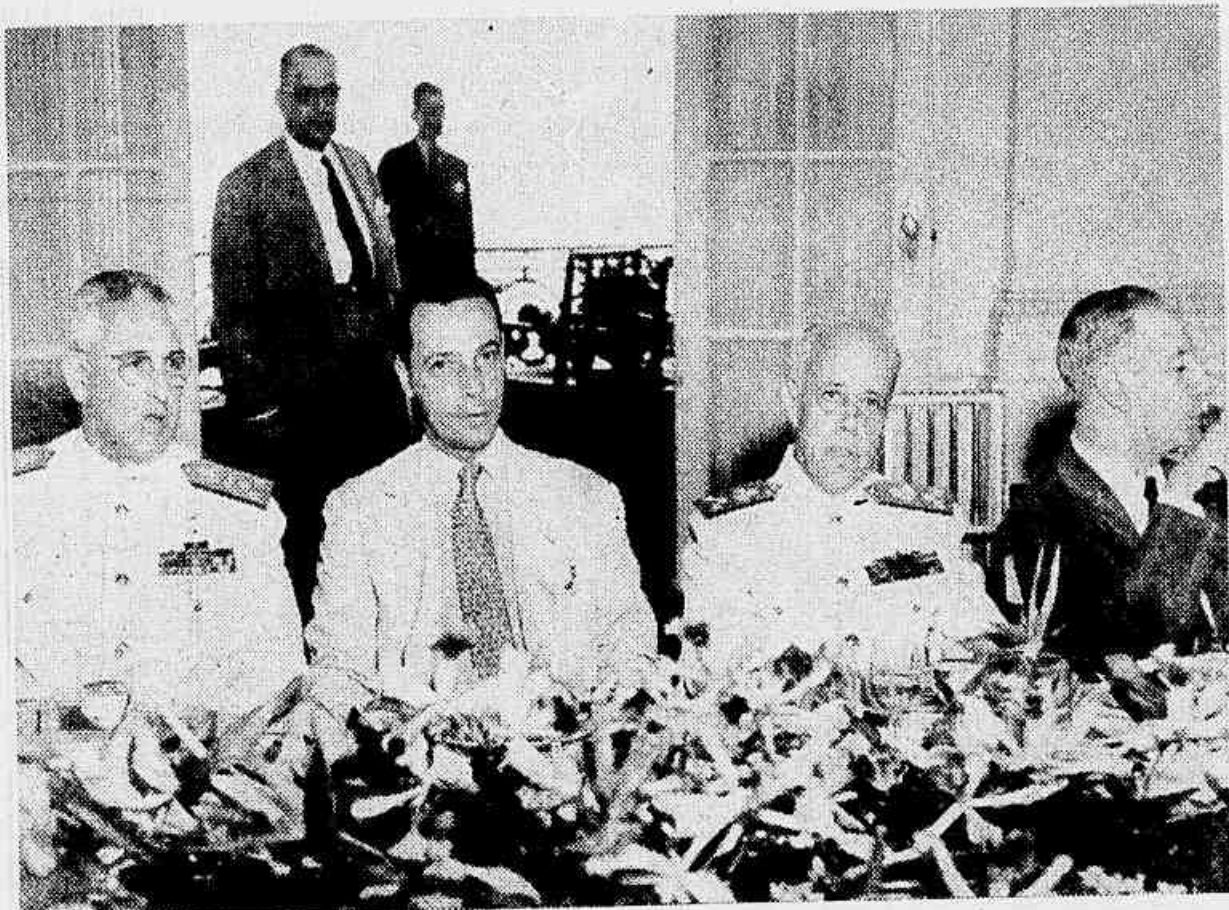
No Castelo de Magor, ao norte da Itália, foi celebrado o casamento da Princesa Alice Carolina de Saxe Cobourg e Bragança, da família imperial brasileira, com o Conde Michele Fromentini. O enlace, assistido por dezenas de cabeças coroadas européias, recebeu bênção especial do Papa Pio XII.

x x x

Um dos grandes erros dos brasileiros que vão à Punta Del Este é justamente escolher a semana de Carnaval, época em que todas as pessoas das sociedades local e argentina se retiram, por haver uma enchente do grande público. A grande época verifica-se duas semanas depois do Carnaval.

x x x

Portfrio Rubirosa comprou um carro semi-especial cuja cor (de morango) vem «provocando» o gosto de muita gente que a acha de muito má escolha.



O Jockey Club homenageia a Marinha de Guerra. Na foto, o sr. Francisco de Paula Machado, vice-presidente.



No Copacabana, divertem-se os casais Jorge Brando Barbosa e Roberto de Andrade.

O sr. André Spitzman Jordan recebeu um grupo de amigos para jantar. Acontecimento jovem e simpático.

x x x

Duas coisas acontecem em São Paulo: Guarujá anda animadíssimo e a srta. Carmem Teresinha Solbiati anda tão quieta que tem preocupado seus amigos mais chegados. Não vai nem até à esquina.

x x x

Por motivo de seu aniversário, os amigos do sr. José Maria Withaker reuniram-se em sua fazenda, onde houve um churrasco, precedido de missa que foi rezada no grande bosque que circunda a casa. Cada convidado, em homenagem ao sr. Withaker, plantou uma árvore.

x x x

O Rio de Janeiro está ficando completamente deserto e o movimento social está cada vez mais diminuído. Em vez disto ser bom para o cronista, é péssimo, pois o obriga a desenvolver o dôbro da atividade para ter o número normal de notícias. Muitas pessoas foram para Petrópolis, Teresópolis e Cabo Frio. Ficaram, apenas, algumas «cigarras» que não são notícia. É preciso discrição para não expor os nossos amigos que o são da noite também.

x x x

Um grande grupo de amigos do casal Carlos Eduardo de Souza Campos reuniu-se num jantar no Copa para homenagear a aniversariante e mais elegante srta. Teresa de Souza Campos. Depois, houve uma longa esticada no «Night and Day».

x x x

Outro aniversário muito festivo pela sociedade e pessoas ligadas às artes no Brasil foi o da srta. Iolanda Penteado Matarazzo, cuja dedicação tem provocado as bienais de São Paulo.

x x x

A srta. Helena Morganti e o sr. Hélio Souto estão prometendo um dos maiores casamentos paulistas dos últimos anos. Fala-se em quase dois mil convites expedidos para a melhor sociedade.

x x x

Cacilda Baker faz teatro e sucesso em «Os filhos de Eduardo», no TBC do Rio. Seus amigos, srts. Ruth de Almeida Prado, Naná Winans e Nelson Seabra compareceram e aplaudiram.

x x x

A Princesa Fátima de Orleães e Bragança sofreu intervenção cirúrgica. Vai passando muito bem.

x x x

O sr. Eduardo Tapajós, em boa hora e muito calor, reiniciou, numa bela noite por sinal, os banhos noturnos de piscina. Estiveram no Glória, as srts. Raquel Santos Jacinto, Lígia Coutinho, Teresinha Pais, Divo Dolabela, Sílvia Braga e os srs. Fernando Luís Setembrino de Almeida, Fernando Pessoa de Queiroz, Alfredo Canongia Barbosa e o sr. Mário Borba de Souza.

x x x

Estiveram em Salvador, no avião do sr. Dirceu Fontoura, o sr. e sra. Ari Castro, sr. e sra. Luís Fernando Lopes, sra. Ivone Monteiro, sra. Daise Quentel e sr. Harry Giglioli. A srta. Ivone Monteiro voltou completamente entusiasmada pelo Senhor do Bonfim.

x x x

Seguindo o exemplo do Country Club, a diretoria do Iate entrou em contacto com o Banco de Sangue para que seus sócios possam doar. Uma iniciativa das mais elogiáveis.

x x x

Na semana que passou, casou-se nosso amigo Everardo Magalhães Castro. Por estarmos completamente resfriados, foi-nos impossível comparecer ao jantar. Soubemos que Regina e Everardo tiveram a mais atribulada lua de mel, procurando um local que não tivesse o calor do Rio. Depois de muito discutir e procurar, acabaram em Miami que, segundo dizem, anda quentíssimo.

x x x

A maioria dos sócios do Country Club negou permissão para que se realize este ano a festa do Pago-Pago. Encerra-se, assim, uma festa que já ia criando tradição, nos reinados de Momo.

(Fotos «Rio-Magazine»)

NACIONAIS

O ministro da Educação, poeta Abguar Renault, tinha ficado de ir um desses dias a São Paulo, em caráter oficial. Sabedor do caso, o governador Jânio Quadros dirigiu-se ao aeroporto, com sua comitiva, a fim de receber o titular. Acontece, porém, que à última hora o ministro não compareceu — dizem que por injunções políticas. E o governador ficou algumas horas à sua espera, com os automóveis gastando gasolina... Agora, o ministro da Educação receberá, ao que parece, a conta da gasolina gasta pelos automóveis que o foram receber, e não o encontraram.

Didi e Guiomar não estão indo bem na vida de casados. Ainda agora, o jogador do Fluminense, vem de dizer a um juiz que o condenara a pagar uma pensão mensal à esposa, que nada tinha que ver com ela. Guiomar porém compareceu em juízo com uma revista em que se via o «crack» de braço com ela, em seu apartamento, e tudo se esclareceu: Didi terá de marchar mesmo com o dinheiro...

Quando Zizinho perdeu um pênalti, no jogo contra o Flamengo, Pavão, zagueiro rubro-negro, correu de seu canto para abraçá-lo. Mas a resposta de Mestre Ziza não se fez esperar: «Sai daqui, bicho selvagem».

Lili e Baba são os mais novos inquilinos do Jardim Zoológico do Rio de Janeiro. Nasceram no Congo Belga, e aqui chegaram após passar por Amsterdam, Londres e Nova York. São dois trêlegos chimpanzés, que vêm substituir a finada Catarina, para gáudio da criançada carioca.

Um anúncio sui-generis apareceu na imprensa há alguns dias: «O Hotel Santa Teresa é hoje rigorosamente familiar, mas se presta muito também para outros fins, inclusive para casino...»

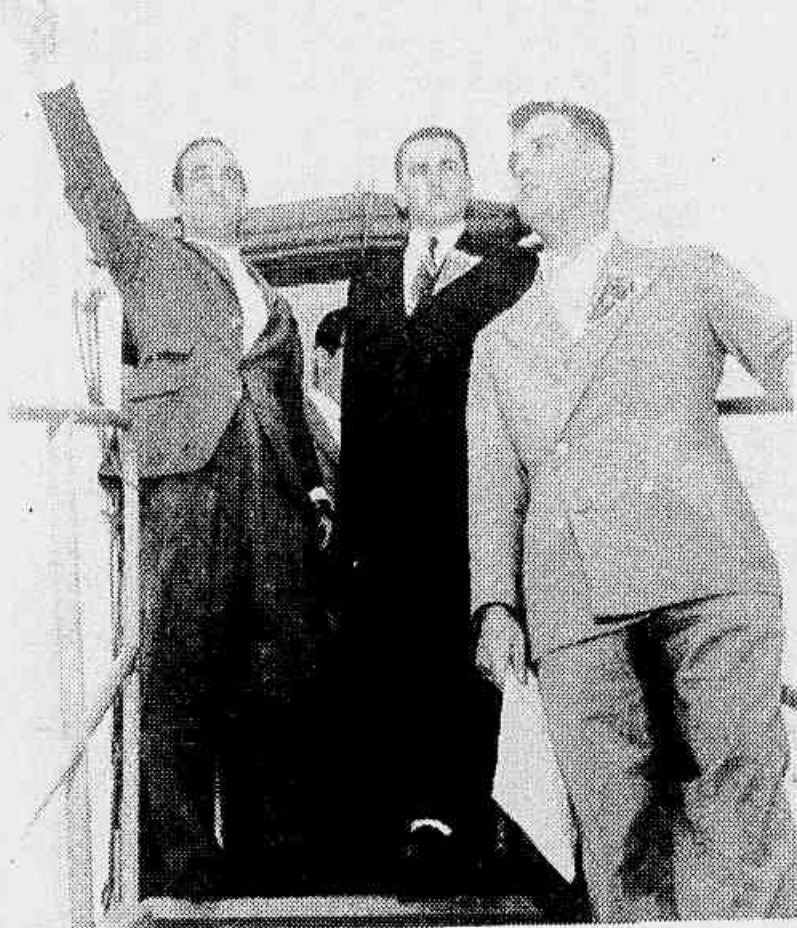
Um ladrão, na estação D. Pedro II, deu tanto azar que furtou justamente as malas de viagem de um delegado. Foi logo preso, e, entre triste e consolado, exclamou: «Bem, furtei a mala do delegado... Não deixa de ter sido uma façanha...»

Por causa da viagem de Juscelino Kubitschek, as coisas andaram pretas pela Câmara dos Deputados: Aliomar Baleeiro, Felix Valois, José Maria Alkmin e outros quase se engalinharam, quando o baiano disse que Alkmin era um «sabujo», e que o Presidente eleito se precipitara ao empreender essa viagem, antes da diplomação.

A Lei Afonso Arinos, contra a discriminação racial, foi pela primeira vez levada aos tribunais agora, quando os pais de uma criança de cor negra alegaram-na em seu favor, de vez que a citada criança não pôde ser matriculada na Escola Feliz, sob a alegação de que nessa escola apenas brancos podem estudar.

A SEMANA

EUGÊNIO CARLOS PARTIU



Eugênio Carlos, o jovem ator brasileiro que há tempos esteve no noticiário dos jornais e das revistas, graças às ciurmadadas do ator John Carradine, que se divorciou de Sônia Carradine, sua esposa, por causa justamente do ator pernambucano, partiu há alguns dias para a Europa, onde irá filmar, primeiro na Itália, depois na Grã-Bretanha, três filmes para companhias norte-americanas. Há um ano que Eugênio se encontrava no Brasil, descançando de suas aventuras galantes pela América do Norte. Moço, rico, e de certo modo talentoso, parte agora para o Velho Mundo em busca de novas aventuras. Vamos a ver o que acontecerá.

A FILA DA "GAITA"



HÁ CERCA de dez dias, os transeuntes que passavam pela avenida Graça Aranha notaram, quase ao cair da tarde, um movimento insólito, para as bandas do prédio onde funciona o IAPETC. Que foi, que não foi, acabaram todos sabendo: o caso é que aquele Instituto determinara a abertura dos empréstimos (de Cr\$ 20.000.000) a seus associados, depois de, por

A SEMANINHA

— Sir Winston Churchill seguiu com destino a França, onde passará um mês de férias...

— Veja você! Nunca tantos com tanta idade viajaram... tanto!

* * *

— E a sra. Dolores Guinle vai então casar-se com um multimilionário francês, industrial de armamentos...

— É o que eu sempre digo: Armação e arrumação, cada qual toma a que quer...

* * *

— Vai ser aproveitado o bagaço da cana para fabricação de celulose de papel.

— Adeus cachaça! Cachaça não é água, não... Será papel, que é bem pior...

* * *

«Continua trabalhando intensamente a Comissão de Localização da Nova Capital Federal, que nos diz não poder ser adiada a mudança...»

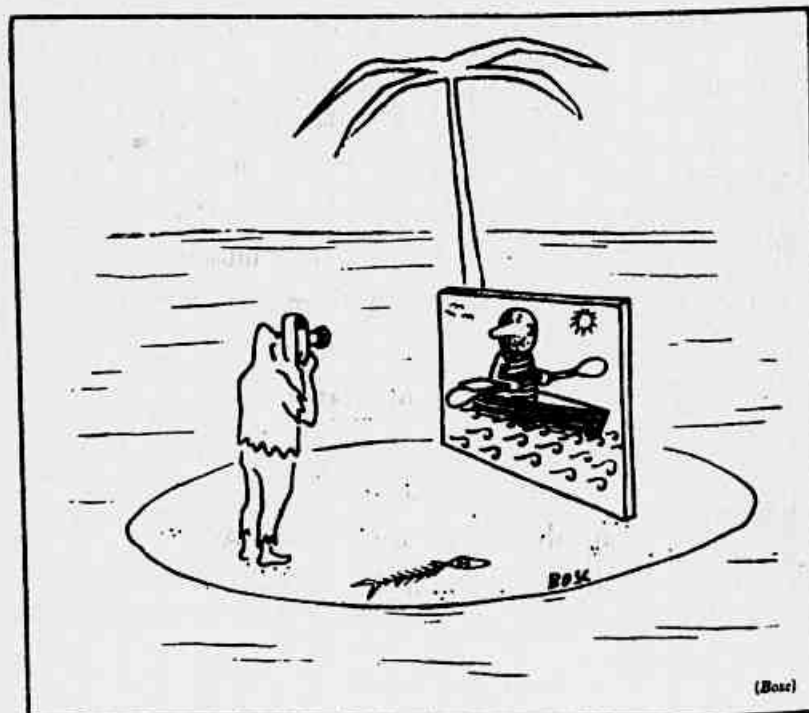
Embora se reconheça
Ser um problema vital
Mudarmos a Capital...
Eu vou nessa?

Mas «capital» é cabeça...
Como conseguir mudá-la
Se não podemos tirá-la?
(Não vou nessa...)

Haverá quem se aborreça
Mas cabeça do papai
Destes meus ombros não sai
Ora essa!

SANTOS ALVES

muito tempo, ter suspenso aquele benefício aos mesmos. A notícia correu célere entre os felizardos, que logo vieram para a fila, com medo de que o dinheiro acabasse logo (o que, de fato terminou por acontecer). Desde a véspera do dia marcado para o início da distribuição do empréstimo, já a fila não tinha mais tamanho. Famílias houve que se revezaram no seu lugar, levando cadeiras, comida, livros e jornais para matar o tempo. Felizmente, não houve incidentes a lamentar. São do acontecimento as fotografias que nessa página apresentamos.



Bosc (Paris-Match)

EM REVISTA

PRAIA INTERDITADA



DE QUANDO em quando, a coisa acontece: estouram-se os canos dos esgotos, e as praias cariocas ficam provisoriamente interditadas. Agora, foi a vez do Leblon. Não é de hoje que uma tabuleta foi ali colocada, avisando aos banhistas que as águas de sua praia continham detritos que de forma alguma se coadunam com os banhos de mar, pelo menos nas terras mais civilizadas. Acontece, porém, que, ou os ba-

nhistas não leram a tabuleta (o que, numa terra de tantos analfabetos, não é de se estranhar), ou leram, e não acreditaram, apesar da evidência do fato, a toda a hora provado pela presença dos próprios detritos na crista das ondas. E assim, com tabuleta e tudo, continua o banho de mar na praia do Leblon, a despeito dos avisos das autoridades, bem claro e visível. Esses «inocentes do Leblon»...

DE SETE EM SETE

Meninos, não sei que tempo estará fazendo quando estas mal traçadas linhas forem lidas, mas sei o que faz quando as escrevo. Trinta e sete e dois décimos, ontem à meia-noite, e quarenta e um à sombra, agora ao meio-dia. Essa não! — Mas só há um jeito, agüentar, e agüentar também o mau cheiro lá em casa, onde a Limpeza Pública só vai esvasiar a lixeira uma vez por semana. As crianças estão desmilinguindo que só vendo. Quem não vê é a Prefeitura... — Mas todos viram o Botafogo, quando parecia tomar jeito, cair daquele idem, e logo para o América! Depois «seu» Zezé dá entrevista prometendo tomar providências. Quem as deve tomar é a direção do clube, não ele... E sobre ele, pois claro! — Em Goa, os rapazes indianos continuam a atravessar a fronteira lusa. E a cometer pilhagens. Aos bandos. Depois queixam-se... — Como se queixou o lobo que em Minnesota, U.S.A., deu um salto sobre o avião e o derrubou. Em represa, os tripulantes derrubaram o lobo. Empate: 1x1. — Nessa altura foi que dona Amélia Rodrigues cancelou a viagem à Venezuela e voltou para Lisboa. Só porque vai ser titia e quer estar presente quando a cegonha chegar em casa da irmã Rodrigues. — E o sr. Jorge Guinle, na sur-

dina, foi por sua vez ao Reno, tentar a reconciliação com a esposa. Que ali chegara na véspera para obter o divórcio. Enquanto o milionário Georges Litman assiste de camarote e aguarda a sua vez. — Mas aquela informação do nosso amigo Al Neto, sobre o desquite de César Ladeira e Renata Fronzi (flagrante duas «girls», etc.), não foi confirmada. Até pelo contrário. — E em Milão, o velho-moço Pascoal Carlos Magno recebeu milhares de cabogramas pelos cinquenta 13 de janeiros. Que o Rio festejou com muita simpatia, porque o poeta merece: da nossa geração, é dos que mais têm produzido em benefício dos outros. — Enquanto de Paris vem a notícia do doutor Juscelino a passear vielas escusas de Montmartre, que ele frequentou nos seus tempos de estudante... Bonito! — Bonito, mesmo, foi o sucesso de Silveira Sampaio com o «show» «No país dos Cadillacs», agora ampliado para revista. E o «sketch» «Paraíso das Mulatas», inclusive a Canção do Goleador (embora lembrando muito a «Carmen Jones»), é a melhor bola deste princípio de ano. — Bola? Eu falei em bola? Então nem mais uma palavra, ou o Botafogo entra na lenha novamente: Que a turma nasceu para sofrer, mas não tanto...

INTERNACIONAIS

Vinicius, Dino e Julinho, os três brasileiros que atuam nos gramados da Itália, andam às voltas com as respectivas árvores genealógicas, a ver se descobrem, quanto antes melhor, algum carcamano escondido entre os galhos... O caso é que a polícia italiana anda desconfiada com a ascendência itálica dos três. Vinicius, por exemplo, de italiano não possui nada. Se acaso ficar realmente provado que os jogadores não são descendentes de italianos, ficarão expostos a punições severas, como, por exemplo, a expulsão do país, após o processo indispensável.

O Príncipe Rainier III, noivo de Grace Kelly, ao escolher para futura esposa uma atriz, não fez senão seguir longa tradição de praxe no Principado de Mônaco. Assim é que seu bisavô, em 1889, e seu avô, já no século vinte, casaram-se com atrizes. O casamento do segundo principalmente (com uma «vedette» parisiense) deu muito o que falar.

Em Moscou, no Teatro Stanislavsky, foi cantada a ópera «Porgy and Bess», de Gershwin, por um grupo de artistas norte-americanos — os mesmos, quase, que entre nós se exibiram faz alguns meses. A representação foi um sucesso, do ponto de vista popular, muito embora certos críticos soviéticos tenham feito restrições quanto à qualidade da música, que, segundo eles, «foge à essência mais pura do legítimo jazz».

Final de uma reportagem publicada em Estocolmo, por ocasião de um trágico incêndio ali ocorrido: «Portanto, não fumem na cama. Porque as cinzas que caírem, depois, no chão, poderão ser as suas, leitor».

Evidentemente, há uma perseguição organizada contra o cidadão Want Kula, de Detroit: primeiro, enviaram para sua pequena casa duas toneladas de carvão, 60 litros de leite, quinze cestas de orquídeas, banheiras velhas e seis extintores de incêndio. Depois, anunciaram-lhe a casa, por um preço ínfimo — o que fez com que extensa fila de pretendentes se organizasse à sua porta...

Um quinteto sui-generis está empolgando Londres. Suas gravações têm tido grande venda. Os «Don Charles», grupo composto de César (baixo), King (barítono), Carol e Prissy (sopranos) e Dolly (tenor) são suecos. Até aí, nada de mais. O caso é que esses festejados cantores são... cachorrinhos de raça. Bem, o telegrama não explica mais nada.

Frase interessante foi a do advogado de um magnata grego, que exige a devolução de jóias no valor de 50 mil dólares, que foram apresentadas à atriz Silvana Pampanini: «Essas jóias não foram bem presentes, porém simples investimentos... E não deram os esperados dividendos...»

No Equador, os indígenas devoraram alguns missionários norte-americanos, que se recusaram a aceitar uma cabeça humana, incrivelmente diminuída, por um processo todo especial. Essa recusa foi interpretada da pior maneira possível, de vez que a cabeça humana oferecida pelos índios em questão é um símbolo de amizade. Moral da história: a cabeça dada não se olham os dentes...

Homenagem aos colegas eleitos "melhores".

A "Sapoti" e o seu vestido preto para a recepção feita à crônica especializada da cidade.

Numa churrascaria do Leme, onde havia de tudo... menos churrasco.

Boatos afirmam ser o gasto da artista, na festa, superior a Cr\$ 100.000,00.

Pela terceira vez a eleição de Ângela Maria como a "melhor cantora do ano".

E a rainha chorou de emoção...



ÂNGELA MARIA

TRICAMPEÃ...

E NÃO É FLAMENGO

Texto de SÉRGIO SILVEIRA



Amigo de tódas as horas, o Ari não podia faltar com o seu abraço... E ei-lo sorridente num "quebra ossos" apertado, do compositor de sempre para a rainha da noite.



Depois do "Miúdinho" e de um balanceio na "Farinhada", Ivon Curi deixa à mostra os carinhos e cuidados com que trata Ângela Maria, levando-lhe o copo à boca.



A maior cantora de 55 junto ao melhor comentarista esportivo do ano. Benjamin Wright, olhos fixos na câmara, espera ansioso a saída do passarinho.



Valdir Amaral parece encabulado com os elogios feitos pela colega de sucessos, enquanto Braga Filho, à esquerda, faz força para poder sair na fotografia.



Deixai vir a mim as criancinhas... e, uma por uma, desfilaram pelos seus braços, aquelas que aportaram ao Leme para lhe dar parabéns na noite festiva.



Elizete (canção de amor) Cardoso, alegrou o ambiente desde a sua chegada e Ângela Maria fêz questão de recebê-la à porta, como boa anfitriã que foi.

CESTO simpático o da cantora Ângela Maria com a homenagem prestada aos colegas de rádio, também eleitos «maiores», aproveitando o ensejo para agradecer ainda àqueles que a elegeram pela terceira vez consecutiva: os cronistas especializados da cidade.

Num ambiente festivo e de conagração, gente do rádio e os que falam ou escrevem sobre o rádio, reuniram-se para de viva voz levar o seu abraço e votos de felicidades à garôta «sapoti» da música brasileira.

Ângela Maria era de fato a dona da noite. Entre doses de uísque e brindes feitos à base de martine sêco, a Rainha do Samba exprimia em sorrisos toda alegria que lhe invadia o coração... E como estava simpática na exuberância do seu vestido preto, «tomara que caia», feito especialmente para recepcionar os amigos na noite da festa! O borborinho aumentava com a chegada de novos convivas. Os talheres ressoavam. Mesas dispostas ao longo da varanda fronteiriça à churrascaria acomodavam mais de meia centena de críticos, outro tanto de artistas e o grande número de curiosos acotovelados na sacada, cuja atenção fôra despertada pela presença de uma figura conhecida, como a de Ivon Curi, Ari Barroso, Elizete Cardoso, Gilda Valença, Manoel Barcelos, Anselmo Domingos ou para qualquer dos grandes cartazes radiofônicos que ali se encontravam, tentando a custo abraçar a querida anfitriã. O crítico Brício de Abreu era dos mais eufóricos, levando de mesa em mesa o seu gracejo, falando alto, gesticulando. E o grande jantar teve início: antepasto, batatas fritas, carne bem passada, legumes, e, como

Eles e elas, todos do rádio, todos grandes cartazes, todos querendo homenagear com a sua presença e o seu abraço, a melhor cantora do ano passado.

sobremesa, fatias de abacaxi ou de melancia, não faltando o clássico cafèzinho.

Os fios dos microfones dançavam pelo chão. Ângela Maria não chegava para todos. Sucediavam-se os flashes, novos votos de felicitações... e, a todo instante, os chamados pelos garçons para outra dose. Comida farta numa noite quente, ondê a bebida sabia bem melhor e cuja abundância saciava a sede do mais fervoroso adepto de Baco.

Foi quando por instantes, embebida de satisfação e orgulho, a rainha chorou...

Lágrimas singelas... um lenço emprestado, um sorriso ligeiro para não estragar o «make-up»... e lá se foi atender a um convidado que chegava.



Sua majestade a Rainha do Samba... Ângela Maria, a mais profunda conhecedora dos segredos da música brasileira, e que apresenta, reunidos, no seu «Fala Mangueira!»



VOCÊ E O MUNDO FUTURO

III

(Copyright de United Feature Syndicate — Exclusividade no Brasil para a REVISTA DA SEMANA)



PAREDES QUE CAMINHAM, TRI-DI AO INVÉS DE TV, ROUPAS DE UMA SÓ PEÇA PARA HOMENS, E OUTRAS MARAVILHAS.

VOLTEMOS porém à casa de George Wharton, cenário de nosso primeiro capítulo, e vejamos como as espôsas de 1980 resolvem seus afazeres quotidianos. Espiemos um pouco para a casa. O espaço e a luz são aproveitados ao máximo. E somente uma pequenina parte das paredes — as do lado externo, que protegem a casa — são de matéria sólida, semelhante à utilizada ainda em 1955. Grande parte da área das paredes, com efeito, está construída em uma substância semelhante o vidro, talvez um plástico obtido quimicamente do petróleo, inquebrável, e capaz de deixar passar os raios ultra-violetas, mas não os infra-vermelhos, prejudiciais, quando em excesso, à saúde.

Essa cortina transparente leva em si mesma uma espécie de película, que, quando ativada por uma alta frequência ou por um campo magnético (pela manipulação de um pequenino botão), se polariza e transforma o vidro claro em opaco, emprestando assim ao ambiente a luminosidade, ou a discricção, conforme se o deseje. Mediante outro botão, a parede volta em alguns segundos à sua original transparência.

A maior parte das casas, em 1980, possuirá apenas um andar. Wharton, porém, que é apenas um «neo-convertido», mora numa casa remodelada, datando das cercanias de 1960. Porém, ele mandou derrubar as velhas paredes fixas, e erigir, em seu lugar, as paredes que caminham — muito em voga por volta de 1980, e que deslizam sobre trilhos, para onde quer que se deseje. Caso queira, madame Wharton poderá fazer seus quartos e salas tomarem as proporções que bem entender.

Uma coisa chama a atenção, logo de saída, a quem quer que penetre numa casa de 1980: não existem tomadas elétricas. Com efeito, não existe uma só delas em qualquer aposento da casa. Em lugar delas, painéis luminosos, colocados ao longo das paredes, iluminam os aposentos. Um pequeno botão é o suficiente para regular a intensidade da luz nos quartos e salas, e um mostrador diminuto indica aonde estão localizados os painéis luminosos, e se estão em atividade ou desligados.

Também não existem receptores de televisão à vista. Eles foram substituídos por uma tela chata e delgada, construída em uma das paredes, e que é por sua vez também um receptor. Sua espessura é de apenas um centímetro, e mede 1 metro por metro e meio apenas. Há receptores semelhantes na cozinha, e em cada um dos quartos de dormir.

Quando madame gira o botão controlador para o «desligado», os painéis tornam-se unicamente parte das paredes, completamente indiferenciáveis do resto da casa. Em outras ocasiões, porém, quando não usadas para recepção de programas, madame Wharton apertará determinado botão, e a tela imediatamente tornar-se-á uma reprodução, em cores vivíssimas, de algumas das mais famosas obras de arte de todos os tempos.

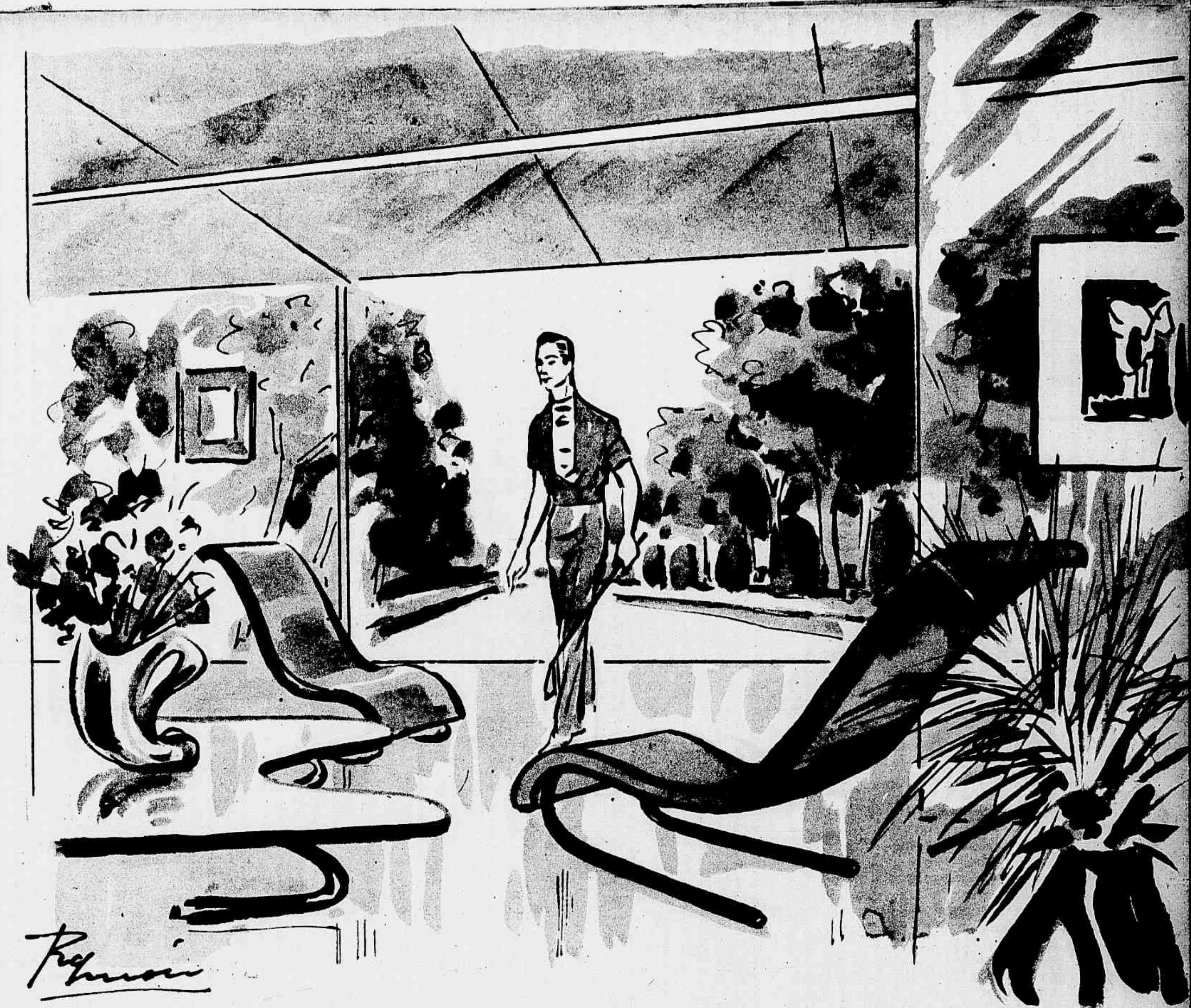
Contudo, é somente quando a família sintoniza para algum programa que o aparelho receptor começa a viver. Pois os Whartons não possuem uma televisão em cores, unicamente, porém, em três dimensões.

Madame também pode usar seu aparelho para fazer compras. Com efeito, basta ligá-lo para o número de sua mercearia, e, na tela, aparecerá todo o estoque disponível na ocasião. Primeiro, ela olha para os gêneros de primeira necessidade, e, enquanto a câmara focaliza, em «close-up», detalhadamente, cada produto disponível, a senhora, calmamente sentada em sua sala de estar, ordena o que deseja que lhe tragam, por meio de um pequenino microscópio entrosado com o painel controlador da televisão.

E existe ainda outra particularidade nessa TV, que pode ser assim descrita: se um bom programa tiver de ser levado ao ar enquanto os Whartons estiverem fora, eles simplesmente deixarão o aparelho gravador de imagens, e, assim que voltarem, poderão apreciá-lo. E' o que dissemos: som e imagem gravados simultaneamente, em três dimensões, e a cores!...

Comumente, chama-se a isso, em 1890, Tri-Di, contração, é claro, de «televisão tri-dimensional».

No quarto de dormir dos Whartons, dois armários guardam as vestimentas do casal. Madame possui uma bela coleção do que de mais elegante e prático encerra o guarda-roupa de 1980. A maior parte dos materiais é sintético, alguns feitos em «materiais naturais», que imitam lã, algodão, linho ou seda, e outros, afinal, possuem cor, peso, talhe e linhas totalmente diferentes de qualquer coisa hoje em dia usada. Os «materiais naturais», aliás, são empregados unicamente para satisfazer



aos desportistas, ou ainda aos poucos maníacos que ainda desejam suas roupas semelhantes às dos anos passados, desprezando os trajes modernos.

As mulheres de 1980 usarão costumes mais leves do que os de hoje, e trajes de gala totalmente diferentes dos atuais, mais belos e que permitem, aos possuidores, que de um só traje vários outros possam ser derivados, com um simples manejar de fazenda, e imaginação. As roupas de rua e de trabalho, em 1980, quer femininas, quer masculinas, serão bem mais coloridas que as do presente, e quase todas desenhadas de acordo a agradar aos olhares do sexo contrário.

A roupa do senhor Wharton, bem como a de sua esposa, é quase toda «climatizada». As fibras interiores são permanentemente tratadas mediante substâncias químicas que, reagindo com a própria temperatura dos corpos humanos, e com o suor, mantêm temperaturas confortáveis mesmo no mais violento verão, ou no mais duro inverno. Quase todas as roupas masculinas serão de uma só peça, desenhadas para o conforto e para a elegância. Algumas delas possuirão cores inéditas, totalmente desconhecidas há 25 anos atrás, mais nítidas e atraentes.

E quer as roupas masculinas, quer as femininas, são confeccionadas em material consideravelmente mais leve, que os usados em 1955. Isso porém não quer dizer que não sejam resistentes e duradouras. E, por causa da «climatização», as roupas de inverno têm o mesmo peso que as de verão, embora sejam muitíssimo mais quentes que todos os capotes pesados e enormes agasalhos que nos dias atuais os homens arrastam pelas ruas a fora, em dias de frio, e que, nos de calor, constituem verdadeiras incongruências, mesmo guardadas no fundo dos armários.

Naturalmente que todo o lar dos Whartons está «climatizado» — não dissemos dotado de ar condicionado, mas climatizado. A temperatura, a umidade, a composição do ar, no interior do aposento, é controlada por meio da eletrônica. Um grande painel eletrônico, feito em plástico, de

um metro por metro e meio, e com cinco centímetros de largura, põe ar no quarto, através do teto ou das próprias paredes. Consumindo pouquíssima eletricidade, não possui partes removíveis, e agita as massas de ar mediante correntes covexas. Cômodo, sem dúvida alguma.

A cozinha dos Whartons é a padronizada para 1980. Ocupando cerca de quatro metros de uma parede, estão os serviços de refrigeração. Um, que está colocado a um canto, é um filtro. Outro, ao lado desse, produz cubos de gelo unicamente. Pouco além está uma combinação de conservadora de alimentos e refrigeradora. O refrigerador ocupa a parte superior, e na inferior são colocados os alimentos que se desejam conservar. Duas portas individuais deslizam, verticalmente, ao leve encosto de um dedo. Um outro compartimento, ultra-refrigerado, fica ao lado do anterior, e se destina à armazenagem de alfaces, couves e outras folhagens, que não se podem preservar pelos métodos modernos de isótopos atômicos. Atrás dessa divisão ainda fica um outro lugar para guardar alimentos — como carnes e conservas diversas, frutas e líquidos, engarrafados. São alimentos conservados por meio de radiação atômica, e que destarte são mantidos frescos por um período indeterminado.

Há o caso do professor universitário que levou no bolso de seu palitô, para estudo, um pedaço de carne de dois anos atrás, conservado na geladeira; e o achou tão bom como se tivesse sido cortado hoje. Contudo, hoje em dia as carnes congeladas perdem todo o seu sabor, e os cientistas acreditam que ainda levarão alguns anos até contornar essas dificuldades todas.

A um canto da cozinha está um dispositivo que Madame Wharton adora. É um lavador-secador-enxaguador de pratos. Basta colocar os pratos nesse aparelho — sem preocupar-se com qualquer espécie de cuidado — e ele se incumbem de lavá-los, secá-los e distribuí-los posteriormente, pelos tamanhos, dirigindo as águas em que foram lavados para o reservatório no subsolo.

FOGE A "TORCIDA" DOS ESTÁDIOS O FUTEBOL VAI À FALÊNCIA... POR QUÊ?

Texto e fotos
de W. GUARNIERE



**O GOZADOR
SUPER XX**
(Everardo Guilhaon, do «Diário Carioca»)

«É tudo uma «bagunça». Nem os preços das entradas a gente sabe mais!... O torcedor vive sem saber quando vai haver jogo...»

«Antigamente a gente andava de calendário no bolso e os jogos ali estavam marcados na «batata» — lembra com a irreverência costumeira o popular «Super XX» (Everardo Guilhaon, do «Diário Carioca»). — Hoje, o torcedor vive sem saber se vai haver jogo mesmo no domingo ou se vai passar 15 dias sem futebol... E os horários? Cada jogo começa à hora que bem entende... E os preços? Antigamente, também, a gente reservava as «20 pratas» para o domingo... Hoje, nem se sabe quanto custa: «É no Maracanã o jogo?», então é no campo «dêles», e vai me custar mais caro... A intranquilidade domina as torcidas e vai pisando no seu entusiasmo. E vai dando raiva... Então, muita gente vai deixando de sair de casa aos domingos, enfrentar um lotação e depois uma «fila» para ver «coisinhas» em Olaria ou Madureira...

O paredro das entrevistas é outro mal do futebol. Vive com a «cara» nos jornais, apregoando: — «Sacrifiquei-me pelo esporte...» A gente vai ver ele não se sacrificou coisa alguma. Quer «cartaz»...



**O «CONAISEUR»
ALBERT LAURENCE.**
cronista internacional de «Última Hora».



Os dirigentes não cuidam dos interesses do público na elaboração dos seus programas de espetáculos futebolísticos.

«A crise atual do futebol carioca se deve à má organização, isto é, à desorganização do calendário desportivo — afirma Albert Laurence, um dos «ases» da crônica especializada e diretor da Seção de Esportes do vespertino «Última Hora» — para acrescentar: «Os dirigentes pensam mais em assegurar vitórias das suas côres (como se isso fosse possível) do que em apresentar às torcidas um espetáculo interessante e variado. Deixam um Maracanã vazio durante

semanas e depois têm que organizar vários jogos importantes a poucas horas de intervalo.

A imposição que se faz aos «técnicos» de **ganhar sempre**, levou ao apogeu o reino das «táticas defensivas», o que, tecnicamente, se admite, porém tira grande parte da sua beleza ao jogo de futebol.

O jogo violento devido às más arbitragens também prejudica, e grandemente, o lado estético do «soccer».

O futebol — como espetáculo — conclui — decresceu bastante e a tudo isso se junta, agora, um «calendário» absurdo para afugentar a torcida dos estádios.

O futebol carioca, mais uma vez, entra em crise profunda. Desde que entre nós se implantou o regime profissional, com a sua exclusiva preocupação mercantilística, o futebol vem sofrendo, periodicamente, essas crises agudas. Os seus mentores, preocupados com as aperturas financeiras, (os «deficits» permanentes das seções de futebol dos clubes), improvisam soluções imediatistas, promovendo, durante o ano inteiro, torneios extraordinários, tanto nesta capital como nos Estados e no exterior. Tudo isso, para equilibrar suas receitas, e fazer face às enormes despesas que os altos ordena-

dos e polpudas gratificações dos jogadores estão a exigir permanentemente.

Quando a situação piora (e não há mais jeito) os clubes se reúnem e resolvem interromper o campeonato e promover, às pressas, um torneio extra qualquer, para arrancar mais dinheiro do bolso da torcida..

Mas, esse procedimento não agrada ao torcedor, que, em represália, deixa de comparecer aos jogos programados, acarretando, com isso, ainda maiores «deficits» na minguada receita. A crise sobrevém e o interesse do público se dissipa. Já não se ouve mais aquelas intermináveis e entusiásticas discussões das segundas-feiras pela cidade. O torcedor carioca vive desanimado:

— «NÃO ME FALE EM FUTEBOL, POR FAVOR...» — é o refrão mais comum desses últimos tempos.

E tudo isso por quê? Por culpa de quem?

Promovendo um debate entre aqueles que direta ou indiretamente estão envolvidos em coisas do futebol, procuramos ouvir a opinião dos elementos de maior prestígio no esporte.

Recolhendo, primeiro, as queixas da crônica especializada, que, pela sua função de vigilância se acha capacitada a apontar as causas da crise, e ouvindo as explicações de alguns mentores acreditamos registrar o ambiente de intranquilidade desses dias trágicos — que, segundo muitos entendidos, podem levar o futebol à falência...



TUDO COMBINADO : NADA RESOLVIDO

Reunião dos presidentes de clubes: 4 horas de «bate-papo» e muito «whisky and soda». «Não se faz planejamento porque a hora é de aperturas. A interrupção do campeonato é um «mal necessário». Na mingua em que andamos, temos que ir buscar os dólares onde eles estiverem...» declarou o presidente da mesa. E não há uma voz discordante. A questão é apenas financeira.

Há muito «embaçado» dando conselho aos dirigentes, e a falta de dinheiro leva os clubes a promover as interrupções do campeonato para excursões mais lucrativas. E' tudo improvisado de acordo com os interesses imediatos. Ninguém pensa no futuro.

Se, amanhã, o Flamengo precisar de dinheiro, é fácil **arranjar** umas **datas** para se promover qualquer **quadrangular**. E o público? Este perde interesse pelo campeonato e foge dos estádios para provar seu desinteresse.

E' preciso aproveitar as lições dos enganos já cometidos para buscar soluções acertadas. Mas, isso quando?

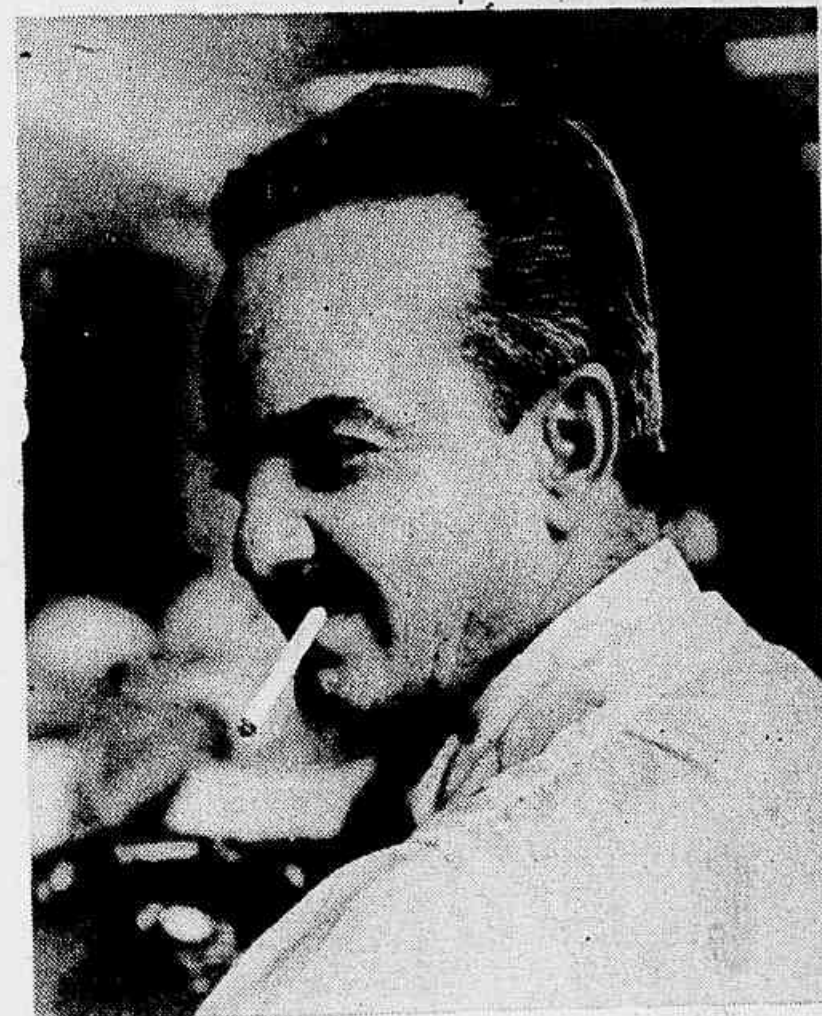


O AUSTERO
JOSÉ BRÍGIDO,
do «Diário de Notícias»

«A indisciplina e a violência — protegidas pelos interesses clubísticos — explicam também a retração do público.

«A má organização do nosso futebol — assegura José Brígido, responsável pela Seção de Esportes do matutino «Diário de Notícias» — é uma das causas da crise que atravessa o esporte. O futebol está grandemente necessitado de uma reforma radical; **mas os clubes não querem sinceramente uma reforma básica**. Preferem contornar os problemas, fugindo à realidade. Quando se fala em organização de divisões, com a finalidade taxativa de ascenso e descenso, o mundo vem abaixo... Os tabus são grandes e poderosos, entravando o natural progresso do futebol. Além disso há a demagogia desenfreada em todos os setores, multiforme e insidiosa. Há locomotivas elétricas a conduzir vagões vazios...

Enquanto não se compreender que o progresso é iconoclasta, não encontraremos melhores caminhos para o futebol, prejudicado pela mentalidade retardada de alguns homens, contra os quais nada têm podido fazer os esportistas realmente esclarecidos».



O EXPERIENTE
RICARDO SERRAN,
de «O Globo»

«Há uma «vocação suicida» dos dirigentes em pretender «salvar» o futebol usando o regime da improvisação...»

«A desorganização leva clubes e entidades ao fracasso — explica Ricardo Serran, diretor da Seção de Esportes de «O Globo».

— Há muitos anos que escrevo sobre a vocação suicida dos nossos dirigentes, que se gastam em tolices numa tentativa ridícula de «salvar» o nosso futebol. Assim, perdem dinheiro, ficam de cabelos brancos e somente ganham inimigos depois que largam os postos de comando





**O «PAPA»
MÁRIO FILHO,
do «Jornal dos Sports»**

«O torcedor não vai ver bom futebol. Os encontros que rendem mais são os decisivos; onde ninguém pensa em beleza.»

«Nenhuma influência exerce a discutível diminuição da beleza do futebol — pontifica o chamado «Papa» do futebol brasileiro, Mário Filho, diretor do «Jornal dos Sports». Os encontros que rendem mais são, justamente, os encontros decisivos que obrigam os adversários a tais cuidados defensivos, a tais preocupações de derrota, que ninguém em campo pode pensar em beleza de futebol. O torcedor não se importa com isso.

Outra causa da crise são as interrupções do campeonato que foram quebrando o «elan» do público, fazendo com que a cada reinício se tivesse a impressão de que tudo ia começar de novo e que nada acontecera ainda.

Os clubes, pelas dificuldades que atravessam, não conseguiram convencer o público de que colocam o campeonato acima de tudo. E o público precisa estar convencido disso, mesmo porque sente muito mais, do que vê o futebol... E ele só se identifica com o time, quando o time lhe parece que vai se matar em campo. O público para viver o campeonato tem que viver cada jogo; e aí, então sim, ele também se dispõe a morrer pelo seu clube.



**O ACIONISTA
CLÓVIS MONTEIRO,
presidente do São Cristóvão**



**O ADMINISTRADOR
JOSÉ MARIA SCASSA,
comentarista da televisão**

«Falta gerência ao futebol, falta direção profissionalismo. O que hoje se delibera é com espírito amadorista.»

«A crise financeira no futebol brasileiro é crônica — ensina José Maria Scassa, comentarista esportivo da televisão. — Os clubes tentam, há muito tempo, encontrar remédio para o mal, mas não conseguem. Não conseguem porque falta gerência ao futebol. Os homens que orientam e dirigem, conservam o espírito amadorista e assim deliberam. Quando começam a resolver os problemas são substituídos por outros menos experientes ainda... O que de aproveitável existe em matéria de organização no futebol brasileiro é obra ainda do finado Mister Brown, da Liga Carioca — inclusive os esquemas de tabelas... Não há planejamento, não há previsão.

Deixam os dirigentes de planejar para deliberar clubisticamente em cima da hora e em cima... da perna.

Felizmente, agora no princípio do ano, parece que os clubes vêm se movimentando mais unidos. Há vontade de planejar e empenho em cuidar da receita sempre desprezada por todos. Vamos ver em 56».

«Só transformando os clubes em Sociedades Anônimas, com a venda de ações na Bolsa, e uma sociedade comercial.

«Estou de acordo, também, em que ao nosso futebol esteja faltando gerência; aos clubes principalmente. — confirma o sr. Clóvis Monteiro, presidente do S. Cristóvão de Futebol e Regatas.

«Hoje em dia, os clubes são dirigidos com a mentalidade do torcedor e não com a de um verdadeiro administrador, como deveria. Quando as finanças vão mal para o clube, não interessa se a verba já «estourou» ou vai «estourar», o que interessa é ir buscar o dinheiro, seja de que maneira for...»

«Por isso, vai tudo de mal a pior...»

«Transformar os clubes em Sociedades Anônimas, reservando-se os 51% das ações para poder deliberar soberanamente, parece-me uma boa solução para a crise financeira. As ações restantes poderiam ser divididas entre os asso-



**O «CALEJADO»
LUÍS BAYER,
do «Jornal dos Sports»**

«Enquanto leigos organizarem «tabelas» e continuar a corrida das cifras para as aquisições de jogadores, não há solução...»

«A «tabela» é organizada de modo totalmente errado, — verbera Luís Bayer, redator esportivo do «Jornal dos Sports». Não se procura fazer a distribuição dos jogos segundo as suas importâncias, de forma a despertar o interesse do «torcedor». Começa-se o campeonato com 5 rodadas inexpressivas e depois acumulam-se os «clássicos» nas rodadas seguintes... E os 3 turnos? Só o terceiro é que aponta o campeão... Ora, o torcedor também sabe disso... Logo é mais um motivo para a evasão de rendas e da conseqüente crise financeira dos clubes, já asoberbados com os grandes ordenados e gratificações.

E os clubes chamados «pequenos» são os mais prejudicados com isso, pois quando o campeonato começa a «valer» mesmo, eles já se acham desclassificados de há muito...

Se os clubes se unissem, na verdadeira expressão do termo e se dispusessem a fixar normas para serem cumpridas, então corrigir-se-ia todos esses erros. Mas, isso quando se dará?»

ciados, ou negociadas na Bolsa de Títulos, indiferentemente.

Do jeito que está é que não pode continuar, senão o futebol acaba indo à garra...»

Como complementação desse trabalho, teve este repórter oportunidade de assistir a uma reunião de dirigentes de clubes, onde precisamente esses e outros problemas se debatiam. E para que os leitores tenham uma idéia de como se procura ajustar os interesses e solucionar os impasses para superar a crise, basta citar o fato de que os debates se prolongaram por 4 horas seguidas, buscando uma solução para as chamadas «interrupções» do campeonato.



O PECADOR
FADEL FADEL,
do Clube de Regatas do Flamengo

«Somos culpados, sim. Mas, o futebol é feito na base do dinheiro. E até a televisão está contra nós... afastando a «torcida» dos estádios...»

«Os responsáveis pelos destinos dos clubes sabem que são culpados pela desorganização que aí está — afirma Fadel Fadel, diretor dos interesses profissionais do C.R. Flamengo. Mas, futebol é feito na base de dinheiro e nós temos que arranjá-lo custe o que custar, esteja onde estiver. Senão é a falência de tudo. E quem é que nos dá o dinheiro? Não é o público prestigiando os jogos?»

As interrupções do campeonato — (que deveria, a meu ver, começar em maio para terminar, no mais tardar, em novembro) — causam desgosto ao aficionado, que deixa de comparecer a muitos jogos. A canícula é outro fator preponderante. Enfrentar uma arquibancada com esse sol de «rachar» é sacrifício a que ninguém se sujeita. Temos, portanto, tudo contra nós. Até a televisão... vem «acomodar» as coisas afastando o «torcedor» do campo. E isso é fato comprovado. Tenho amigos que me asseguram preferir (se fôsse o caso) pagar Cr\$ 100,00 para assistir a um jogo pela televisão, a comprar a sua arquibancada por Cr\$ 20,00. Os espetáculos televisados podem influir torcedores a comparecer ao próximo jogo, mas afastam adeptos muito mais do que se pensa.»

«Fácil, muito fácil é apontar os erros. O difícil no entanto é corrigi-los como devem ser corrigidos...»

«O regime deficitário em que permanentemen-

Pois bem, após intermináveis discussões (regadas a uísque, por causa do calor...) **ALGUÉM DESCOBRIU, QUANDO FALTAVAM 5 MINUTOS PARA O TÉRMINO DA REUNIÃO** — que nada do que tinha sido resolvido até aquele momento iria servir, **POIS AINDA NÃO SE CONHECIA A OPINIÃO DOS DIRIGENTES DE S. PAULO...** Foi uma decepção. Ninguém havia se lembrado antes...

Mas, isso não quer dizer que as soluções não estejam a caminho...



O DIRETOR
GUILHERME DE FIGUEIREDO,
diretor da TV-Tupi

«Isso é balela! Quem afasta a «torcida» dos estádios é a praia e o «sorvete de côco», e não a televisão...»

«O verdadeiro «torcida» prefere assistir no «estádio» o desenrolar das partidas de futebol. E' como «São Tomé»... Não se satisfaz com os espetáculos televisados, nem se entusiasma com eles tão pouco», — defende-se o diretor da televisão Tupi, o conhecido teatrólogo e escritor Guilherme de Figueiredo. «E' o calor que afugenta a torcida e não a televisão».

«Quem já viu um sujeito sozinho dentro de um quarto, em frente ao seu aparelho de televisão, gritar um «goal», vibrando como no campo? E' no estádio que ele se incorpora ao espetáculo, e vibra com ele».

«O que a televisão proporciona ao futebol é a conquista de **novos adeptos**. E' gente que **jamais sairia de casa** para assistir a um encontro seja de que espécie fôsse. Esses, agora, que formam legiões, divertem-se assistindo o futebol que a televisão populariza. Isso, para não citar o caso de meu filho, que já agora, arrebatado pelo entusiasmo, **obriga-me a comparecer** ao Maracanã para assistir a jogos, que **pela televisão** não lhe proporcionam a exaltação que procura...»

te se debatem as seções de futebol dos clubes não pode ser sanado com o aumento do quadro social, ou a diversificação de suas atividades esportivas — que poderia ser uma das soluções para a crise — revela o presidente do Fluminense F.C., sr. Jorge Amaro de Freitas.

«Por lei, as receitas proporcionadas pelos demais setores de atividades (quer sociais ou desportivas) não podem ser aplicadas em benefício do futebol.

«A atual desorganização é fruto tão somente do desequilíbrio financeiro que leva os clubes a buscar as soluções mais imediatas para as suas aperturas. E isso é crônico no nosso regime profissionalista».

«Apontar os erros, todavia, é muito fácil. Corrigi-los é que exige fôlego. Estamos a caminho de muitas das soluções que estão a se impor no futebol profissional. Mas, é preciso muito tempo ainda, para que possamos sair dessa crise que vem afogando o futebol brasileiro».



O PRESIDENTE
JOSÉ ALVES DE MORAES,
do Clube de Regatas do Flamengo

«A interrupção é um mal. Mas, quando se oferece oportunidade de uma excursão lucrativa, a gente tem que parar o campeonato para ir buscar os dólares...»

«Não se faz planejamento porque a hora é de aperturas» — confessa o presidente do «clube mais querido do Brasil», o sr. José Alves de Moraes.

«Felizmente, agora, já temos um calendário. Mas, o problema do futebol brasileiro é muito complexo e envolve numerosos fatores, que não podem deixar de ser considerado.

«O meu clube, por exemplo, tem uma despesa diária de 35.000 cruzeiros, só com os atletas profissionais. Apesar de ser o primeiro em rendas, o dinheiro não dá para as despesas... Uma das soluções que aponto, seria a da diminuição das percentagens pagas à Municipalidade nos jogos do Maracanã. Isso desatogaria um pouco. Mas, não se pode planejar nada com segurança. Ficamos, eternamente, **acomodando** situações porque o monstro dos «deficits» vive a ameaçar os clubes.

«A reforma para salvar o futebol tem que ser de base. E' preciso uma estrutura mais sólida para a própria Confederação que superintende o desporto.

«Precisamos, também, deixar dessa mania de dar «entrevistas» sem apontar soluções.



O SIZUDO
JORGE AMARO DE FREITAS
Presidente do Fluminense F.C.

Não permita que "ÊLE" fique careca

— Se você vem notando que os cabelos "dêle" estão caindo pouco a pouco e que nenhuma providência foi tomada para deter essa queda, esteja certa de que, mais cedo ou mais tarde, "êle" ficará calvo.



Está em suas mãos, entretanto, evitar que isso aconteça.



Sugira - "lhe" o uso diário da Tricomicina e diga - "lhe" que você acredita na ação da Tricomicina



* **porque** algumas substâncias contidas em sua fórmula fortalecem as raízes capilares e asseguram aos cabelos perfeita fixação ao couro cabeludo;

* **porque** outros elementos, também contidos na Tricomicina, atacam e eliminam a caspa e a seborreia, evitando assim o enfraquecimento dos cabelos;

* **porque** desde o seu aparecimento até hoje a Tricomicina tem beneficiado a milhares de pessoas, conforme provam os atestados que periodicamente são publicados na imprensa e também

* **porque** a Tricomicina é um produto de qualidade, preparado cientificamente sob a orientação e fiscalização diretas do seu descobridor.

Loção Tricomicina

* Combate a calvície — * Detém a queda dos cabelos — * Elimina a caspa

À VENDA EM TODAS AS FARMÁCIAS, DROGARIAS E PERFUMARIAS DO BRASIL

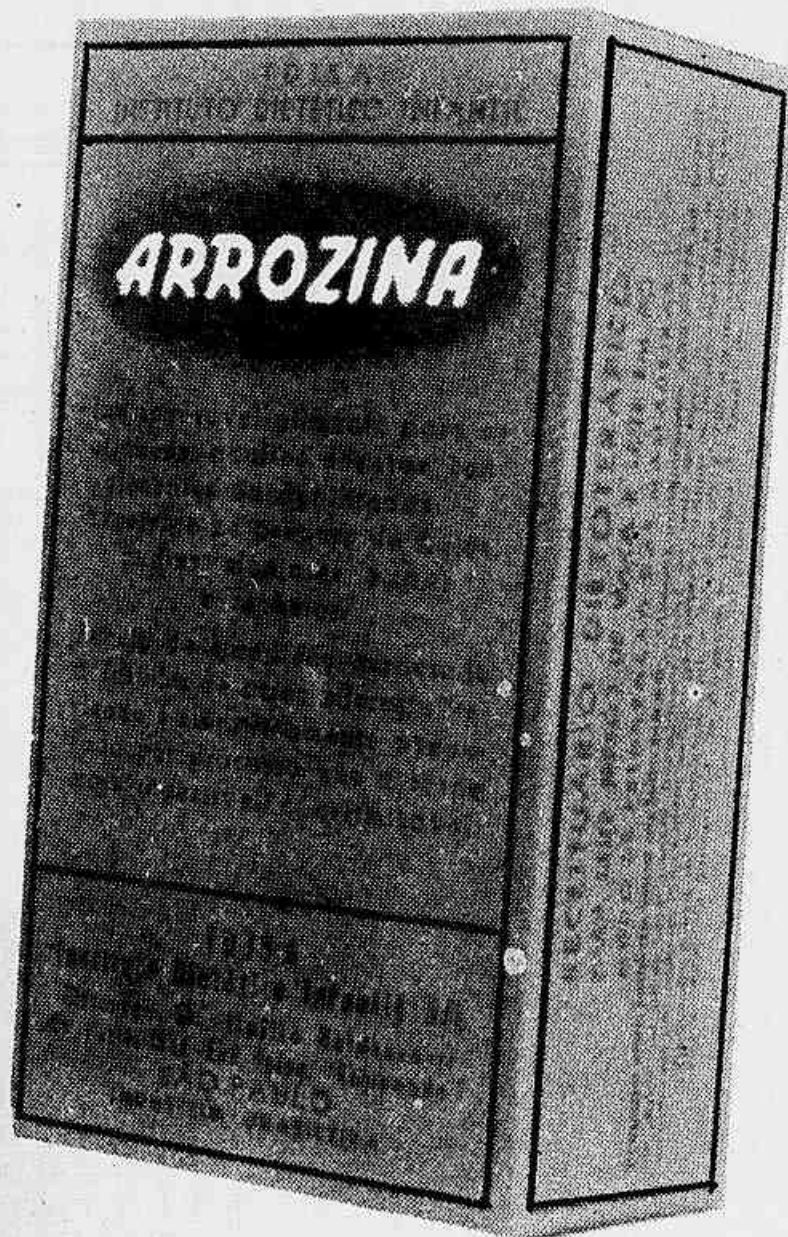
É hora do "RANCHO"

BOAS FESTAS



seu filho
cresce com

O alimento
que levanta
o peso
do bebê



A venda em
armazéns,
mercearias
e
farmácias

*Experimente Arrozina em
mingaus, cremes, recheios e bolos*

UM PRODUTO



**Instituto Dietético
Infantil S.L.**

CAIXA POSTAL 4334 — SÃO PAULO

Representantes em Todo o País

REVISTA DA SEMANA — 24

A GRADECEMOS e retribuimos as mensagens de Natal e Ano Novo que nos enviaram: Comp. Importadora Sueca Ltda. e seus representantes Leje & Thurne A/B de Stocolmo (Suécia) — Associação Brasileira de Propaganda — José Leal e senhora — Abdias Rodrigues e família — Cooperativa dos Autores Musicais — «Italia» Società di Navigazione-Genova — «Italmar» S.A. Brasileira de Empresas Marítimas — Renato Machado e família — Eliana e Renato Murce — Comp. Universal de Fósforos — Francisco Cupello e família — Atlantic Refining Comp. of Brazil — Cicero Araújo — Comp. T. Janér Comércio e Indústria — Francisco Riccio e irmão — Brazilian American Survey — Henryk Szula — Haroldo Rezende — Cantora Rosária Meireles — Renata Fronzi e César Ladeira (Lisboa) — Banda Lusitana — Hotel Glória — Casa Fernandes (Joinville) — R. Fernandes Magalhães — Orlando Luís Zampronio (Clevelândia, Paraná) — Irmãos Tonhoque Ltda. — Editora Brasil Musical — Bartholomeu de Oliveira (João Pessoa, Paraíba do Norte) — Graphicor Concentra Hartmann Irmãos S.A. — KLM, Cia. Real Holandesa de Aviação — João Meyer, Louças e Representações Ltda. — Nadir de Melo Couto — Grande Hotel Prata (Águas do Prata, Minas) — Jardelino Ferreira de Macedo (Santa Maria, Rio G. do Sul) — Joaquina Matilde e Célia Soares Coelho — Fátima do Rosário — Legião dos Veteranos da Guerra do Brasil (Seção de S. João d'El-Rei) — Olinda Teixeira — Alziro Zorur — Manuel Jorge e família — Interestampa, Serviço Internacional Editorial — Pel-Mex Filmes — Arthur A. Guill, Mergenthaler Linotype Company — «Folha da Manhã», «Folha da Tarde», (São Paulo) — Antônio Mazzoni (São José do Rio Preto, São Paulo) — Organizações Rubens Berardo — Braga Filho — Otávio Sagetin — A. Linhares & Cia. — Jubileu, Empresa Baiana de Publicidade — Sociedade Nacional de Agricultura — S.A. Raimundo Corrêa (Bahia) — Publicidade e Informações (Nilópolis, E. Rio).

Registamos e agradecemos a mensagem de Feliz Ano Novo do Ministro da Aeronáutica, brigadeiro Alves Secco.

O SEGRÊDO É OUTRO E ESTÁ AO SEU ALCANCE



Não adianta vender tudo mais barato. O caminho para vender mais e, portanto, para obter mais lucro é anunciar mais — e anunciar num veículo cujos leitores tenham, de fato, poder aquisitivo. O MUNDO PORTUGUÊS é o jornal indicado para promoção de vendas — 80% dos seus leitores são compradores em potencial de todos os produtos anunciados pela imprensa.

Está ao seu alcance o segredo para ganhar mais, para obter mais lucro:

ANUNCIE EM

**O MUNDO
PORTUGUÊS**

UM JORNAL PARA O BRASIL E PORTUGAL

Publicidade: AVENIDA RIO BRANCO, 277 - 1.203 - Tel. 32-0499

CARNAVAL MELANCÓLICO

FERNANDO LÔBO

NATAL estava findando, deixando ainda o gosto de filhotes na boca de todos nós e já se pensava no que iria ser o Carnaval. Carnaval do Norte, meu Carnaval de outros tempos, sempre foi festa feita com a sua intenção de origem. Quatro dias em que só valia viver alegre, uma alegria certa sem combustível imposto, sem ganância de prêmios, sem fantasia de improviso. Já por volta das primeiras chuvas de janeiro um clube estourava de surpresa, dentro da madrugada, os seus frevos mais novos, dos seus pistons afinados, dos seus trombones macios, dos seus sons contidos, sons certos e que dão saudade até hoje. Estourava um «Vassourinhas» lá na Camboa do Carmo e era um alvoroço dentro da madrugada mansa do Recife que dormia cedo. E as famílias iam para as janelas altas, das sacadas dos sobrados moças e moços, velhos e velhas, com a máscara do sono misturada a um sorriso alegre para ver «Vassourinhas» passar e aceitar dele o seu cumprimento regulamentar.

E' com a lembrança de ontem que subo a serra, nesses fins de semana estourados de calor, nesse momento onde alegria é coisa proibida, regulamentada, censurada até. O Carnaval agoniza nesta estufa do tempo e agoniza ainda pela força de tristeza que cada cidadão traz dentro do peito. Era comum apontar-se outrora àquele desembargador sisudo, um folião dos maiores nos quatro dias; era coisa banal ver-se a casa austera do magistrado austero transformada numa espécie de grêmio familiar, nos quatro dias, dia e noite sem parar. Hoje o que existe é uma via pela rua. A música é feita numa antecipação tão vergonhosa que mal sabemos ou temos tempo de sabor o que se vai cantar. Dentro de todas elas uma violenta falta de gosto, de crítica, de romantismo, de sabor, que eram misturas indispensáveis à receita do compositor carioca.

«esta mulher há muito tempo me provoca...
dá nela... dá nela...»

Um dia dêsses ouvi um «long-play» de Lamartine Babo com os seus velhos sucessos por êle repetidos. Não tenho vergonha do meu saudosismo, sinto-me até muito bem com êle. Mas, dificilmente poderei comparar a «Marcha do funil» com «O teu cabelo não nega», «Linda morena» e outras de outros tempos. Perdoem-me os que são do direito do «funil», dos que são de outros direitos, mas direito também tem toda gente de ter saudades e de evocar tempos, indiscutivelmente melhores. Vem um Carnaval aí. Mais um Carnaval triste, quente e de músicas verdes. E como pode haver alegria se tudo está pela hora da morte, os bolsos estão vazios, e pela hora da morte também o Carnaval? Quem é de meu tempo pode cantar onde estiver, com quem estiver e com a quantidade dos amigos que puder:

«Eva querida
Quero ser o teu Adão
Dar-te-ei o meu amor e minha vida

Em troca do teu coração...

E assim estaremos louvando a memória dos grandes carnavais e prestando uma homenagem sentida a êsse Carnaval morto que aí vem.

NÃO SE DORME NA SERRA

Faz calor e «quem sabe sabe, conhece bem», que o que é bom é Petrópolis, Corrêas, Teresópolis, nesses dias danados de calor. O calor sempre existiu e a tranquilidade daqueles cantos existiu até bem pouco, até a hora em que uma certa companhia de ônibus daquela linha resolveu introduzir nos seus veículos uma buzina a jato que é ouvida a longa distância. O «chauffeur» impiedoso tem prazer em catucá-la de quando em vez, como menino faz com brinquedo novo. Durante a noite a gente desperta de coração rateando, as crianças acordam chorando e as pessoas que nos sanatórios e nas casas de saúde buscam saúde e repouso marcam ponto contra. Será que a Inspetoria de Veículos durante a noite está dormindo? Creio que isso só poderá acontecer se na sua porta não passarem os tais ônibus, com as tais buzinas. Mas, fica aqui o pedido de um da serra, pela tranquilidade dos que na serra estão por algum motivo.



MARINA — loura Marina... Está cada vez melhor nos «shows» de Machado. Vão vê-la em «Banzo Aiê» e digam «oba-aiê».



JORGE VEIGA... «o que eu sinto por você, não é amor, é obsessão».



DJALMA «DRINK» FERREIRA... há sempre um «Cadillac» que passa dentro da noite e que não leva seu dono sozinho...

ROTEIRINHO

Galinha com farola de bolão é no «Cabeça Chata» — O restaurante do «Mesbla» cada vez melhor e gostoso nesses dias de calor — Por força do calor fogem dos barzinhos da cidade, os boêmios do Vilarino — O «Farolito» tem suas noites alegres e repletas de «cigarras» — Virgínia Noronha dentro das noites do «Le Carroussel» — O «Clube 36» firme enquanto houver atrações como Caymmi.



Entre os componentes do festim, os olhos de Juan, espantados, divisaram Jeremias, e a seu lado uma estranha criatura...

O TESOURO DO BARBA RUBRA

CAPÍTULO 2º

A aparição de Juanito constituiu motivo de divertimento para os convivas da festa. Muito espantado com o luxo sibarita do salão e atemorizado pela presença de tantos desconhecidos, correu a pedir a proteção de Jeremias. Mas o homem não gostou da idéia:

— Que fizeste ao meu cocheiro? — gritou indignado. Deixaste-o quase morto na estrada...

— Eu, não... — respondeu o menino, empalidecendo.

— Ordenei que te conduzissem ao norte para seres internado em uma escola onde deves receber educação, e afinal...

— Preferia ficar aqui, senhor! — balbuciou o pequeno, enquanto alguns hóspedes, que se haviam agrupado em torno, riam-se de Juan ao vê-lo perturbado.

— Mas quem te poderá educar neste lugar? — perguntou Jeremias, de maus modos.

— O senhor mesmo... — respondeu Juan com convicção.

Isso aumentou o riso dos presentes.

— Pelo que estou vendo, terás de deixar de fumar e de beber para dar um bom exemplo...

— disse, numa gargalhada, um tipo de má catadura.

Jeremias refletiu na sugestão do garoto. Lord

(Moonfleet)

Entrecho baseado no filme da M.G.M., de uma novela de J. Meade Falkner.

INTERPRETES:

Jeremias Fox.....	STEWART GRANGER
Lord Ashwood.....	GEORGE SANDERS
Lady Ashwood.....	JOAN GREENWOOD
Sra. Minton.....	VIVECA LINDFORDS
Juan Mohune.....	JON WHITELEY
Gitana.....	LILIANE MONTEVECCHI
Félix Ratsey.....	MELVILLE COOPER
Elsevir Block.....	SEAN MC CLORY

Direção: FRITZ LANG

Ashwood, um façanhudo cavalheiro de rosto entumecido pelo álcool, aproximou-se do grupo:

— Meu querido Fox — disse-lhe — se este bom menino está disposto a cursar a carreira de contrabandista, não há ninguém na Inglaterra que melhor possa educá-lo.

Muito ofendido, Juan voltou o rosto irritado para o interlocutor, gritando-lhe:

— Senhor, protesto contra essa insinuação!

Os convivas quedaram-se admirados com a firmeza da palavra do garoto, enquanto Jeremias, impressionado com a sua lealdade, resolveu deixar que Juan ficasse em sua companhia.

A meia-noite, despertou chorando e Jeremias correu ao seu aposento.

— Sonhei que todos me estavam batendo...

— gritou, nervoso. Os cachorros queriam morder-me... Mamãe me preveniu...

— Tua mãe? Quê te disse tua mãe, afinal?

— Preveniu-me sobre um amigo que foi uma vez visitá-la nesta casa... e como seus pais haviam soltado os cachorros contra ele!

— Tua mãe tem uma imaginação muito viva... Ela não te devia encher a cabeça com tantas taraminholas...

Pela porta entreaberta, uma mulher escutava com atenção esse diálogo. Era conhecida pelo nome de sra. Minton. Seu rosto era bonito, mas nela havia um sulco de profunda melancolia.

— Por que mentes a essa criança, Jeremias?

— perguntou ela em voz baixa. E aproximando-se, levantou-lhe parte da camisa, deixando a mostra umas horribes cicatrizes na altura do ombro. Sem proferir palavra, Jeremias saiu da habitação, cobrindo novamente o ombro, enquanto a sra. Minton se acercava de Juan e o tomava em seus braços.

— Quem é tua mãe? — perguntou. Por que te mandaram para aqui?

— Oh... — exclamou a criança assustada. Foi a ele quem os cachorros morderam...

— Cachorros? Que cachorros?

— Os cachorros dos Mohune...

A sra. Minton ficou-se estupefacta ao au-

vir aquelas palavras. Aos poucos soltou o garoto e, procurando pôr em ordem as idéias, saiu do aposento.

Na habitação contígua encontrou Jeremias observando, através de uma janela aberta, o céu tempestuoso. Aproximou-se d'ele, com suavidade acariciou-lhe um braço.

— Por que não me havias dito? — perguntou

— Ela está morta, Ana! — respondeu êle com voz rouca.

— Mas não para ti, Jeremias... — insistiu ela. Logo, elevando a voz: Por isso tivemos que abandonar a ilha! Não é verdade? E tudo para voltar a este maldito lugar! Por isso me fizeste sofrer, como tens feito sofrer aos outros... Por algo que te sucedeu nesta casa! Nesta que era a casa dela em outros tempos... Seria muito melhor que tudo me tivesses confessado!

— Para que? Para que tivesses piedade de mim?

— Não. Mas para que eu soubesse o destino que me esperava contigo. Dessa maneira jamais eu teria tido ciúmes das outras mulheres, com quem tratos de encher o imenso vazio da tua vida.

— Tens razão, Ana — respondeu Jeremias com a voz suave, encarando-a. Não devias ter participado da minha vida que te parece tão vasia. E' melhor que voltes depressa para as ilhas.

E assim falando, afastou-se dela, dirigindo-se para a porta. Ela o seguiu, gritando-lhe em desespero:

— Jeremias, bem sabes que não tenho ninguém nessas ilhas! Quando te acompanhei abandonei tudo por tua causa!

— Dentro de uma semana zarpará o «Boaventura» para as ilhas. Seguirás nêle — replicou Jeremias sêcamente, voltando-lhe as costas.

xxx

Do púlpito da igreja, o padre Glennie censurava o seu rebanho porque sem razão alguma faziam circular os rumores de que o defunto Barba Rubra penava pelos arredores do cemitério durante a noite. Sir Juan Mohune, a quem êles apelidavam «O Barba Rubra», havia sido um oficial da coroa, explicou-lhes o sacerdote e teria atraído aos superiores em troca de um valioso diamante que recebeu como pagamento da sua traição.

Ao ouvir essa revelação, Juanito redobrou de atenção pelo sermão. Muitas vezes sonhara encontrar a jóia que um de seus antepassados havia ocultado cuidadosamente, e com o preço d'ele, reconstruir a mansão que havia pertencido a sua mãe. Enquanto o padre continuava a pregar contra as idéias de superstição, um tétrico rumor surgiu do subsolo da igreja, que a fez estremecer dos alicerces à cúpula. Os fiéis, plétóricos de pensamentos lúgubres sobre Barba Rubra, dirigiram inquietos olhares para a lousa, no solo, que marcava a sepultura d'esse personagem, e quando o rumor se converteu em um inexplicável estrondo, todos saíram correndo, para a rua, possuídos do maior pânico.

xxx

De acôrdo com os conselhos e as lendas que havia escutado, Juan tinha certeza de que o famoso diamante estava escondido na tumba de Sir Juan Mohune. Convencido disso, uma noite saiu sozinho para explorar as vizinhanças do cemitério, procurando com uma lanterna o lugar de onde havia visto sair, dias antes, a mão descarnada que tanto susto lhe pegara. De súbito, a terra abriu-se sob seus pés e o garoto caiu pesadamente em um profundo e obscuro buraco.

Ao levantar-se, viu que se encontrava no interior de uma passagem subterrânea, cujas paredes e o teto se achavam mantidos por fortes andaimes. Cautelosamente, pôs-se a caminhar pelo túnel a dentro. A poucos passos, estava em uma câmara com muros de pedra, dividida em dois pavimentos. No inferior parcialmente via-se que estava inundado de água que produzia terrível cheiro e na qual estavam, semi-afunda-

RESUMO DO PRIMEIRO CAPITULO

Juan Mohune, um garoto de dez anos, ao dirigir-se para o lar de seus antepassados, tem que atravessar uma larga estrada ao fim da qual se encontra um solitário cemitério onde, quando se detém para descansar, lhe parece ver uma descarnada mão surgindo de uma das sepulturas. Assustado, põe-se a correr pelo campo, mas, ao tropeçar com uma pedra cai em um barranco. Ali permanece sem sentidos até que os vizinhos o recolhem. Quando volta a si, encontra-se rodeado de criaturas estranhas que lhe dirigem perguntas em catadupa. Sua impressão é a de ter caído nas mãos de um grupo de contrabandistas. Esses, examinam as roupas do garoto e em um dos bolsos encontram uma carta escrita pela extinta mãe da criança, recomendando-lhe que fôsse quanto antes para Moonfleet onde encontraria um homem de nome Jeremias Fox, devendo ficar sob a sua proteção. Esse Jeremias surge, de inesperado, e a carta lhe é entregue por um dos supostos bandidos. Ao lê-la, mostra-se perturbado e diz ao garoto que conheceu sua mãe poucos anos antes, mas que os pais dela tudo fizeram para separá-los. Isso contribuiu para lhe ocasionar sérios contratempos e que agora nada tem a ver com a mãe ou com o filho. No dia seguinte o garoto acorda no interior de uma carruagem que sai de Moonfleet a todo galope e, julgando-se vítima de um sequestro, grita pedindo socorro e chamando por Jeremias, a quem considera seu único amigo. Ninguém vai em sua ajuda, mas consegue escapar do veículo e regressa a Moonfleet, onde chega a tempo para descobrir, através de, uma janela pertencente a uma antiga mansão de sua mãe, que uma festa animada se realiza nesse instante. Surpreende-se ao ver Jeremias Fox entre o grupo animado e apressa-se em entrar no edificio.

dos, algumas caixas e barris com números marcados de ambos os lados. Os barris chocavam-se, a miúdo, impelidos pela água e produzindo um ruído sêco.

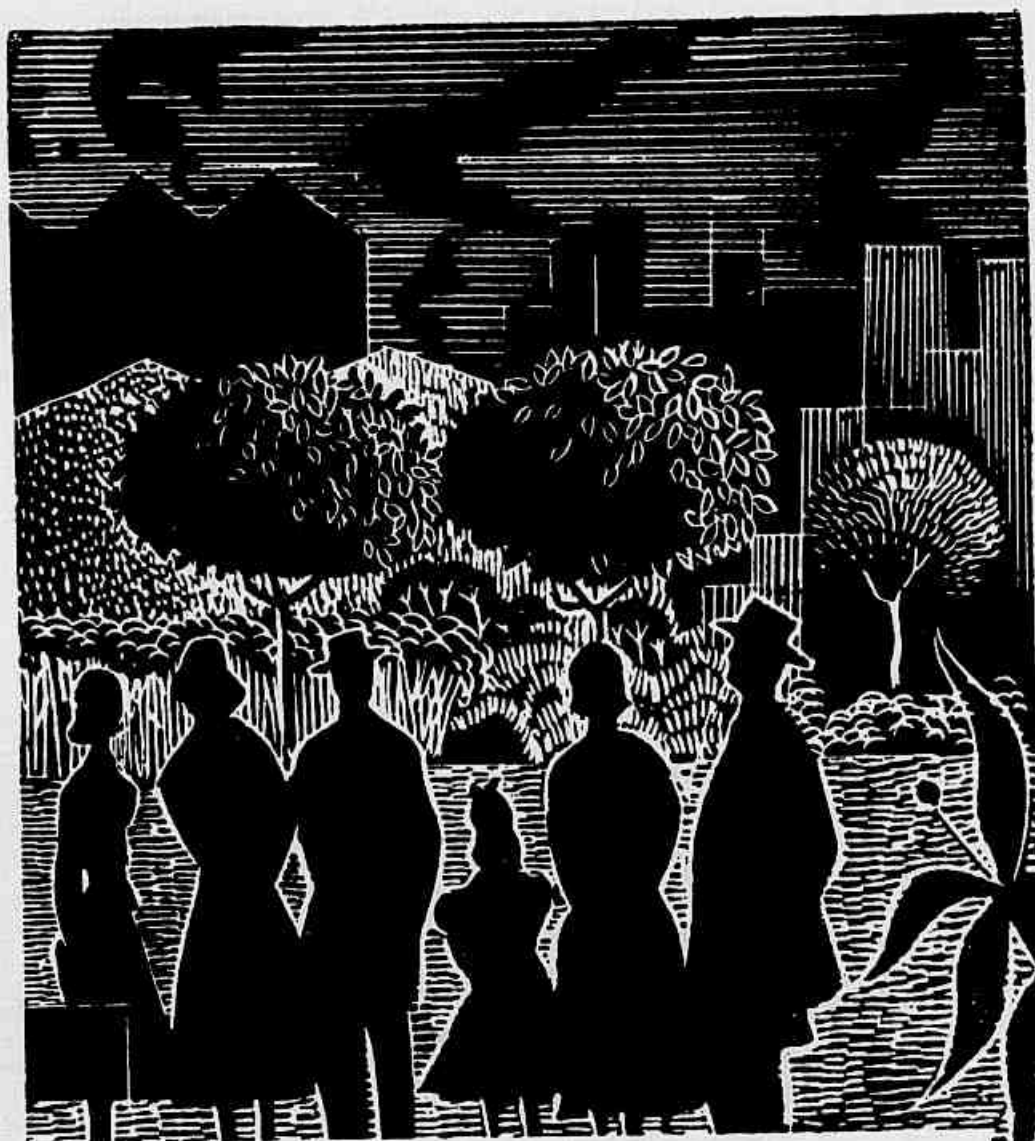
Juan passou a luz de sua lanterna por vários nichos que compunham o nível superior. Cada nicho continha um caixão fúnebre e um d'elles tinha gravado o nome de «Sir Juan Mohune, Cavalheiro». Êsse, que era o maior, estendia-se pouco mais para lá do nicho. Na sua emoção diante de tão inesperado acontecimento, Juan tropeçou com uma pedra, perdeu o equilíbrio e se abraçou à parte saliente do caixão, o qual, com o peso da criança, inclinou-se e resvalou para o sólo, caindo ruidosamente e pouco faltando para que esmagasse o garoto. Os restos do famoso Barba Rubra ficaram espalhados pelo chão ao se espatifar o caixão apodrecido que os guardava. Entre a confusão de ossos e roupa infecta, Juan fixou os olhos num relicário cujo metal, que parecia ouro, brilhava fortemente à luz da sua lanterna. Tomando-o em sua mão, observou que continha o escudo dos Mohune e o guardou no bolso.

Foi quando escutou passos, cujo ruído repercutia pelos âmbitos daquele macabro subterrâneo. Mais assustado ainda, o garoto correu a esconder-se no nicho vazio. Ao barulho dos passos seguiu-se outro confuso de vozes, entre as quais reconheceu a dos malfetores que o haviam encontrado quando desmaiara perto do cemitério. Afortunadamente os intrusos não se ocuparam de espiar os nichos e nem descobriram o que estava vazio. Do seu esconderijo, Juan pôde ver Jeremias atrás dos homens, os quais pareciam discutir acaloradamente com êle.

(No próximo número conheceremos que destino teve a pobre criança, que agora deixamos encerrada no subsolo do cemitério, em companhia da ossada de Sir Juan Mohune. Quem poderá socorrê-lo nessa emergência?)



Juan e Jeremias



SOROCABA e SÃO ROQUE

**60 VIAGENS
POR DIA!**

**das 6,00 às 22 hs.
cada meia hora**

AGÊNCIAS:

SÃO PAULO

Rua Senador Queirós, 85 - Fones 34-2399 e 36-6402
Av. Ipiranga, 885 - Fone 34-1395

SOROCABA

Rua Mons. João Soares, 221 - 235 - Fone 654



VÁ PELO MELHOR!



**EXPRESSO
BRASILEIRO**

VIAÇÃO Ltda.

AZASO - EB-8

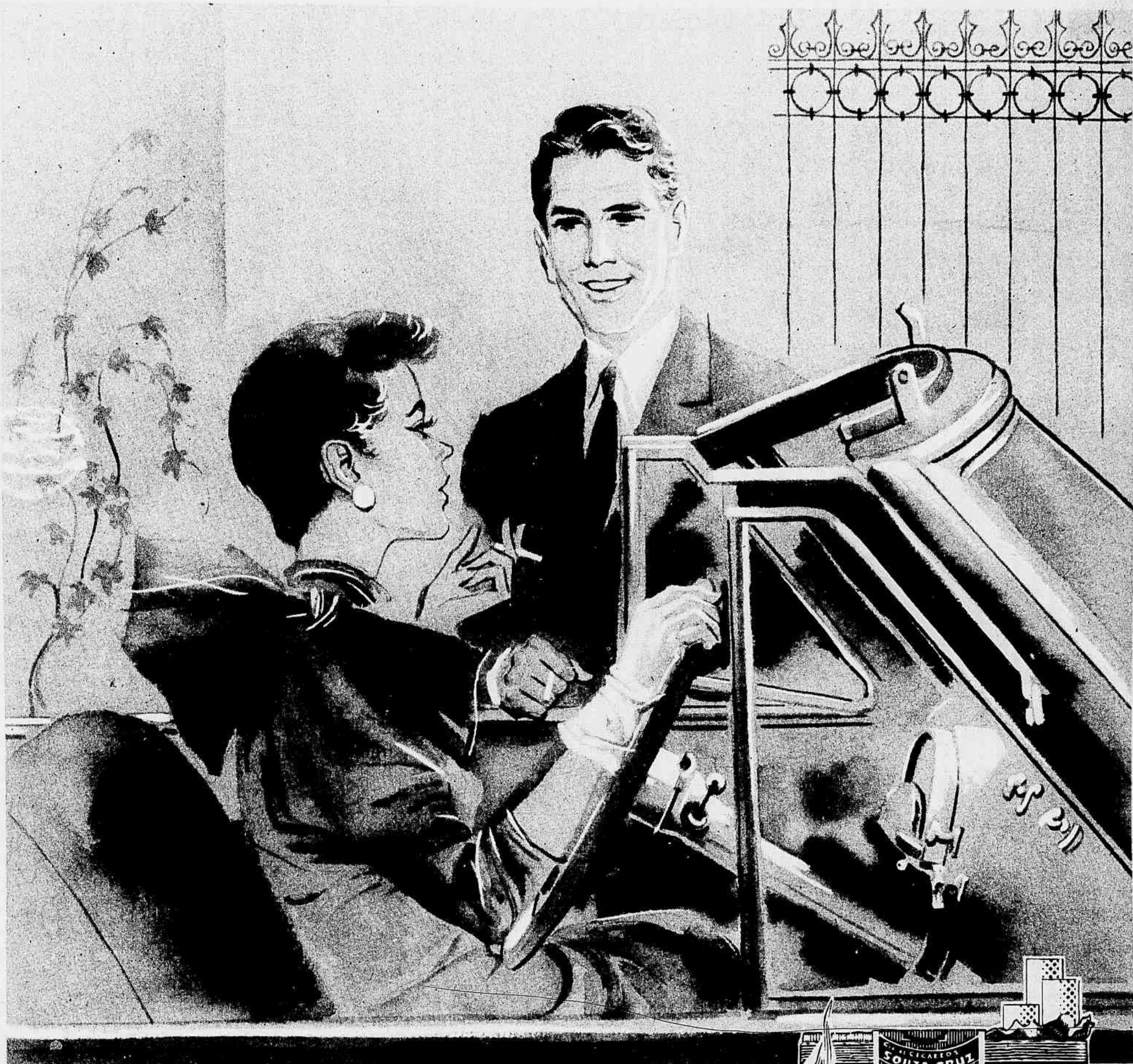
Puxe pelo cérebro

NOSSA COLUNA DE TESTES

- 1—Don Jacinto Benavente morreu em:
 - 1944?
 - 1954?
 - ainda vive?
- 2—«Mais où sont les neiges d'antan?» — verso de:
 - Alain de Lille?
 - Chrétien de Troyes?
 - François Villon?
- 3—Que navio inglês foi apelidado «O Azarento», por não ter feito jamais uma viagem sem acidentes:
 - Titanic?
 - Great Eastern?
 - Queen Mary?
- 4—Que têm em comum esses homens:
 - Mermoz?
 - Gago Coutinho?
 - Lindbergh?
- 5—Ficou louco por não poder igualar a perícia de Van Eyck:
 - Petrus Christus?
 - Van der Goes?
 - Memling?
- 6—Em que ano Portugal caiu em poder da Espanha?
 - 1450?
 - 1568?
 - 1580?
- 7—O Acre passou a pertencer ao Brasil pelo Tratado de:
 - Petrópolis?
 - Badajoz?
 - Tordesilhas?
- 8—Quem deu à «Commedia» de Dante o epíteto de «Divina»:
 - Ariosto?
 - Tasso?
 - Boccaccio?
- 9—Compôs um «Requiem» que serviu para seus próprios funerais:
 - Mendelsohn?
 - Haydn?
 - Mozart?
- 10—Quem foi Paracelsus:
 - Médico e mágico?
 - Filósofo?
 - Geógrafo?
- 11—«Cemitério Marinho», de Paul Valéry, foi traduzido para o português pelo poeta:
 - Darcy Damasceno?
 - Carlos Drummond de Andrade?
 - Marcos Konder Reis?
- 12—Szentiv-Giorgiy tem seu nome ligado a:
 - História da medicina?
 - Da música?
 - Da pintura?
- 13—Seu nome é uma corruptela de «aswad», «negro» em árabe:
 - Suez?
 - Sudão?
 - Transwaal?
- 14—Que era o Peân:
 - Instrumento de música na Grécia?
 - Dança guerreira grega?
 - Magistrado helênico?
- 15—Como se chama o vice-presidente dos Estados Unidos:
 - Nixon?
 - Atlee?
 - Foster Dulles?

CLASSIFICAÇÃO: — Resposta 0: estado primitivo — homem-macaco; de 1 a 3: cultura inferior — selvagem; de 4 a 6: cultura média — estudante ginásial; de 7 a 11: cultura superior — universitário; de 12 a 14: um sábio; todas as 15: um gênio em pessoa.

RESPOSTAS: 1 — Em 1954; 2 — François Villon; 3 — Great Eastern; 4 — Foram todos pioneiros da travessia oceânica por via aérea; 5 — Van der Goes; 6 — 1580; 7 — Petrópolis; 8 — Boccaccio; 9 — Mozart; 10 — Médico e mágico; 11 — Darcy Damasceno; 12 — História da medicina; 13 — Sudão; 14 — Dança guerreira grega; 15 — Nixon.



Agora Sim!

você fuma um bom cigarro!...

Cada vez mais pessoas estão mudando para

hollywood

uma tradição de bom gosto



UM PRODUTO SOUZA CRUZ

ESSA INDIAZINHA certamente angariará muitas adeptas, no quente carnaval carioca de 1956. Além de confortável e arejada, tem a vantagem de não custar demasiado caro — o que não é mal numa época de vacas magras, como a atual...

SILVANA MANGANO apresenta essa sugestão para as nossas leitoras. É uma fantasia que a própria estrelinha italiana denominou «Mambo», e foi apresentada, faz poucas semanas, nas telas cariocas.



NOVOS MODELOS

PARA

O CARNAVAL

UMA TOUREIRA bastante estilizada, é verdade. Mas o essencial, no carnaval, é a comodidade e a facilidade de movimentos. Ninguém poderá dizer que o modelo ao lado exibido não possibilite a quem o use.

AS CIGANAS sempre foram preferidas, no carnaval carioca. E essa é um modelo simples e atraente, capaz de proporcionar, a quem o escolher para as festas de Momo, três dias de completa satisfação.



AQUI estão novos e belos modelos para fantasias de Carnaval, para as grandes festividades que, a passo de gigante, se aproximam do Rio. São apenas quatro, porém estamos certos de que encontrarão boa acolhida entre nossas leitoras. Como já dissemos no número anterior, o Carnaval, esse ano, se desenvolverá sob o signo da Pouca Roupa, dos trajes sumários e confortáveis, que possibilitem, àquelas que os enverguem, a maior liberdade possível de movimentos. E nem podia ser de outra maneira, em se tratando de uma festa que se desenrola em pleno verão, e que exige tanto da resistência dos foliões. Tanto a índia, como a dançarina de mambo, a toureira e a cigana, são fantasias leves, e além de leves, graciosas. Qualquer uma que a prezada leitora escolher, há de certamente lhe proporcionar, em plena folia, a sensação de bem estar e de comodidade sem a qual o Carnaval perde muito de seu encanto, e a certeza de se encontrar adequadamente trajada, na festa da alegria e da resistência. E o resto é com Momo.

O Neoprogio do

Por MARQUES GASTÃO

Ilustração de J. RIBEIRO

COMO acontece a qualquer ser humano, o meu amigo Raul tinha amigos e inimigos. Era um indivíduo loiro-arruivado, de falinhas mansas, aprumado na elegância dos seus fatos, naris aquilino, olhos de um azul suspeito. O seu nome completo era, se bem me lembro, D. Raul Silva Freire de Penaguião Moreira Alves. De profissão: arquiteto. Mas, de tudo isto, o que mais impressionava em D. Raul era aquêle ar solene de pessoa que tem sempre razão, uma espécie de «magister dixit», mesmo antes de se alcañdorar a lugares para os quais não tinha preparação alguma. Mas tinha as suas proteções, murmuradas por êle próprio, para se couraçar nos seus falhanços. Era a superficialidade — inteligente a dar-se ares de profundidade — racional, na classificação de um amigo comum. De bonitas e afeminadas mãos, sempre nervosas, o meu amigo D. Raul usava e abusava delas, ora para impôr silêncio quando falava, ora para assinar cheques... Não se lhe conheciam amantes e, ainda no dizer de um amigo comum, era um ótimo marido — porque a esposa era, uma adorável senhora, de espírito compreensivo e caridoso... Pois D. Raul Silva Freire de Penaguião Moreira Alves era meu amigo. E eu o conhecia bem. Mediocre de inteligência, de raciocínio sempre lento, compensava essas falhas «sem importância», com uma hábil esperteza e uma humildade, que muitas vezes se confundia com subserviência, raramente notada pelos demais. Falinhas mansas, sabendo como ninguém adoçar a pílula e levar a água ao seu moinho, D. Raul arranjou protetores e surgiu-me um dia Presidente de uma grande companhia de petróleo. Mal se aposentou do lugar (para o qual não tinha qualquer preparação, o que causou admiração a toda a gente), D. Raul, arquiteto, decidiu levar a cabo reformas inconcebíveis, principiando por renovar os móveis e os estofos do seu Gabinete de Presidente... O luxo! A comodidade! Depois, sentou-se na bela cadeira rotativa, e olhou à sua volta. Ficou bem impressionado e deu início à função, tocando em diversos botões de um quadro que se encontrava na bonita secretária de mogno. Os administradores, os chefes de repartição e de seção, capatazes e chefes de oficinas, etc., compareceram todos e D. Raul, arquiteto, botou discurso, como era da praxe.

— Vamos entrar, Meus Senhores, numa nova fase. O Estado dá-nos um subsídio que nos garante parte dos prejuízos. É preciso dispensar esse subsídio e obtermos rendimentos e lucros. Entendidos?

Não sabiam os demais, como seria isso possível, só com aquêle discurso e alguns administradores fizeram as suas perguntas: planos de trabalho, novas normas, etc. D. Raul encolheu os ombros e disse: «Isso é com os senhores!»

Claro, meia dúzia de meses depois, a situação era a mesma e a Companhia ia dando com os «burrinhos n'água». Mas D. Raul, meu amigo de infância, não se preocupou e muito menos quando chamado pelo protetor se viu dispensado. Claro que a companhia progrediu sem D. Raul e a nova administração dispensou o subsídio oficial. Mas D. Raul foi empurrado para outro meio e ei-lo na Presidência de outra orga-

nização. Aí, a sua altíssima inteligência levou-o para a exploração do pessoal, já de si mal pago. Enquanto o meu amigo D. Raul ganhava para cima de 20 contos por mês, o pessoal viu reduzidos os seus vencimentos e as suas férias. Também falhou aí o meu amigo D. Raul Silva Freire de Penaguião Moreira Alves. Mas a sua inteligência continuava a lúcida inteligência de sempre aos olhos do «protetor». E começou a ser julgado como uma vítima da perseguição dos que o rodeavam e não queriam que êle vencesse. Que era a intriga, a má língua, o odioso vesgo, a política e não sei o que mais. E novamente o «protetor» o colocou na Presidência de uma grande companhia de Transportes. Uma grande organização de mais de duas centenas de auto-carros. O pessoal ficou preocupado. O meu amigo de infância não teve, porém, quaisquer preocupações. A companhia não dava lucros — era preciso que os desse; o pessoal não era bom — era preciso que o fôsse; era preciso renovar o pessoal — pois que se renovasse. Como? Isso era com os administradores e os técnicos. Êle seria apenas o «Magister», que aprovaria ou não o que lhe apresentassem. Um arquiteto engenhoso, inteligente e culto!!! Um Presidente de uma companhia de Petróleos e agora de uma grande Companhia de Transportes!

Dizia-se, à boca fechada, que embora fôsse Presidente dessa Companhia de Transportes, continuava a receber uma gratificação de um banco e da companhia de Petróleos, mas um dia, em conversa, com êle, o meu amigo respondeu, com ar indignado, olhos de um azul suspeito a luzir não sei que sentimentos íntimos:

— Invejas, meu amigo! Não se pode ter valor, não vê? Tu que és jornalista, sabes bem como estas coisas são... O meu «protetor» sabe bem quanto valho... Isso me basta!

— Pois sim, Raul, mas a verdade que tens andado de falhanço em falhanço... Se és arquiteto... que percebes tu de petróleo e de auto-carros?

— Ora essa! Eu sou... eu sou... (queria dizer amor e não lhe chegava à língua...)

— Sim, o que tu és sei eu, caramba! Queres subir de qualquer maneira e ganhares a tripa fôrra! Mas não te disperses! És arquiteto? Pois é na tua profissão que deves marcar o teu lugar... Um dia...

— Claro! E és tu meu amigo e companheiro de infância!

— Por isso mesmo! Ora responde lá: que fizeste tu nos lugares que tens ocupado? Bem, pelo menos, o que fizeste na Companhia de Transportes? Compraste auto-carros novos, sem teres vendido os velhos; os novos vieram e não mandaste fazer as garages, deixando os novos veículos à chuva e ao vento, a estragar-se, dia a dia; compraste mais uma dezena dos melhores

JERONYMO
RIBEIRO

Meu Amigo Raul

auto-carros que há, mas não contrataste pessoal novo nem adestraste o pessoal antigo; e agora, começaste a utilizar os auto-carros novos na instrução de mais motoristas; manténs o pessoal a trabalhar fora das horas legais de trabalho e tu o que fazes? Além de Presidente da Companhia de Transportes, és Presidente de outra organização e continuas a receber alcavalas de onde calha... Não admities que te censurem nem que os demais tenham idéias superiores às tuas! E tu és um teimoso, inchado, cheio de ti próprio, a julgares-te um Super-Homem... Onde é que está o valor? Não é na simplicidade e humildade da nossa inteligência? Abóbora! A Companhia de Transportes precisa de um Presidente enérgico, inteligente mas simples, humano e sem esses teus complexos de pessoa Superior, para quem os outros não sejam apenas verbos de encher... Disso estamos todos nós fartos, Raul! Abre os olhos, a tempo, para não clares um trambolhão qualquer dia...

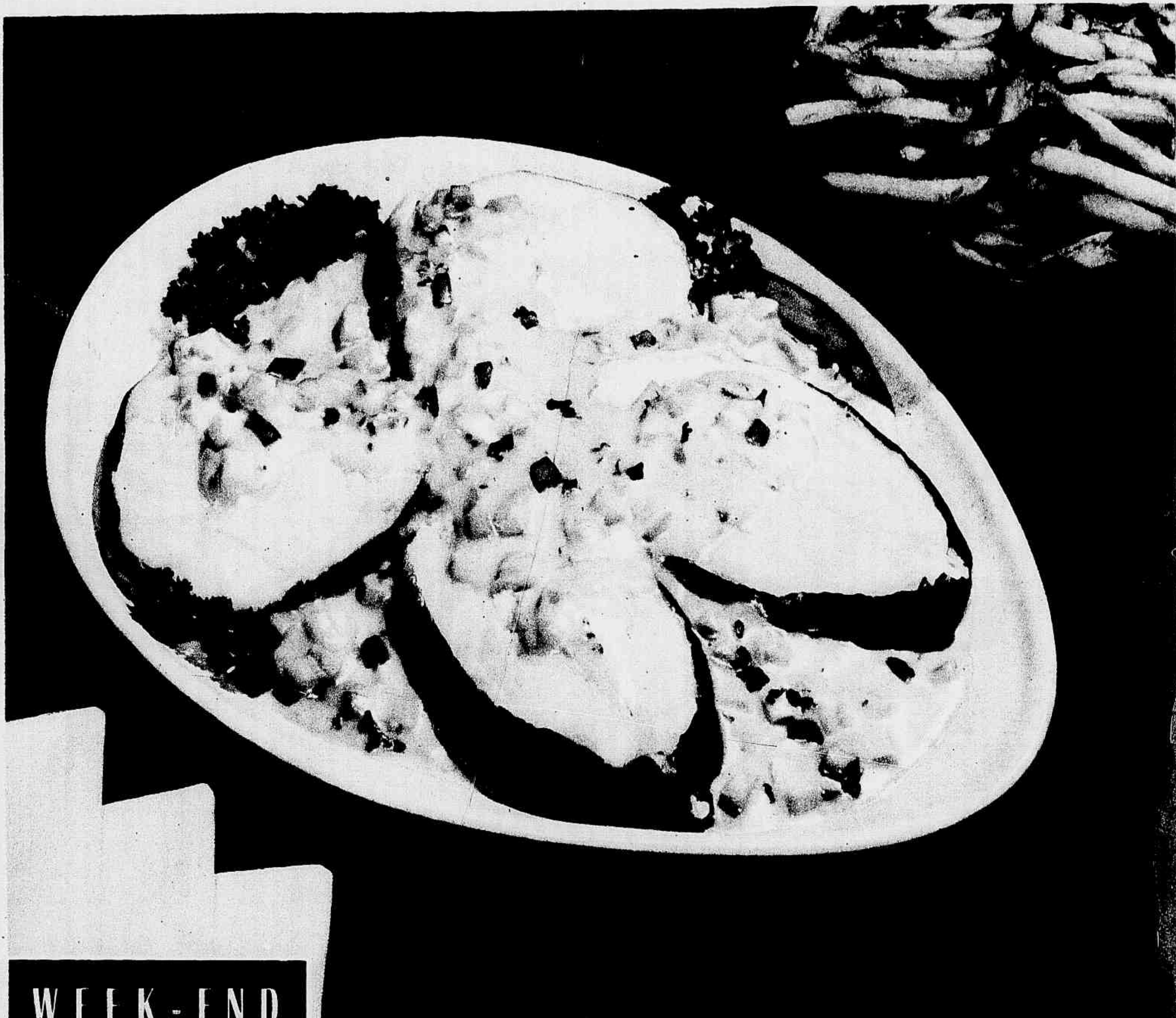
Francamente, não sei com que tive coragem de dizer tudo isto, assim de roldão, ao meu amigo de infância D. Raul. Mas disse-o. Não serviu de nada. A teimosia e o julgamento errado que fazia do seu próprio valor, levaram-no a prosseguir. Claro: os auto-carros desvalorizaram-se e sofreram prejuízos; a cidade ficou prejudicada, pois os auto-carros como continuaram parados (só andavam para preparação dos motoristas), a população reclamava, mas agüentava andar nos velhos, quase a cair aos pedaços; as despesas aumentaram; o pessoal reclamava e como não era atendido, trabalhava de má vontade... D. Raul, porém, parecia um Deus, olímpico na sua vontade, Senhor das suas decisões, apenas porque se dizia que o «protetor» concordava com ele... O que não era verdade. A única verdade é que o «protetor» de nada sabia e como o temor era grande, as coisas continuavam... Até ao dia em que o meu velho amigo Raul, teimoso, tão teimoso como um burro, se meteu, à pressa, num dos velhos auto-carros. E então viu, pois nunca se havia servido deles. Para ir de um lado para o outro, tinha o seu luxuoso automóvel. E a fatalidade tomou-o à sua conta. Numa curva, o auto-carro perdeu a direção, os travões não cederam e o veículo estatelou-se contra um edifício da parte central da cidade. Quando os socorros chegaram, já era tarde: o meu amigo D. Raul Silva Freire de Penaguião Moreira Alves havia morrido, o crânio completamente esfacelado. No dia seguinte, no meu próprio jornal, fiz eu, como seu amigo de infância, o necrológico de uma das mais importantes personalidades contemporâneas:

— Com a morte de D. Raul Silva Freire de Penaguião Moreira Alves, vítima de um terrível desastre, cuja notícia publicamos noutro lugar, pois nele se perderam também mais 16 vidas, perde também o País um dos seus maiores valores — sempre incompreendido nas suas iniciativas a bem do interesse público.

Filho de uma das melhores famílias portuguesas (não quisera o jornalista referir que o seu amigo era filho de uma costureira), o arquiteto Raul Silva Freire de Penaguião Moreira Alves, fizera o seu curso com persistência inigualável. Vencera. Caminhara à sua custa e à sua custa vencera. A sua obra está à vista. O pois lhe agradecerá um dia, erguendo uma lápide na casa onde nasceu.

O resto, pertence à história...





WEEK-END NA COZINHA

LYGIA JUNQUEIRA

Se seu marido gosta de sair aos domingos para pescar e volta com alguns peixes para o jantar, não prepare-os sempre da mesma maneira. A monotonia em questão de peixe pode chegar a se transformar numa calamidade familiar. Experimente uma vez, por exemplo, esse «Mólho Tártaro» que dará ao peixe, frito ou cozido, um novo sabor:

Misture: uma xícara de maionese (preparada segundo sua receita preferida, ou já comprada pronta); 2 colheres das de sopa de salsa picadinha; 2 colheres das de sopa de alcaparras; uma colherinha cheia de cebola picadinha; 2 colheres das de sopa de caldo de limão; 1/4 de xícara d'água; uma pitada de sal e outra de pimenta.

Depois de tudo muito bem misturado esquentar em banho-maria por cinco minutos. Servir quente sobre o peixe. (Foto Best Food).

AS ESPÓSAS NÃO GOSTAM

Há coisas que as mulheres não gostam em seus maridos; certas atitudes displicentes, ditatoriais, ou prepotentes, por exemplo. Procuramos seleccionar algumas, perguntando daqui e dali, num pequeno inquérito entre algumas espósas. Vão publicadas para que cheguem ao conhecimento dos maridos. Não há de ser difícil fazer com que esta página lhes caia nas mãos. Com o título que vai acima eles lerão certamente.

As espósas não gostam de:

— Ver o marido sair de casa pela manhã como se a liberdade o esperasse lá fora, de braços abertos.

— Ouvir como resposta a seu interesse pelo trabalho do marido durante o dia que: — "Não adianta falar porque você não entende desse assunto".

— Vê-lo ao regressar à casa, interessar-se primeiro pela comida ou pelo jornal.

— Senti-lo reclamar, se ela fica um pouco mais ao telefone a falar com uma amiga.

— Falta de respeito pela boa conservação da ordem dentro de casa.

— Não ser tomada em consideração quando fala de política (nacional ou internacional).

— Ouvir do marido referências nostálgicas ao tempo de solteiro.

— Quando o marido não ouve com atenção os seus elogios a um vestido que viu na vitrina ou numa amiga.

— Ver que o marido é atencioso e gentil com todos, mas inteiramente diferente quando a sós entre as quatro paredes do lar.

AULAS DE "ELEGÂNCIA"

Os colégios e universidades norte-americanas, entre as matérias que ensinam às jovens, incluem a elegância.

As respostas aos pontos de uma das provas do último ano, por exemplo, foram as seguintes:

— Que os «sweaters» estão cinco centímetros mais compridos que no ano passado;

— que o verde oliva se usa, em vez de cinza, para «tailleurs» e vestidos esportivos;

— que a cor de areia se usa este ano como complemento ao vermelho gerânio;

— que a gola e punhos em renda grossa negra renovarão o costume em «tweed» «sal e pimenta»;

— que blusas cor de banana, e violeta, combinam bem com um costume cinza azulado...

A elegância, como matéria de estudo, foi incluída recentemente nos cursos para moças, em adição às outras matérias práticas já existentes como economia doméstica, cozinha, etc.

PÉS DE GALINHA

DEPOIS DOS 30

As rugas que aparecem nos cantos dos olhos, chamadas «pés de galinha» por sua disposição característica, são o primeiro sinal do efeito dos anos sobre o rosto. Não aparecem de surpresa, aos trinta e poucos anos. Vêm surgindo lenta e irremediavelmente. Podemos, no entanto, retardar o seu desenvolvimento, lutando desde os primeiros sinais de alerta, antes que seja muito tarde. Duas vezes por semana aplique em redor dos olhos um creme de hormônios (especial para os olhos). Dê tapinhas, ou melhor, pequenos beliscões, nos locais em que os pés de galinha começam a se manifestar. Faça-o com cuidado, para ativar a circulação do sangue sem ferir pois a cutis é particularmente frágil e sensível nesses locais. Se tiver dificuldades em obter um creme de hormônios, use lanolina pura, ou um preparado a base desta.

OCULOS ESCUROS

Uma das coisas que mais se perde no verão são os óculos escuros: no ônibus, no lotação na areia da praia, no banco da praça. Porque não adotar a moda francesa de prendê-los com uma fita ou uma correntinha na lapela ou no pescoço, para não ficarem jogados por aí quando não em uso?

E já que falamos em óculos escuros, a última moda «à la Macbeth», são os óculos de lentes redondinhas e ligeiramente azuladas. Foi lançada na França e na Itália. Dá à mulher um ar de «cientista» muito atual.

SOB O SOL DO VERÃO

O verão é bom para você, para sua saúde e para sua beleza, se souber como proceder em relação ao sol. Sua pele ficará lindamente tostada se você agir com método, assim:

1 — Comece a tomar sol aos poucos. Dez minutos serão suficientes no primeiro dia. Mais alguns minutos nos dias sucessivos, progressivamente.

2 — Tome sol com regularidade. Um pouco todos os dias e não muito uma ou duas vezes por semana.

3 — Proteja as partes mais sujeitas a queimaduras, como: braços, rosto (ponta do nariz principalmente), espáduas, etc.

4 — Mude de posição ao sol. Não fique deitada o tempo todo de costas ou de bruços porque acha mais confortável!

5 — Não abuse do sol. Quando sentir que a pele está ficando quente, vá para a sombra.

6 — Beba muita água durante sua temporada de banho de sol. Se transpira muito beba água com um pouco de sal, para compensar o que perde o seu organismo.

7 — Use creme ou loção protetora, que lhe permitirão uma exposição mais prolongada sem danos.



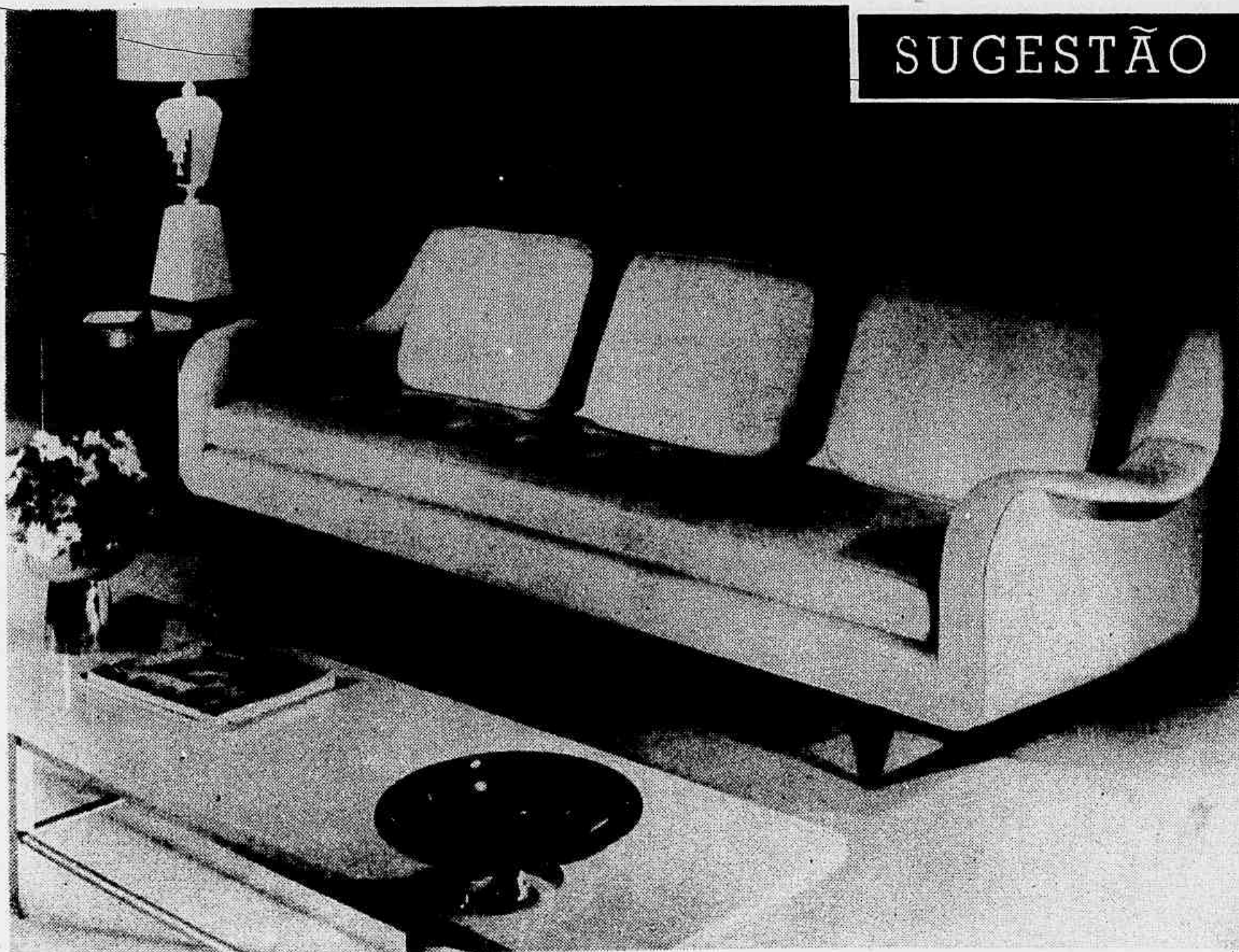
Brigitte Auber

8 — Depois de um banho de sol e de mar tome banho frio de chuveiro e passe uma loção oleosa em todo corpo para evitar que a pele fique ressecada.

9 — Mesmo depois que sua pele tiver adquirido um queimado bonito não se ponha ao sol sem uma loção protetora.

10 — Proteja os olhos usando óculos especiais. Nunca leia sob a luz direta do sol.

SUGESTÃO PARA O LAR



Os bonitos sofás — amplos e confortáveis — em espuma de borracha, estão cada dia mais em moda. Muitas vezes, como na fotografia, constituem o ponto principal de atração numa sala de estar. A tonalidade rosa claro do estofamento faz contraste com o cinza chumbo do reposteiro que lhe serve de fundo. Merece um olhar atento, também, o original abajur com pés de cerâmica rosa, no último plano. Decoração de Valley Upholst, especial para esta seção.

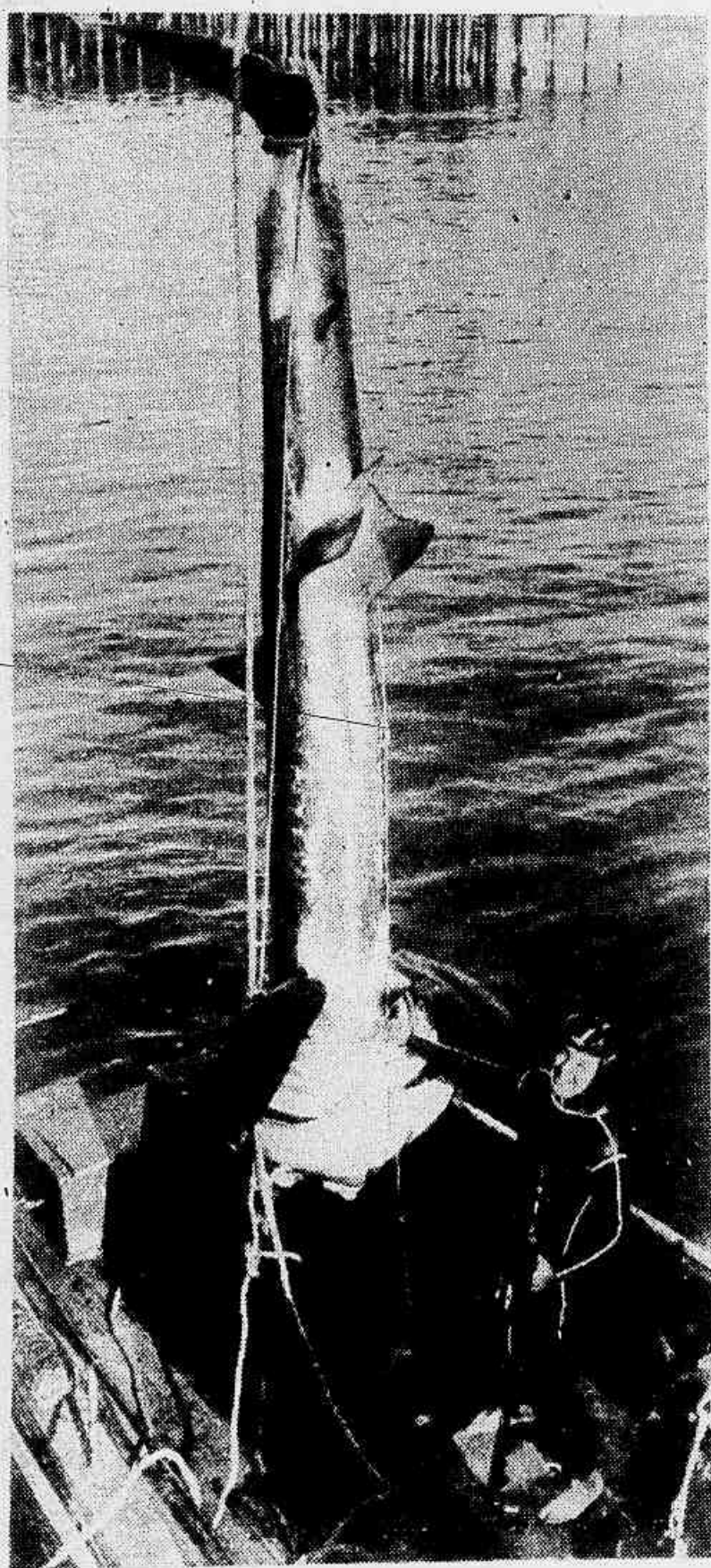
POR ÊSSE MUNDO DE DEUS



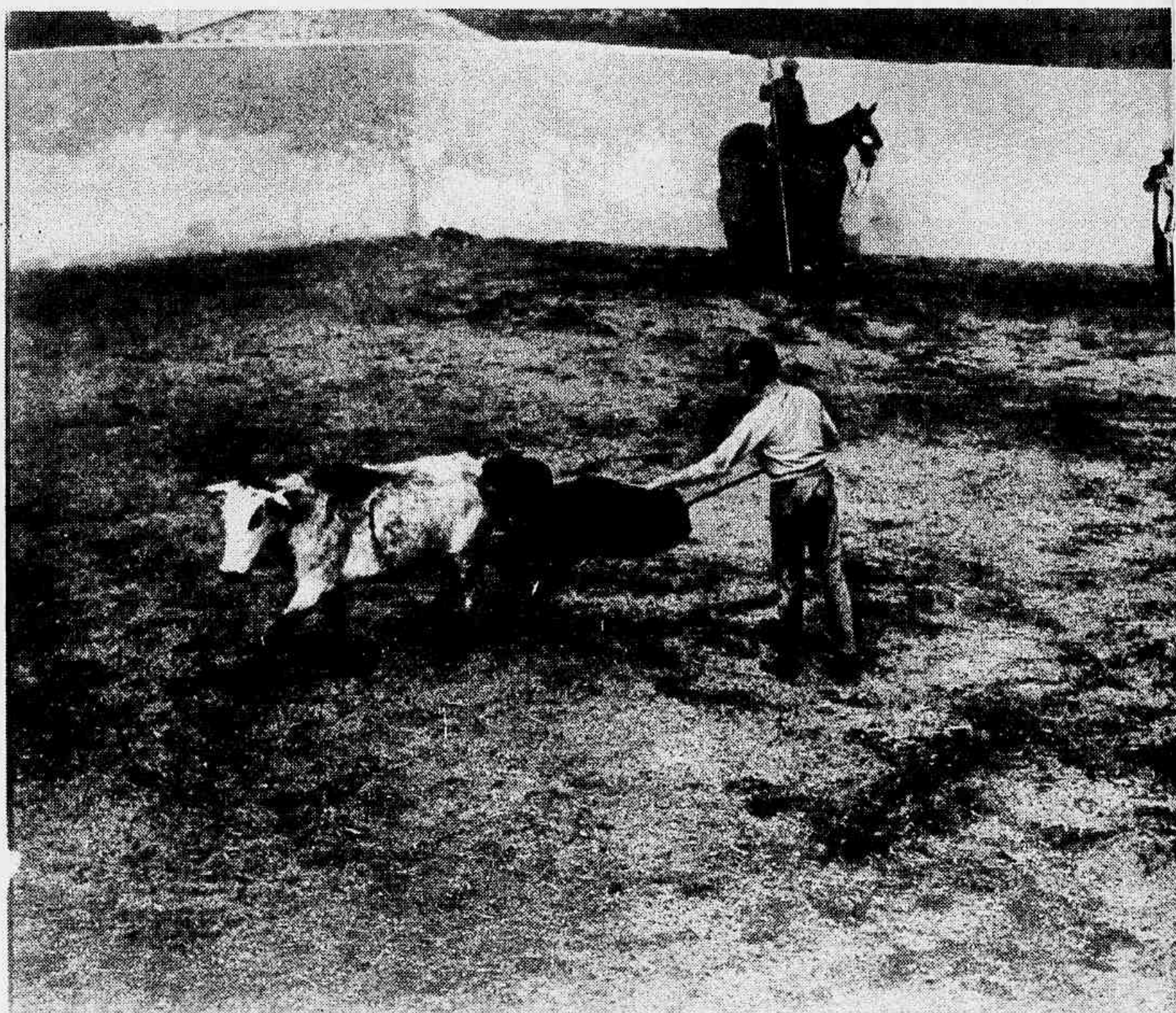
A CONDESSA Wally Castelbarco tem uma tarefa pesada e gloriosa: levar como sobrenome o glorioso nome de seu pai, Arturo Toscanini.

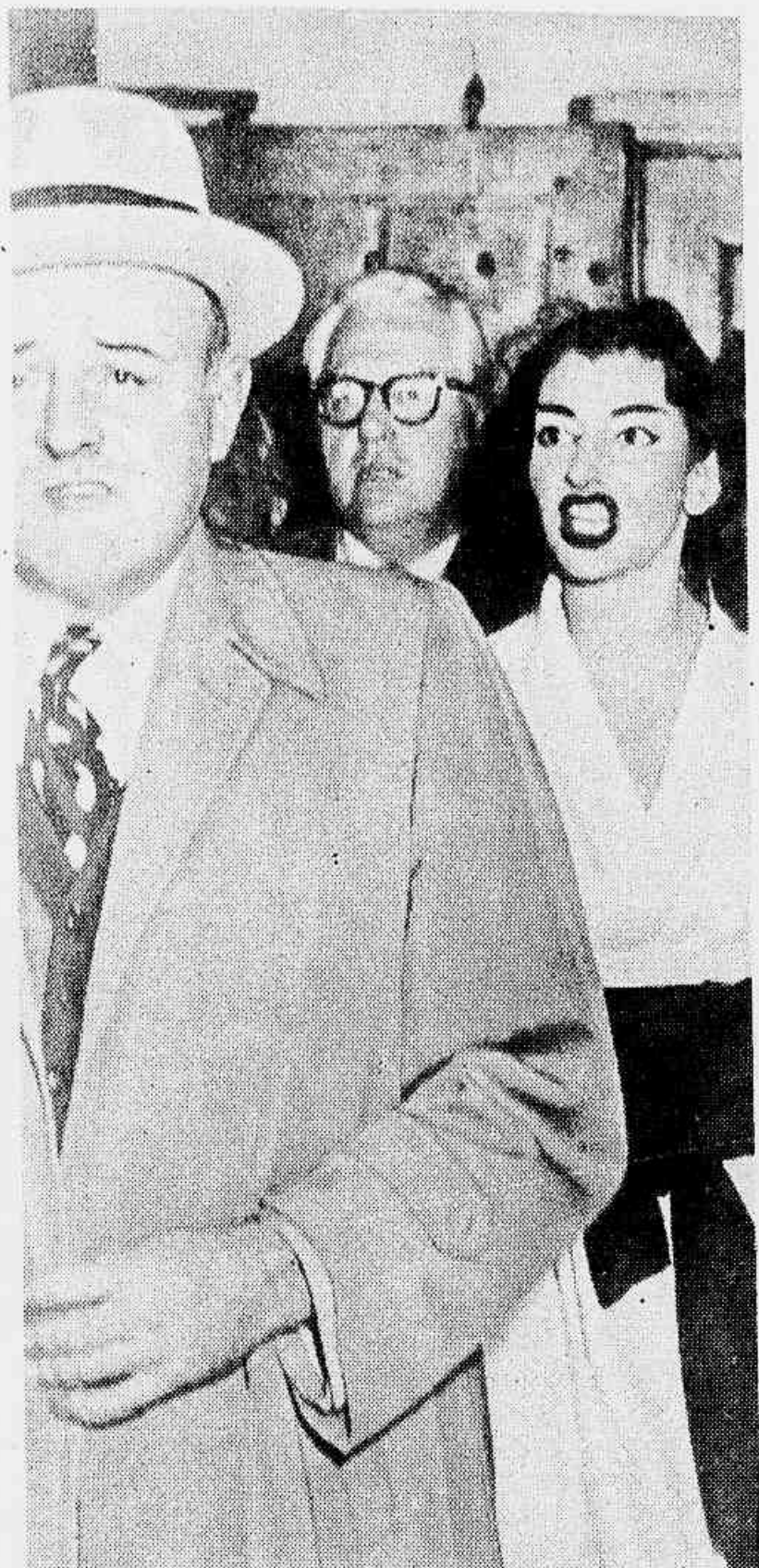


HÁ MESES que Ingrid Bergmann se prepara para aparecer em seu novo filme, «Eliena», dirigido por Jean Renoir. O filme passa-se em Paris, no século XIX. Ei-la experimentando um chapéu.



ÊSSE CAÇADOR submarino é Bob Lorenz, da Califórnia, que acaba de matar um imenso tubarão de quatro metros de comprimento, pesando nada menos do que setecentos quilos.





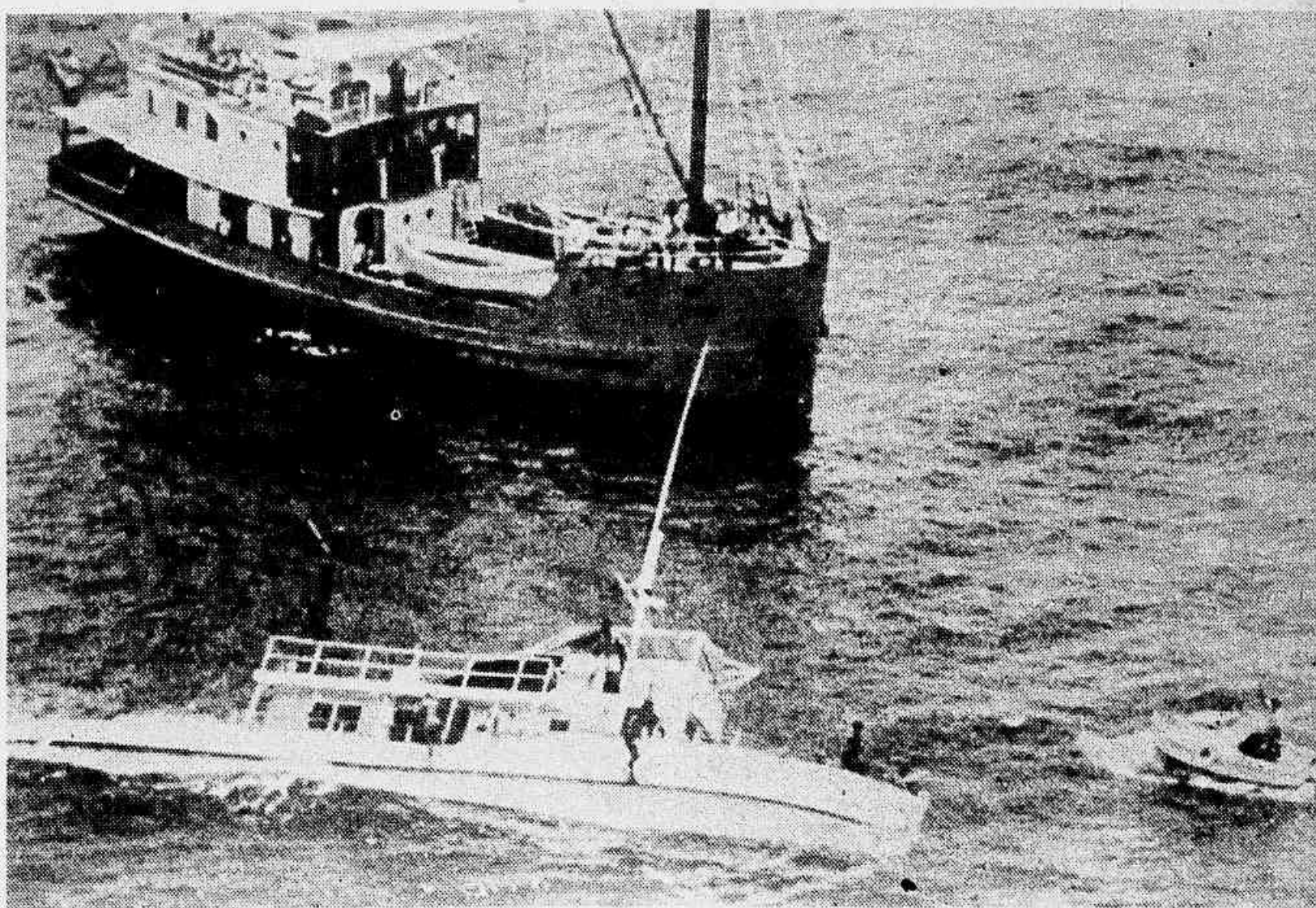
A DESCABIDA pretensão de um empresário (Pringle, à esquerda, no momento de retirar-se), que se julgava com direito a uma percentagem, sobre o total de dólares recebidos pelo soprano Maria Callas na Ópera de Chicago, deu origem a uma explosão de insultos, da cantora. Rosto carregado, olhos chispando, Callas parece estar cantando alguma ária trágica de fim de 4º ato.



ANIMALI AFFETTUOSI



ESSE LEÃOZINHO de ano e meio chama-se Jackie, e voará, dentro de alguns minutos, para o México, para o Jardim Zoológico local. Enquanto não chega o momento da partida, ele se deixou ficar lânguidamente reclinado sobre o ombro do funcionário da aeronave incumbido de vigiá-lo.



ENQUANTO seu marido, o célebre toureiro Dominguin, treina com os «delicados» touros os passos que mais tarde apresentará na arena, Lucia Bosé, do cinema italiano, assiste ao espetáculo. Mulher de toureiro é para isso mesmo.

O JOYITA, rebocador das ilhas Fidji, abalroou com um navio abandonado. Agora, a polícia encontrou o pequenino rebocador, totalmente vazio. Onde estão seus trinta e nove antigos tripulantes? Mais um mistério que encerra o oceano...



PAPAI NOEL E O FILHO DO POLICIAL



A EXEMPLO de outros órgãos do Governo, as festas natalinas foram também comemoradas com invulgar brilho, no Departamento Federal de Segurança Pública, graças a colaboração decisiva da senhora Ana Khoury, conhecida por suas obras de filantropia e como pioneira no país da radiofonia moderna. Aliás, neste particular é com satisfação que anunciamos o aparecimento para breve, nos céus do Brasil, da Rádio Imprensa que terá a direção da dinâmica radialista. O Ministro da Justiça, senhor Menezes Pimentel, bem como o diretor do D.F.S.P., General Magessi Pereira, prestigiaram a grande festa quando centenas de crianças, para felicidade de seus pais confraternizados, receberam das mãos de «Papai Noel» mais de oitocentos brinquedos.



Nesta página, vários flagrantes colhidos durante a festa, vendo-se o Ministro Menezes Pimentel, quando partia o grande bôlo em companhia do General Magessi Pereira e ainda o titular da Pasta da Justiça, em palestra com a senhora Ana Khoury, diretora da Rádio Imprensa.



IRACEMA DE ALENCAR

UMA EMPRESÁRIA QUE QUASE ABSORVEU A ATRIZ

COMO SURTIU SEU NOME DE TEATRO — O DESPERTAR DA VOCAÇÃO — AS VIAGENS, E O NASCIMENTO DE UMA EMPRESÁRIA — VIDA DE ARTISTA — O TRIUNFO GRANDIOSO COM "É PRECISO VIVER"

Reportagem de ALEXANDRE DE ALENCASTRE

AINDA sob a deliciosa sensação de triunfo causada pela carinhosa manifestação de apreço que lhe foi prestada, no Copacabana, pelos críticos teatrais, jornalistas e amigos e admiradores, pelo seu desempenho esplêndido em «É Preciso Viver», fomos encontrar Iracema de Alencar em seu amplo e confortável camarim.

Embora seu nome verdadeiro seja Ida Kerber (seu avô era prussiano, a avó francesa), os pais de Iracema eram brasileiros, e a própria atriz nasceu no Rio Grande do Sul, na cidade de Triunfo, próximo a Porto Alegre, terra de Bento Gonçalves, quando os pais se detiveram, por alguns instantes, na bonita cidadezinha. Isto, em 19 de abril de 1900 — fazendo anos, portanto, no mesmo dia em que o lazaria Getúlio

Vargas, e em que o faz ainda o grande poeta Manuel Bandeira.

SURGE IRACEMA DE ALENCAR

Já vimos que seu nome verdadeiro é Ida Kerber. Como, pois, surgiu o nome sob o qual até hoje se apresenta em palco? É uma história que vale a pena ser contada. Foi a revista «Palcos e Telas», de Mário Nunes, que, através de um concurso, resolveu arranjar um nome mais brasileiro para a jovem estrelinha de nome arrevezado. A verdade é que Ida — ou Iracema, como preferirem — desejava esconder sua verdadeira identidade, de vez que os pais desconheciam ainda que ela estava trabalhando no teatro. Algum tempo depois, porém, já com



QUANDO ENTROU para o teatro, deixou de ser Ida Kerber.



A IRACEMA de hoje — atriz consagrada, um nome alto.

o novo nome, qual não foi sua surpresa, quando, um dia, seus pais chegam inesperadamente ao Rio, somente para verem Iracema trabalhando no teatro?

Na ocasião em que foi realizado o concurso, Iracema tinha apenas 19 anos, e era atriz da Companhia Itália Fausta, que atuava no Teatro Recreio. Os nomes mais votados foram Vera Cruz e Iracema de Alencar, porém esse último foi o escolhido.

COMO SURTIU A VOCAÇÃO

A inclinação de Iracema pelo teatro vem desde que, pequenina, ainda no Colégio Americano, de Porto Alegre, fez um diálogo com uma boneca, na festa de encerramento. Foi muito aplaudida na ocasião, e não faltou quem lhe descobrisse, imediatamente, irreprimível talento cênico. Seus pais, porém, nunca encararam com bons olhos sua paixão pela cena, tratando de, bem cedo, cortar-lhe os grandiosos planos por vezes confiados aos colegas e parentes.

Já mocinha, Iracema fugiu um dia de casa, na companhia de um jovem estudante de Direito, que, com ela, tinha a paixão pelo palco. Vieram ambos para o Rio, e aqui conseguiu



IRACEMA do tempo do Triunfo e das comédias ligeiras.



EM «A Fôlha de Parreira» valoriza um pequeno papel.



ENTRE GLÓRIA Cometa e Maria Sampaio, com dois jovens atores.

Iracema um emprêgo na companhia de Itália Fausta, arranjando também para o namorado uma colocação. Dois anos passaram na companhia, ela, galgando passo a passo a difícil escada do estrelato, e ele cedo desistindo da carreira.

VIAGEM AO NORTE, EMPRESÁRIA

Um dia, como integrante da Companhia de Comédias Brasileiras, de que faziam parte também Armando Braga, Ema de Souza, Teixeira Pinto e outros, seguiu Iracema de Alencar para o Norte. Em Ilhéus, porém, o empresário iracassou, e como fôsse Iracema sua maior credora, a ela coube, por pagamento, todos os cenários e o guarda-roupa da Companhia. A «tournée» continuou com a empresária improvisada, que levou seu «cast» a Maceió, e depois, escala por escala, até ao Rio, novamente, onde foi afinal dissolvido o grupo. Iracema passou-se

então para a Companhia de Leopoldo Froes, em 1922.

A estrêla da companhia era Silvia Tertini, e em cena estava a peça «Sinal de Alarme». Iracema somente estrearia na próxima peça a ser levada, porém um repentino mal de garganta na protagonista forçou-a a tomar conta de um papel difficilimo — quatro atos cheios de peripécias -- da noite para o dia. Tal a versatilidade, a capacidade de apreensão e a força de vontade de Iracema de Alencar. Tais qualidades permitem à atriz que, a cada nova peça, logo após a leitura e o primeiro ensaio, já o papel que terá de desempenhar esteja totalmente dominado, sem qualquer tropêço, sem qualquer dificuldade.

VIDA DE ARTISTA

Na companhia de Froes estêve muito tempo, atuando no Rio e em São Paulo, representando



COM GRAÇA MELO, a dupla famosa de «É Preciso Viver».



DUAS GERAÇÕES que se encontram frente a frente. Em baixo: com a jovem estrelinha Glória.



inúmeras peças, como «Mimosa», «Simpático Jeremias», «Quebranto», de Coelho Neto, etc. etc.

Foi após trabalhar no Trianon, na Companhia de Comédias do empresário Staffa. Viajou por todo o interior de São Paulo, apresentando um repertório extenso e variado. De São Paulo, a companhia rumou para o sul, depois voltando ao Rio e tendo o fim melancólico de quase todas as companhias brasileiras, dissolveu-se.

Iracema, mais uma vez sem emprego, porém requestadíssima, logo a seguir ingressava na companhia Jaime Costa, subvencionada pelo Governo, e recém-fundada. Eram três as estrelas, Lígia Sarmiento, Ítala Ferreira e Iracema de Alencar. A estréia foi no João Caetano, e nessa temporada Iracema travou conhecimento com a peça que é a sua preferida: «Berenice». Até então, só fizera comédias — pois Froes a achava divertidíssima. Depois de «Berenice», porém, só lhe deram papéis dramáticos.

Depois de breve temporada no Rio, parte novamente Iracema de Alencar para o Norte, onde se demora nada menos de um ano excursionando. Em seguida, oito meses no sul, inclusive no Teatro São Pedro de Porto Alegre, onde



UMA ATRIZ veterana entre dois valores novos: Glória Cometa e Roberto Viana.

teve o ensejo de representar na peça alemã «Diegäetling auf der Baltz», salvando destarte uma companhia de comédias alemã do mais negro fracasso, com a força de atração de sua presença.

Em 1945, Iracema forma sua própria companhia, que atuará no Fenix. Leva à cena: «Mulher sem Alma», «Berenice», «A Mulher que Veio de Londres», etc. No seu elenco estão Flora May, Hortênsia Santos, Rodolfo Arena, etc. etc. Excursiona a seguir, com todo o grupo, por vários Estados do país.

Estava na Rádio Nacional do Rio de Janeiro quando foi convidada para ingressar no grande teatro dos Artistas Unidos, onde até hoje se encontra.

É PRECISO VIVER

Porém, foi em «É Preciso Viver» («Come back, little Sheba») que Iracema de Alencar alcançou o ponto culminante de sua gloriosa carreira de atriz, toda ela pontilhada de triunfos. Seu desempenho nessa peça, com efeito, raiou a perfeição, e atraiu-lhe os aplausos unânimes de toda a crítica especializada, que não hesitou em apontá-la como uma das melhores atrizes de todo o ano de 1955. Aos 54 anos, pois (e Iracema não faz questão que lhe revelem a idade), a grande atriz brasileira vê seu nome projetado em glória no panorama artístico nacional. Recordando o passado, lamenta que suas atividades de empresária tenham, muitas vezes, impedido o seu labor de artista. Nós, porém, que vimos acompanhando não é de hoje sua carreira, sabemos que personalidade de atriz se esconde por detrás de seu rosto calmo, e de que maravilhosas nuances de sensibilidade se compõe sua alma multiforme e versátil.

IRACEMA E GLÓRIA Cometa em «A Fálha de Parreira»: duas expressões que se completam.



Domingo, 28 de janeiro de 1906

HORRIVEL CATASTROPHE EXPLOÇÃO NO "AQUIDABAN"

A população d'esta capital, profundamente abalada pela horrivel catastrophe do couraçado Aquidaban nas aguas limpidas da formosa bahia de Jacuecanga, sente-se ainda abatida sob o peso das mais dolorosas impressões. Em todos os semblantes vê-se estampada a magua cruciante que lhe vae nalma, a dor profunda que lhe tortura o coração despedaçado pela perda de um pae extremoso, de um filho amantissimo, de irmão querido ou de um esposo dedicado. O terrivel desastre, enlutou a Marinha, que se vê privada de distintos officiais, a Familia Brasileira, roubando-lhe inumeros membros, e finalmente, o Brasil, que, na terrivel hecatombe, perdeu filhos valorosos como Calheiros da Graça, Rodrigo da Rocha, Candido Brasil e outros, envelhecidos no serviço da Patria a cujo culto consagraram todo o vigor de sua existencia.

O couraçado Aquidaban em commissão de estudos para escolha do local onde deve ser construido o novo Arsenal de Marinha, nas aguas da bahia de Jacuecanga, tinha a seu bordo, na noite do sinistro, grande numero de officiais e marinheiros, que alli foram pernoitar, por ser dos vasos de guerra em serviço o que mais acomodações offerencia. Por volta das 11 horas da noite, quando a mor parte da tripulação descansava, uma terrivel explosão no paiol de polvora quebrou o silencio, levando pelos ares o poderoso vaso de guerra. Nos navios que faziam parte da expedição foram immediatamente dados os primeiros toques de fogo e socorro; e a maruja intrepida, lançando ao mar todos os escaleres, avançou para o local com risco da propria vida, procurando salvar os seus companheiros; entretanto, foram improficuos os seus esforços e lá pereceram 198 pessoas, inclusive os almirantes acima referidos e os officiais superiores, capitão de mar e guerra Alves de Barros, capitão tenente Santos Porto, sub-chefe da casa Militar do sr. Presidente da Republica, capitão de fragata Serra Pinto, commandante do Aquidaban, capitão tenente Luiz Henrique de Noronha.

A «Revista da Semana» não pode calar, igualmente, a funda magua que sente pela perda do estimado companheiro de trabalho, Francisco Valente, que durante longos annos exercia as funções de reportagem da Marinha do «Jornal do Brasil». Victima do dever, tragado pela horrivel hecatombe do Aquidaban que tantas e tão preciosas vidas roubou á Familia Brasileira, Francisco Valente ha de ser lembrado sempre no carinho sentido da nossa imorredoura saudade.

THEATRO LYRICO BRASILEIRO

Parece que está definitivamente organizada a Companhia Lyrica, composta de artistas nacionaes, que irá trabalhar no Theatro São Pedro, estreando com a opera Carmela, do maestro Araujo Vianna. E' de esperar que esse movimento seja coroado de exito, para possuirmos de uma só vez aquillo que andamos a pedir emprestado lá fora.

AINDA O «AQUIDABAN»

O tragico naufragio do «Aquidaban» suscitou o aparecimento de inumeros sonetos pela imprensa carioca e brasileira. Um desses sonetos, assinado por Coryntho Costa, saiu na «Revista da Semana». Eil-o:

Ó Patria minha, que lyrial tristeza
guardas sentida e arfante no teu seio?
Vertendo o pranto, a magua, na incerteza
dos filhos mortos em a noite em meio!

Ó martyr do dever, batel guerreiro
tragado pelos vagalhões da morte!
Arrancaste do peito brasileiro
de heroes, de bravos, valida cohorte!

Agora, Patria minha, invoca a Deus
o consolo a essa magua acerba e tanta:
— a perda sem igual de filhos teus!

Suplica a Deus na gloria sacrossanta
o seu perdão e que nos altos céus
dê-lhes Jesus da Pátria a imagem santa.

★ CONCURSOS ★ CARTAZES ★

A qualquer hora

do dia

ou da noite

a

RÁDIO RECORD

de São Paulo

tem um PROGRAMA

que VOCÊ ouvirá

perfeitamente

em qualquer

ponto do país

EXPERIMENTE!

ondas médias — 1.000 kcs. 50.000 watts

ondas curtas — 19, 25, 31 e 49 metros

★ CONCURSOS ★ CARTAZES ★

★ HUMORISMO ★

★ CARTAZES ★

★ TEATRO ★

★ RÁDIO ★

★ CONCURSOS ★

★ NOTICIÁRIO ★

★ TEATRO ★

★ RÁDIO ★

★ TEATRO ★

★ MÚSICA ★

★ HUMORISMO ★

★ ESPORTES ★

★ NOTICIÁRIO ★

★ TEATRO ★

★ CONCURSOS ★

★ CARTAZES ★

TV NA "REVISTA"

SPECTATOR

GRAU DEZ:

... Para a novela «Cinco professorinhas soltas no Rio», apresentada pela TV-Tupi. Essa emissora tem dado aos apreciadores de teatro, interessantes espetáculos, destacando-se esse em que, entre outros elementos, trabalharam Lourdes Mayer, Nair Amorim, Ioná Magalhães, Paulo Porto, Antônio Leite e Regina Helena. Aliás, Regina teve então um dos melhores papéis em que já apareceu na TV.

O público espera com ansiedade o que a TV-Tupi irá apresentar-lhe em substituição a essa novela viva, leve e interessante. Aguardemos...

★

... Para «Pergunta dos 64.000», na TV-Rio, que tem como animador Névio Macedo. Essa é mais uma oportunidade que têm os concorrentes que comparecerem aos estúdios da emissora de ganhar ótimos prêmios, desde que respondam à maioria das perguntas que lhe são formuladas.

O programa é feito de maneira interessante, atraindo tanto ao candidato quanto aos espectadores. Névio elabora as perguntas de maneira muito simpática; precisa, apenas, corrigir-se do pequeno senão de empregar sempre o termo «gostaríamos», antes de formular as questões que os candidatos terão que responder.

Não seria mais fácil e interessante ir diretamente ao assunto que deve ser tratado?

★

... Para «Adivinhe o que ele faz». Essas apresentações, se bem que levadas ao público há já bastante tempo, não perdem o interesse pela maneira viva com que são dirigidas por Heloísa Helena e também pelas profissões de verdadeiras originais de alguns dos candidatos que ali comparecem, deixando a comissão encarregada de descobrir-lhes os ofícios, por vezes em situações bastante difíceis.

★

... Para as audições de Dóris Monteiro. A cantora continua agradando plenamente com sua voz doce e melodiosa e há a destacar, ainda, para o maior sucesso dessas apresentações, os cenários compostos por Pernambuco de Oliveira, geralmente de muito gosto e simplicidade

★

... Para a estréia do «show» carnavalesco da TV-Tupi, no qual se exibiu a escola de samba «Primeira de Mangueira». Os sambistas cantaram e fizeram evoluções durante todo o programa em que foram a única atração e deliciaram aos telespectadores. É necessário que esses «shows», estreitados de maneira tão auspiciosa, não venham a decair de interesse.

★

... Para Lídia Matos. Mais uma vez devemos reconhecer a habilidade dessa artista em realizar entrevistas. Com que maneira simples e simpática Lídia conduz as perguntas!

Na noite em que entrevistou um dos pequenos vencedores de amendoim, dos muitos meninos de côr que dêsse modo ganham a vida percorrendo a cidade, estava bastante emocionada e, pela maneira singela com que interrogou o garoto, acabou também por comover aos telespectadores.



Paulo Magalhães, Mirian Teresa, Rodolfo Mayer, fizeram parte da comissão encarregada de descobrir as profissões dos candidatos que se apresentaram em uma das audições do programa «Adivinhe o que ele faz», dirigido por Heloísa Helena.

VAMOS MELHORAR

Uma vez ainda temos que nos referir aos filmes variados, apresentados pelas nossas emissoras de TV, no intervalo de um programa para outro. Essas exposições continuam a repetir-se indefinidamente; será que não há maneira de adquirir novos desenhos, documentários e filmes de curta metragem?

Por outro lado, se muitas vezes as películas têm fim educativo, em outras ocasiões são elaboradas com o intuito de apresentar alguns dos problemas que mais afligem ao carioca, como o da condução e muitos outros, sendo isso feito de modo a ridicularizar, sem apresentar nenhuma sugestão, para resolvê-los.

Os males e problemas são encontrados a cada passo, não é necessário apontá-los, mas sim procurar solucioná-los da melhor maneira possível.

★ ★ ★

A TV-Tupi uma vez por semana dedica um de seus programas à apresentação do mais novo elemento contratado para o seu elenco. Durante essas provas, nem sempre os cantores e cantoras que aparecem ante as câmaras recebem o aplauso do público. Isso se deu quando da estréia de Alice Gonzaga, cantora bastante fraca. Os espectadores, em tais ocasiões, chegam a lamentar que os preciosos minutos em TV sejam gastos em programas de menor interesse.

★ ★ ★

O programa da TV-Rio «O que vai pelo cinema» é apresentado dividido em várias seções, tratando de diferentes assuntos o que o torna original, uma vez



Virgínia Lanê e alguns dos componentes dos «shows» apresentados às 5ªs feiras na TV-Tupi.

que é um dos poucos na TV que trata de cinema, sem dúvida um dos divertimentos prediletos do carioca.

Esse programa, que apresenta idéias bastante aproveitáveis, precisa, no entanto, ser melhor coordenado, pois, quando é televisionado, aparece no vídeo de maneira desalinhada, parecendo sempre que foi improvisado no momento.

★ ★ ★

Os rapazes e moças que anunciam os mais diversos produtos na TV, inegavelmente têm em suas mãos uma tarefa das mais difíceis. Da maneira correta ou não porque se dirigem ao público, depende em muito a aceitação do artigo que apregoam por parte deste.

Os melhores anunciantes são aqueles que parecem conversar com os telespectadores e que, de forma natural e com um permanente sorriso nos lábios, acabam por convencer a todos das qualidades dos produtos que anunciam.

Infelizmente nem todos os locutores conseguem manter a naturalidade enquanto falam. Muitos, talvez devido ao nervosismo, acompanham as próprias palavras com batidas e movimentos de cabeça de um lado para outro, por vezes tornando-se cômicos.

Vamos melhorar? Naturalidade, minha gente, e perfeito controle dos nervos.

★ ★ ★

Os cenários e a composição dos ambientes onde se realizam os programas de TV, desde uma simples entrevista até ao mais luxuoso espetáculo, têm grande importância. É preciso não esquecer que o espectador de casa, tudo observa.

Não é nada decorativa a mesa que a TV-Rio utiliza durante as entrevistas ou programas como jornais, comentários esportivos, etc.

Não haveria possibilidade de elaborar um balcão ou transportar para os estúdios uma mesa apropriada para essas ocasiões e que não necessitasse ser recoberta, como acontece agora, por um longo pano, que a torna tão anti-estética aos olhos do espectador?

★ ★ ★

As apresentações de Virgínia Lane às quintas-feiras, mesmo com as exibições de Ankito e Carlos Tovar, cômicos que nos parecem bastante fracos, não têm conseguido maior agrado.

Os números interpretados pela vedeta são em sua maioria conhecidos e as «girls» que a acompanham nos bailados, não conseguem dar maior movimento ao «show».

NOTICIÁRIO

A TV-Rio fez estreiar no dia 12 do corrente o seu anunciado «Show» carnavalesco, com a participação de várias figuras de destaque do rádio carioca. O sucesso alcançado pela estação do canal 13 foi deveras completo. Angela Maria, Black-Out, Raul Moreno, Diamantina Gomes e 4 Ases e 1 Coringa, apareceram aos olhos dos amigos tevidos, cantando suas músicas prediletas. Assim teremos todos os domingos, às 20,30 horas, no palco-auditório do Cassino Atlântico, os nomes mais destacados da música popular, interpretando as mais lindas gravações para o carnaval de 56, porque nos próximos domingos outros nomes de grande valor se juntarão aos acima citados. O «show» carnavalesco da TV-Rio tem como animador a figura de Murilo Nery.

ELIZABETH DE ÁUSTRIA

A IMPERATRIZ REVOLTADA

De ROBERT VERNON

Copyright Keystone.
Exclusivo para "Revista da Semana"

Ilustração de RAMÓN

No dia 24 de dezembro de 1837 a bela cidade de Munich se preparava, em meio à alegria geral, para festejar, condignamente, o aniversário do Salvador. Porém, no mesmo momento em que os sinos tangiam cheios de poesia, e enquanto os cidadãos se dirigiam para a Catedral, empunhando lanternas e entoando cânticos sagrados, no Palácio Ducal, a alegria dessa noite única se perturbava um pouco de inquietude, de vez que se esperava o nascimento do segundo filho do Duque Max de Baviera, e nessa corte familiar, esse grande acontecimento dizia respeito a cada um, como se a criança fosse nascer a toda a família reunida.

FUGAS PERTURBADORAS DE UM MONARCA

Max et Ludovicia, sua esposa, irmã da Imperatriz da Áustria, Sofia, eram estimadíssimos pelo povo. Mas essa afeição dizia respeito principalmente a Max, e verdadeiramente o bravo Duque a merecia. Descendente direto de Luís I da Baviera, seguia suas pegadas, protetor ardoroso, como ele, das Artes e das Letras, e tão bonachão, em matéria de administração, como o fôra muitos anos antes o avô.

Possuía contudo um temperamento estranho. Possuía de singular desedejo de evasão, às vezes lhe sucedia de abandonar subitamente seu ducado, sua família, a fim de meter-se em aventuras, sem dizer palavra a ninguém. Assim, alguns anos antes, todas as Chancelarias da Europa tinham, por sua causa, sido mobilizadas. Nessa ocasião, o Duque desaparecera sem sequer avisar a mulher quanto ao itinerário a ser cumprido, e enquanto as Embaixadas se inquietavam, os altos funcionários ficavam aterrorizados, perguntando-se uns aos outros se não teria acaso o Duque tombado sob a lâmina aliada de algum punhal assassino, Max passeava tranquilamente pela Grécia, recitando versos, entre as ruínas da Acrópole. Depois, seu gosto pela vagabundagem impeliu-o ao Egito. Primeiro Alexandria, logo a seguir o Cairo, e as pirâmides de Gizeli, viram-no passar enrolado em sua capa, como um poeta romântico. E tranquilamente, ei-lo voltado à Baviera, acompanhado por quatro imensos criados negros. Os cidadãos choraram de alegria ao ver seu soberano de retorno, ao passo que os «velhos ursos» da aristocracia murmuravam, às surdinas, contra essas maneiras pouco protocolares. Suas queixas, afinal, não conheceram mais limites, depois que o lunático monarca meteu-se na cabeça que devia celebrar com grande pompa o batismo dos quatro gigantes negros que trouxera da África — cerimônia, aliás, para a qual foram convidadas as mais importantes famílias da Baviera

Havia ainda outros motivos de descontentamento, além do constrangimento que em certas pessoas os caprichos do soberano despertavam. Os negócios de Estado — diziam — estava sendo negligenciados, os documentos mais importantes criavam bolor esquecidos nas pastas dos Ministros, aguardando, para serem assinados, a complacência do Duque.

«Imaginal, por favor (diziam os descontentes) um Chefe de Estado que abandona, a cada semana, seus deveres à frente do Governo, para, disfarçado em trajes burgueses, ir misturar-se em orgias e aventuras à mais baixa sociedade!»

E, com efeito, todas as sextas-feiras, pela tarde, quando se encontrava em Munich (o que vinha fazendo cada vez mais problemático), Max se dirigia a determinada taberna da cidade, onde, em companhia de doze redatores do «Fliegendeblatt», jornal humorístico e satírico, entregava-se aos mais violentos desregramentos alcoólicos. Ali, o soberano da Baviera não era senão um ser igual a todos os demais. E o cerimonial do grupo exigia que, ao esvaziar o copo, cada bebedor improvisasse um pequenino poema. O autor daquele que tivesse sido considerado o mais belo, o mais inspirado, tinha direito a um lugar de honra, à cabeceira. E muito embora Max não fosse de todo privado de talento poético, acontecia-lhe raras vezes ocupar esse lugar privilegiado — o que, de resto, bem pouco lhe importava.

Ora, o dia 24 de dezembro de 1857 caía justamente numa sexta-feira. E, enquanto, seguindo o costume tradicional dos países germânicos, cada pessoa buscava celebrar em família essa noite única no ano, os vagabundos sem fé e sem casa do «Fliegendeblatt», pagãos inveterados, mais uma vez prestavam suas homenagens a Baco, na sala cheia de fumaça da taberna. O Duque, malgrado o grande acontecimento que no palácio se aguardava para qualquer instante, não faltara à reunião.

Por volta da meia-noite, quando os sinos da cidade tocavam alegremente, e enquanto o «Heilige Nacht» bailava em todos os lábios, o mestre de cerimônias do palácio irrompeu, esbafoado e com a peruca fora do lugar, pela taberna a dentro, e com voz ofegante anunciou ao embriagado Duque que acabara de nascer-lhe uma filha.

— Puxa! Será que ela não podia ter esperado até amanhã de manhã? respondeu Max, com uma voz pastosa, enquanto passava a mão no chapéu e se retirava

No entanto, quando, no quarto da mulher, a ama lhe apresentou nos braços a recém-nascida, ele a olhou com ternura, murmurando, em certo momento, com funda emoção:

Eis aí o que se pode considerar um bom presente de Natal.

Sem prestar atenção aos brados de protesto da ama, Max tomou em seus braços o delicado fardo, extasiando-se na contemplação dos delicados traços da criancinha. Essa, sem dúvida descontente por haver trocado de braços, abriu a boca no mundo, e se pôs a chorar.

— Vêde, senhor — opinou a judiciosa mulher cruzando as mãos — ela já tem um dentinho. É um sinal infalível de sorte e de felicidade!

— A mais nova de minhas filhas chama-se Helena, disse Max. A essa, haveremos de chamar Elizabeth.

PRIMEIROS ANOS... PRIMEIROS AMORES

A pequenina Elizabeth, «Sisi», como era chamada, cedo mostrou suas qualidades. Com nove anos, era já uma mulherzinha, com uma personalidade perfeitamente delineada. Imperiosa, envolta embora de doce simpatia, cativava e enfeitiçava a todos. Com treze anos, era gordinha e rosada como uma camponesa bávara, objetiva e trabalhadora, mas, surpreendentemente cheia de imaginação. Viam-na distanciar-se de suas companheiras para realizar, sozinha, longos passeios a pé, ou então, trepar às árvores, com grande escândalo de parte das governantas, e ali, entregar-se, em calma, a um devaneio sem limites... e sem causa. Sem causa, verdadeiramente? Um jovem fidalgo havia se hospedado, durante algumas semanas, no castelo, e ninguém se tinha apercebido dos ares melancólicos da menina Sisi. Porém, mal o rapaz partira, tornou-se ela de humor ainda mais fechado, e pôs-se a passar dias e dias fora de casa, na companhia dos lenhadores.

Quem poderia imaginar que uma pequena de apenas 13 anos tivesse tristezas e aborrecimentos por causa do amor, se sua governanta não tivesse, certo dia, encontrado em sua carteira de estudo um pequenino poema de seis linhas, eivado de um romantismo ingênuo mas exacerbado?

UM ENCONTRO PROVIDENCIAL

Passam-se os anos... Em 1853, a família prepara-se para fazer uma grande viagem. Fôra enviada pela prima Sofia, mãe do Imperador Francisco José da Áustria, para passar as férias em Ischl, célebre estação balneária. Muito bem disfarçado, esse convite encerra igualmente um

sentido diplomático. Entre Ludovíca, mulher de Max, e Sofia, sua irmã, se combinara um «complot» familiar, no sentido de se dar por espôsa, a Francisco José, a irmã mais velha de Sisi, Helena.

O Imperador da Áustria, a essa ocasião, é um guapo rapaz de vinte e três anos, um pouco dominado pela mãe, que governa em seu lugar, e da qual herdou a crueldade. Porém, seus olhos doces não deixam que ninguém a perceba, como também não deixam ver a total estupidez e ausência de espírito que constituem a base de sua personalidade.

Na rotina ordinária de sua vida, ele aparece como um pesado burguês de Viena, cujas capacidades não excedem jamais as de um oficial inferior de suas cavalaria. Numerosas são suas aventuras femininas, porém ele as deve certamente a seu cargo privilegiado, não ao seu encanto pessoal.

baile de gala festeja a chegada da comitiva imperial.

Segundo o protocolo, Francisco José inclina-se diante de Helena, a fim de solicitar-lhe a primeira contradança. Porém, mal soa a segunda polca, o jovem imperador reconduz delicadamente a seu lugar aquela que lhe tinham destinado para espôsa, e tira para dançar Sisi, subitamente rubra de vergonha. Não mais há de deixá-la durante toda a noite. No dia seguinte, esse será o assunto de todas as conversas. Modificações são previstas nos projetos mais ou menos já sólidos, e alguns dias mais tarde, com efeito, Francisco José anuncia sua intenção



Não via suas primas desde 1848, e desde o instante em que pôs em Sisi o olhar, que a pequena o enfeitiçou totalmente. Ela tem agora 18 anos, e cresceu rapidamente, emagrecendo bruscamente, adelgaçando-se em um corpo harmônico. Seu rosto oval é ladeado por cachos negros e brilhantes, seus olhos são cândidos e cariciosos, como o olhar de uma corça, seus lábios são purpurinos e finamente desenhador suas mãos são longas e finas, Elizabeth, em suma, é o orgulho da corte inteira. A noite, um

de pedir a mão de Sisi. Sofia não pôde formular qualquer objeção. Pela primeira vez, seu filho se havia rebelado contra ela, usando violentamente de sua qualidade de imperador, mestre absoluto de seus atos e de suas intenções. Essa ferida, inflingida ao orgulho da soberana e a seu despotismo materno, Sofia não há de perdoar jamais à inocente Elizabeth.

— Que diferença entre o paraíso terrestre de Ischl, e a existência de protocolos e de papelas que agora me espera em Viena — diz-

Francisco José à mãe, na carruagem que, poucos dias mais tarde, os levava de volta ao palácio, até onde os chamavam os negócios de Estado.

A imperatriz não respondeu, mas apertou os lábios e olhou longamente os olhos do filho. Depois, virou-se com um fundo suspiro. Essa mulher autoritária, diante da qual seus súditos tremiam de medo, sentia-se afinal vencida por uma meninazinha de dezesseis anos! E desde esse momento, um ódio implacável tomou conta de sua pessoa.



AVENIDA
SANTOS DUMONT, 894
NOVA IGUAÇU
ESTADO DO RIO

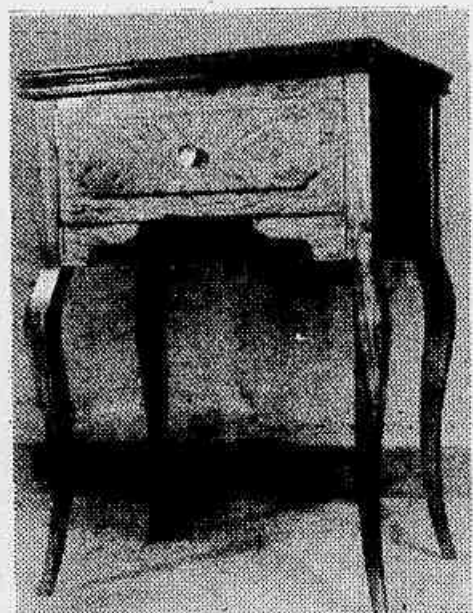
FABRICANTES especializados de caixas e móveis
para rádios e vitrolas nos estilos clássicos

CHIPENDALE

RÚSTICO

COLONIAL

bem como de novas linhas
modernas em Pequid Marfim
ou Imbuia, nos gêneros
FRANCES, RETANGULAR, etc.



QUALIDADE, DURABILIDADE, Magnífica apresentação

Tôdas as nossas caixas

(HI — FI) ALTA FIDELIDADE

A venda nas melhores casas do ramo



LEITOR AMIGO

amistosos cumprimentos de INDUS-
TRIAS ANTISARDINA, que lhe dese-
jam e aos seus entes queridos saúde,
paz e alegria e exuberantes prosperi-
dades para o Ano Novo.

ESPORTE ILUSTRADO

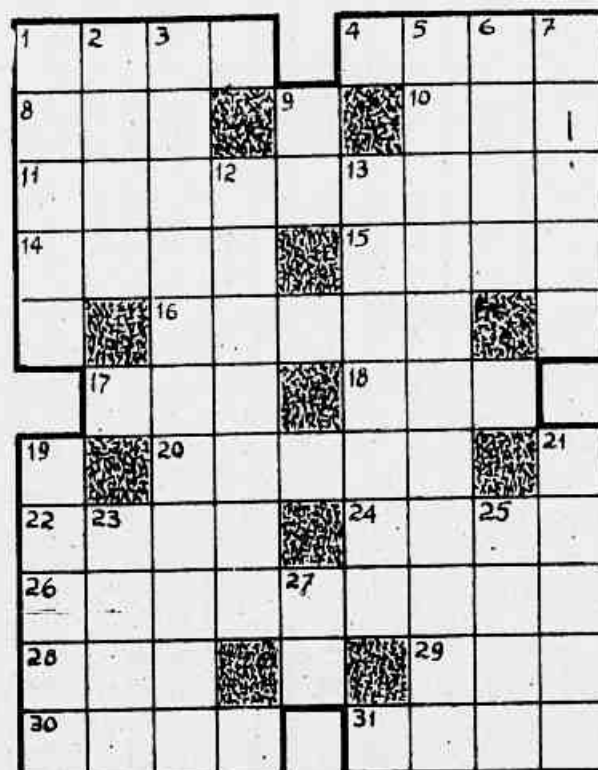
A MELHOR REVISTA ESPORTIVA
DO BRASIL ★ PREÇO CR\$ 5,00

Palavras Cruzadas

PROBLEMA Nº 104

PARA VETERANOS

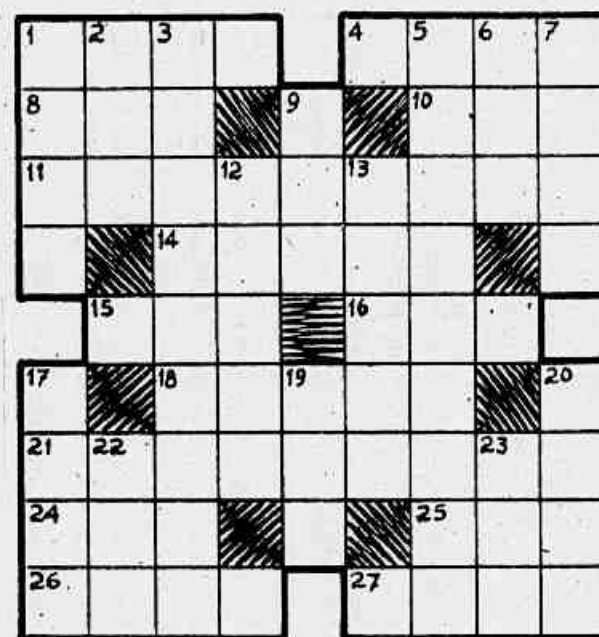
HORIZONTAIS: — 1. Árvore da família das Leguminosas — 4. Servir-se — 8. Medida agrária — 10. Vitória-régia — 11. Fanfarronada — 14. Cruzam os mares — 15. Deusa egípcia, personificação do calor fecundante do Sol — 16. Mencionam — 17. Primeiras noções — 18. Muro divisório — 20. Macaco da América Meridional — 22. Variedade de palmeira — 24. Incitamento — 26. Deus — 28. Quinquasésimo quarto — 29. Dádiva — 30. Antiga cidade grega da Lucânia — 31. Família soberana ou nobre.



VERTICAIS: — 1. Tribo indígena do rio Tiquié — 2. Riscar — 3. Que parece ter duas barbas por estar gordo — 5. Asneira — 6. Boi adorado pelos egípcios — 7. Continua — 9. Símbolo do metal de peso atômico — 26,97 — 12. Diluem — 13. Tornai convexo — 19. Rio dos mortos (mit. escand.) — 21. parte da ferradura em que se assenta o sanco do casco — 23. Designação singalesa da fêmea do elefante — 25. Pêso — 27. Símbolo geométrico cujo valor é 3,1415...

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — 1. Leito — 4. Mau cheiro (pl.) — 8. Aranha amazônica — 10. Nome de homem — 11. Que ameaça perigo (pl.) — 14. Faz acenos — 15. Atuei — 16. Bebedeira — 18. Do verbo acarar — 21. Transferência para outro dia — 24. Cólera — 25. Irmã da mãe ou do pai — 26. Pouco profundo — 27. Fazer doação.



VERTICAIS: — 1. Peça do vestuário que abriga — 2. Queira bem — 3. Peixe, também chamado piraúna — 5. Enlace matrimonial — 6. Argolo — 7. Juízo — 9. Flexão do verbo agir — 12. Árvore, o mesmo que icariba — 13. Sujeito a onus — 17. Tombar — 19. Senhor — 20. Destilar — 22. Abr. de doutora — 23. Solteirona.

* * *

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 103

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: tino — vaca — era — bol — Salm — suam — organismo — açamo — abu — ídolo — encasaram — dais — rata — R.I.P. — Gog — aros — gôro.

VERTICAIS: tesos — irar — nalga — abuso — coam — almos — maçadas — simular — nabos — medra — icipó — orago — âmago — Nair — ator.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: reza — cala — are — mar — sara — cara — olear — ali — amaro — amuo — alma — cal — hei — alar — bala.

VERTICAIS: rasa — era — zero — amar — lar — arar — álamo — caíra — ela — maca — aula — olha — baía — mal — mel.

Eu a adorava, e no minuto seguinte, fazia-lhe veementes condenações. A quantos outros não se teria ela entregue, desde o dia de nossa separação? ... E que significava ela para George, desde nosso reencontro? Porque se havia ele casado, se não a amava? Que alma perturbada não devia ser a sua!

«Todos os nossos encontros terminavam da mesma maneira: não podia reprimir, à sua vista, um sentimento misto de crueldade e de desprezo. E a idéia de que Dora, em poucos dias, voltaria definitivamente para a companhia de George, num país distante, não mais me abandonava.

«De outras vezes, contudo, depois que Dora me tinha deixado, quando eu ficava só, uma melancolia infinita me invadia.

«Eu sentia por ela um amor infinito, e murmurava sem cessar seu nome tão doce, acariciando sua lembrança, e me repetindo mil vezes que ela era a mais bela e a melhor de todas as mulheres. Um pensamento então se me impunha: não tinha eu sido outrora covarde, ao abandoná-la? Não tivera, com efeito, a coragem para unir-me, todo inteiro, a ela. De qualquer modo, não estávamos de certo modo unidos? Tinha a impressão de que seu ardor não se podia mostrar senão no meio da paixão, e que, graças a ela, uma harmonia rica e total poderia ainda vibrar, unindo nossas vidas...

«Em resumo: chegou o dia de sua partida. Dora partia, deixando-me solitário, à sombra aumentada de sua recordação. Três meses fiquei assim, cheio de sonhos e de desejos. Começava a ter medo de mim mesmo, e afinal compreendi que tal estado de coisas não podia continuar. Tomei então uma resolução de alucinado: escrevi a George, anunciando-lhe minha intenção de visitá-lo, em futuro próximo. Ele me respondeu logo, dizendo-me que teria satisfação em receber-me. Logo após chegava também uma carta de Dora, onde eu podia perceber, nas entrelinhas, que ela compartilhava de meu estranho desejo.

«E afinal, eis-me entre eles, nas garras de uma fatalidade contra a qual seria inútil tentar fugir. Havia dias em que um vago terror nos dominava, a Dora e a mim. O medo se dissipava, porém vivíamos envoltos em densas nuvens de sombras, apenas atravessadas aqui e ali, por um raio de sol. Seria isso a felicidade que eu imaginara? Não sei ao certo. A atitude de George, o que ele possa pensar de nosso comportamento, é-nos totalmente indiferente. Ignoro como há de acabar tudo isso, porém sei

que a amo. Ela não se parece em nada com a Dora de outros tempos, aquela que vinha em minha casa, em pleno outono, quando nós passeávamos despreocupados pelo meu apartamento, esvaziando, felizes, taças e taças de champagne. E' bem minha bela amante de outrora, mas a fatalidade a envolve em um halo de tragédia e de esplendor. Seu sorriso melancólico ganha por vezes nuances extraordinariamente ricas.

«O tempo das brigas passou, aquele tempo em que eu a tomava pelos pulsos, gritando-lhe palavras ásperas; tempo em que, desesperada, ela me mordida as mãos, para escapar à minha violência... Tudo isso já está felizmente distante. Estamos agora lado a lado, e nossos pensamentos unificados em uma ternura imensa...

«E George? Se ele agora viesse até mim com ameaças, eu certa-

mente não me entristeceria, porém, com calma e firmeza, sustentaria o seu olhar terrível, e responder-lhe-ia: «Nada posso fazer. Dora me pertence. Deixa-nos em paz!» Em vão meu amigo torceria as mãos, desesperado, em vão gemeria de dor. Tudo isso não mais me poderia mover.

«E ele bem que sabe tudo! Surpreendeu-nos uma ocasião, em que voltou, mais cedo que de costume, talvez para nos colhêr em flagrante, em doce colóquio na casa de um de seus empregados. Deve ter logo compreendido tudo.

«Ele nada diz, mas que fazer? Vivo na impressão de que algo de muito grave está para acontecer, de que a fatalidade nos tem presos em suas garras... Dir-se-ia que George está decidido... a que? Há em seus olhos certa lucidez estranha, que eu antes não lhe conhecia. Pensei inclusive em fugir. Não

posso. A fatalidade que nos cerca tornou-se indiferente a tudo... Estou ao lado de Dora, que mais poderia desejar? Porém uma sombra espessa abate-se sobre nós, parece-me que algo se aproxima, algo que não posso baquilar; é preciso que alguma coisa aconteça mesmo, para dissipar as nuvens, pois desejo viver a vida em toda a sua plenitude, viver imerso em amor.

«Eis o que te desejava dizer. Há poucos dias, pensava em te rever em breve, falar-te de tudo isso, calmamente sentado a uma poltrona, em tua casa; porém no momento espero outras coisas que não pálidas recordações: desejo que o destino se apodere de todos nós, para trazer-nos enfim uma solução para tudo o que está agora conturbado e difícil. A solução, certamente, está a caminho. Adeus, portanto.

Teu amigo,
Charles».

Loira ou morena...



Não importa a cor...
Todas podem ser belas e atraentes submetendo-se ao método de beleza do creme ANTISARDINA. Existem três fórmulas distintas, cada qual oferecendo os melhores resultados. Procure saber qual delas se adapta melhor à sua pele.

Antisardina



CALÇADO



Máximo conforto
garantia absoluta



O ATELIER de Pucete fica num pequenino quarto de hotel, no «Quartier Latin, Rue de l'Ecole de Médecine».

PUCETE, O ANJO DA NOITE DE “MONTPARNASSE”

SEUS PÉS CAMINHARAM PELAS NOITES FRIAS,
PELAS TARDES MORNAS, PELOS CAFÉS BARA-
TOS, ENTRE MESAS DE BARES E DE “BISTRÔS”...

FERNANDO LÔBO

ERA Pucete, uma figura menina, tipo de tôdas as horas, de todos os cantos de Paris. Nunca para os lados mais claros, para os cafés de «Champs Elisées» nunca pelas ruas brilhantes de Paris. Seu capto, como seus passos curtos simples, ingênuos. E há quem desacredite que seja Paris a cidade que mais guarda ingenuidade. Não dentro das casas noturnas, nem nos mercados de carne de Pigalle, no «Elephant Blanc», nas bôcas abertas para turistas otários, mas ali, nos quatro cantos de Montmartre, no Quartier Latin, ou do outro lado do Jardim de Luxemburgo onde o «La Rotonde» aponta Montparnasse. Em cada canto uma côr nova, um toque belo de amor e ingenuidade e Pucete era essa flor ingênua que por entre êsses cantos passava não querendo nada mais que vender seus quadros de pintura. Ela era uma espécie de boneca de cara suja, maltratada nas unhas, mas bela na côr do rosto, na pele que mostrava, nos dentes seus que exhibia. Foi assim que a vi pela primeira vez: sobraçando um punhado de telas, seguindo para o seu hotel bem defronte ao meu na «Rue Ecole de Médecine».

ENCONTRO

Em Paris as pessoas não têm medo das outras mesmo quando as outras são estrangeiras. Naquele cruzar, Silvio Autuori, já com tôda a fórmula de viver em Paris nas mãos, falou com a pintora. Queria uma entrevista para mim, para o dia que ela pudesse. E no dia seguinte, com Augusto Rodrigues a tiracolo, subimos o quarto do pequenino hotel onde vivia, quarto que era seu atelier também. Morava só, com seus quadros, suas coisas, suas tintas, suas calças compridas.

O COMEÇO, O MEIO, O AGORA

Pucete viera de uma pequena cidade do interior da França ver Paris e Paris caíra dentro dos seus olhos como paisagem indispensável. Resolveu pintar e sua pintura nasceu como seus gestos: suave e infantil. Lembra o velho Soares, às vezes vai a Heitor dos Prazeres no colorido. Vivia de Montmartre a Montparnasse, de café em café, de bar em bar a oferecer seus trabalhos que homens da noite, mais leves de alma quanto mais pesados de álcool, compravam por 200 ou 300 francos. E vivia. E tinha Paris. Um dia resolveu escrever um livro: «Les Vraies Jeunes Filles». Um livro que era aquela ingenuidade dela, derramada nas páginas. A crítica apontou a edição como coisa boa e os leitores o elegeram um grande livro. Fêz várias edições e foi citada numa infinidade

PUCETE PUBLICOU há pouco tempo um livro, «Les Vraies Jeunes Filles», considerado ótimo pela crítica.



PUCETE MOSTRA ao repórter uma de suas últimas produções. Um quadro seu, hoje, não tem preço.

de crônicas e reportagens. Desta publicidade ganha Pucete fêz alavanca forte para fazer vender também os seus quadros. Muitas vezes um talento roda a existência de direito, queima a última gota de vida, para ser «descoberto» depois de morto. Muitas vezes um sôpro, um gesto, uma citação qualquer elevam uma criatura a um ponto mais cômodo, a presença de um prato mais farto e ao presente de um dormir mais tranqüilo. Pucete nos dias presentes não é mais das noites de «La Rotonde» — o mesmo café de onde muitas vezes foi pôsto na rua bêbedo e sujo Modigliani — Pucete trabalha intensamente para manter o nível ganho, a altitude atingida para poder alçar vôo ainda mais alto, sem uma decolagem desastrosa.

AUGUSTO RODRIGUES observa atentamente alguns trabalhos da discutida pintora de Paris.



POMADA MINANCORA

Um verdadeiro tesouro!



PARA FERIDAS, ECZEMAS,
INFLAMAÇÕES, COCEIRAS,
FRIEIRAS, ESPINHAS, ETC.
NUNCA EXISTIU IGUAL

EM S. PAULO HOSPEDE-SE NO MODERNÍSSIMO

BAR RESTAURANTE
A LA CARTE

Solteiro Cr\$ 280,00 — Casal 380,00

Sem mais acréscimos

Avenida São João, 1072 — Telefone: 37-0181 (Rêde Interna)

SÃO PAULO — End. Telegr. «PRINCIPEHOTEL»



ÓLEO DE CEDRO O MELHOR PARA OS MÓVEIS OFERECE

Nos sorteios que se realizarão na Rádio Vera Cruz às 9.1/2 da noite dos dias 29/3 — 28/6 — 27/9 e 27/12/56: Cr\$ 10.000,00 para os consumidores e o correspondente em óleo de Cedro para os comerciantes que venderem o produto.

Para tomar parte no concurso dirija a carta ao: «Concurso do Óleo de Cedro, Av. Rio Branco, 137, sala 616 — Rio». Dentro do envelope deverá ter: Nome e endereço de quem remete. Endereço do local em que foi comprado o «Óleo de Cedro» e um rótulo do Óleo de Cedro. As cartas do interior tomam parte em absoluta igualdade de condições com as daqui do Rio. Todas as cartas recebidas até a data do concurso são colocadas no auditório, a vista de todos os presentes que podem, inclusive, colocar suas cartas na hora do sorteio, então o cego Protásio Assunção, da Aliança dos Cegos, vai tirando as premiadas cujos remetentes são imediatamente proclamados.

O resultado do sorteio, além de irradiado, será publicado em vários jornais e revistas, ficando também à disposição dos interessados na Av. Rio Branco, 137, sala 616 — Rio.

ARTES

JOSÉ ROBERTO

Hofmannsthal e Van Gogh

EM 1901, pouco mais de dez anos após sua morte, Van Gogh ainda era quase desconhecido. A essa época, porém, o grande poeta alemão Hugo von Hofmannsthal, então com 27 anos, deparou-se, quase que por mero acaso, com algumas telas e desenhos do artista. A impressão que nele causaram é o assunto de uma carta dirigida, em maio do citado ano, a um de seus amigos, e que aqui reproduzimos, segundo o volume «Van Gogh», de Douglas Cooper, publicado em 1955 pelas Editions Holbein, de Basileia. A raridade desse texto, e seu alto valor documentário, nos levam a oferecê-lo a nossos leitores:

«... Eu tinha ainda, diante de mim, cerca de uma hora. Tomei por uma rua lateral, tranqüila. Em uma casa de aspecto agradável, com uma lojinha sem vitrinas, vi, ao lado da porta, um cartaz: EXPOSIÇÃO DE CONJUNTO, PINTURAS E DESENHOS... Havia um nome, mas eu logo o esqueci. Eu não entrava em um museu ou numa exposição havia mais de vinte anos, e pensei que poderia ali encontrar um motivo de diversão para as idéias absurdas que me obsecavam, e entrei.

«Meu amigo, não existe acaso: eu devia ver aquelas telas, vê-las àquela hora, no íntimo redemoinho em que me encontrava. Havia quase sessenta quadros, de dimensões pequenas ou médias. Alguns retratos, mas sobretudo paisagens, na maior parte das quais as figuras não desempenhavam senão papéis secundários; em geral, o que importava eram as árvores, os campos, os caminhos, as rochas, os tetos, os recantos do jardim. Nada posso dizer quanto à técnica do pintor, tu provavelmente estás a par de tudo o que se faz, e, como acabo de dizer, há vinte anos que eu não via um quadro. No entanto, recordo-me perfeitamente de em Paris ter visitado ateliêes e exposições onde vi coisas que tinham alguma semelhança com essas: cores muito vivas, lembrando quase a dos *affiches*, algo totalmente diferente do que se vê nos museus. A primeira vista, esta pintura pareceu-me por demais chocante, agitada, crua, estranha; foi-me necessário um momento para ambientar-me a ela, para perceber a unidade das primeiras telas que apreciei, para nelas distinguir o *quadro*. Em seguida porém, vi, vi-as todas, isoladas e em conjunto, e nelas, a natureza, e a potência do espírito humano que soube modelar a natureza, que pintou a árvore e a sebe, o campo e a encosta da colina; e vi ainda mais: aquilo que as pinturas encobrem, seu verdadeiro sentido, a parte de destino que elas revelam. Tudo aquilo se me tornou tão visível, que perdi-me em mim mesmo nessas obras, para reencontrar-me e perder-me novamente. Caro amigo, é o que te vou dizer, e jamais sabê-lo-ei dizer, como fora necessário, o que me faz escrever essa carta. Como encontrar as palavras para algo tão intangível, tão repentino, poderoso e inexplicável? Poderia procurar fotografias, desses quadros e enviá-las, mas de que serviriam? Os quadros, eles mesmos, é que te poderiam dar uma idéia aproximativa da impressão que me produziram e que, provavelmente, é pessoal, um segredo entre meu destino, entre eles e eu. Uma plantação, uma alameda de grandes árvores que se destacam contra o céu da tarde, um caminho estreito com pinheiros hirsutos, um recanto de jardim com a fachada de uma casa, carroças de camponeses atreladas a magros cavalos de pastagem, uma bacia de cobre e uma jarra por terra, alguns camponeses ao redor de uma mesa, comendo batatas — para que descrever-te tudo isso? Falar-te-ei das cores? Existe nelas um azul intenso, irreal, que reaparece incessantemente, um verde de esmeralda fundida, um amarelo que descamba para o alaranjado. Porém, que são as cores, se não revelam a vida íntima dos objetos? Esta vida estava presente: a árvore, a pedra, o muro, o caminho, tudo o que possuíam de mais íntimo, atiravam-no contra mim, por assim dizer. Porém não era a voluptuosidade e a harmonia de sua bela vida silenciosa que eles me comunicavam, nada havia ali do encanto que outrora eu senti ante as obras dos velhos mestres: não, eu somente era atingido pelo incrível milagre de sua poderosa e violenta existência. Como fazer-te compreendê-lo? Cada árvore, cada trecho de terra amarelo ou esverdeado, cada arbusto, cada caminho engravado na colina pedregosa, a jarra de estanho, a terrina por terra, a mesa, a cadeira grosseira, era um novo ser que se erguia ante mim, saindo do caos medonho da não-existência, e eu sentia — não: eu sabia que cada uma dessas criaturas nascera de uma dúvida tremenda, que desesperava do mundo inteiro; que sua existência recobria para sempre o espantoso abismo do Nada. Como fazer-te pelo menos um pouco compreensível a linguagem que esses quadros disseram à minha alma? Meus mais estranhos estados, os mais enigmáticos, tudo aquilo que eu já não era quase capaz de suportar, e de que todavia não podia desembaraçar-me, justificava-se pouco a pouco, ao mesmo tempo em que uma alma desconhecida, de uma força inconcebível, correspondia-se com a minha, pelo mundo que ela houvera criado. Eu estava como o homem que escapa a uma vertigem incomensurável e que sente a terra tornar-se novamente sólida a seus pés, no meio de uma tempestade cujo furor o transporta em alegria. Era em meio a uma tempestade que me falavam essas árvores de raízes à flor da terra, de verdes galhos estendidos para as nuvens; era numa tempestade que as terras revolvidas e os vales entre colinas me revelavam seus mistérios, os próprios rochedos não eram senão tempestades petrificadas. Indo de um a outro quadro, sentia aquilo que os unia entre si, a íntima vida que regorgitava em côr, e as relações entre elas; eu as via viver em função uma das outras, mas sempre existia uma, misteriosamente poderosa, que subjugava as demais. Por toda parte eu sentia a alma daquele que tinha feito tudo isso, e que, por essa visão, respondera a si mesmo a fim de libertar-se do espasmo mortal de uma dúvida sem limites; eu sentia, sabia, tudo penetrava, andava por abismos e por píncaros, pelo lado exterior e pelo íntimo das coisas, e tudo isso na décima milésima parte do tempo que levo para te escrever.

(Continua na pág. 51)

DEVASSADORES DO PIAUÍ

EDUARDO TOURINHO

Nascido em S. Domingos da Fanga da Sé, perto de Ericeira e Mafra — de onde tirou o nome — Domingos Afonso Mafrense «o Certão», chegou à Bahia. Mas, ambicioso, enérgico, ousado e bravo, captou a estima e a ajuda dos Garcias d'Ávila e pôde realizar afortunadas «Entradas» na selva.

Dono de uma **Fazenda de Sobrado** nas margens do S. Francisco, nela viu o gado crescer. Era na «estrada da travessia», caminho de Pernambuco para o Maranhão, aberto por João Velho do Vale quando Gomes Freire o Maranhão governava.

Alongando-se por esse caminho, atingiu Domingos Afonso a terra que o gentio chamava Piaguy — **rio dos piáus** — o Piauí dos dias presentes. Foi lutando contra os selvagens — que em certo encontro o feriram — que atingiu o Canindé. Encontrando o paulista Domingos Jorge — que ao Piauí chegara pouco antes dele — ficou assentado cada qual seguir rumo diverso na exploração daqueles sertões.

Quando em Pernambuco disso se soube, logo **muitas pessoas poderosas** obtiveram sesmarias no Piauí. Roças de mandioca foram nascendo e — pela excelência do «mimoso» — os **Currais** se multiplicaram com assombrosa rapidez. Por volta de 1770 — informa Rocha Pita na **HISTÓRIA** — teria o Piauí quase quatrocentas fazendas de criação que abasteciam Pernambuco, Bahia e Minas.



OEIRAS já foi a capital do Estado do Piauí. Depois que o governo estadual dela se retirou, a cidade perdeu muito de sua importância. Eis um aspecto da cidade, vendo-se o templo católico mais importante da localidade, embora incompleto.

Depois de Palmares, Domingos Jorge Velho ajudou Mafrense — tal fazia-o Francisco Dias d'Ávila — a tanger para as brenhas os ferozes «Pimenteiras» e «Acroás».

Assim, no Piauí tornou-se «o Certão» dono de trinta e nove fazendas de gado além dos muitos **sítios** que arrendava.

Rico e poderoso, nos primeiros lustros do século XVIII mandou construir — em **pedra e cal** — o casarão que ofereceu aos jesuítas para sede do Noviciado da Annunziata, que por mais de duzentos anos manteve a Companhia na Cidade do Salvador. Ainda hoje está na Jiquitaia, praia de Água de Meninos, esse maciço quadrilátero com muitas janelas na loja, no primeiro andar e no sótão, tendo a igreja ao centro. Em 1759 serviu de abrigo aos inicianos banidos pelo decreto de Pombal e que as naus «N. S. do Carmo» e «N. S. da Ajuda» — a 18 de abril do ano seguinte — transportaram para Lisboa.

Transferido à Coroa, a 13 de maio de 1822 deu-o D. João VI ao Irmão Pedinte Joaquim Francisco do Livramento para que servisse de sede ao atual Colégio dos Órfãos de S. Joaquim.

E, ao morrer, pôde ainda Domingos Afonso Mafrense legar aos jesuítas — quando era Antonil o reitor do Colégio da Bahia — trinta das fazendas de gado que nas terras piauienses possuía.

Em 1700, o bispo de Pernambuco D. Frei Francisco de Lima contra Mafrense representava ao governo da Metrópole pelos muitos anos que praticara. Da Bahia enviara um sobrinho que derribara todas as fundações da paróquia do Piauí e, ainda, a **tábica** da igreja.

No fim da centúria, tinha o Piauí culturas de algodão e de fumo. A lavoura era próspera. Introduzira-se o arodo, que o colono rejeitou por mal corresponder à natureza do solo. Nesse tempo o bacharel Vicente Dias Cabral empenhava-se em proveitosas investigações botânicas e mineralógicas.

Em 1712 ordenara o Reino que se constituísse a vila do Piauí. Seis anos depois, instalou-a o ouvidor do Maranhão Vicente Leite Ripado em Moxa, que se tornou Oeiras. Teve a invocação de N. S. da Vitória e obedecia a três jurisdições: ao bispado de Pernambuco, quanto ao espiritual; ao governo do Maranhão, no que à administração tocasse; a Bahia, no que tangesse à Justiça.

Em 1775 — com D. José I no trono e Pombal poderoso ministro — a nova Capitania do Maranhão era criada, sem o Pará e com o Piauí. Como capitão-general, para o Piauí foi despachado Joaquim de Melo Póvoas, que no Maranhão e no Rio Negro servira. Três anos depois teve o Piauí autonomia administrativa.

Em 1811 ficou definitivamente separado do Maranhão. Seu último governador foi Elias Ribeiro de Carvalho, substituído em 1821 por uma junta presidida pelo ouvidor Francisco Mendes Barreto. A 7 de abril do ano seguinte, nova Junta sob a presidência do vigário geral Matias Pereira da Costa assume o poder.

A 24 de janeiro de 1823 a Independência e o Império são proclamados no Piauí. Instala-se a Junta Governativa presidida por Manuel de Souza Martins, depois visconde de Parnaíba. Em vão insurgiu-se contra o pronunciamento o sargento-mor Cunha Fidié, que era o governador das armas...

Em 1840, finalmente, conheceu o Piauí a insurreição dos «Bentevis». Em 16 de fevereiro desse ano, de Paramaguá os irmãos Aguiar dirigem aos piauienses uma proclamação contra o governo de Oeiras — que teria «promovido a desgraça dessa Província».

No presente, a criação, a lavoura, o babaçu e a carnaúba, a oiticica, a mamona e o algodão opulentam o Piauí. Em extensas áreas colhe-se o tucum, o caróá, a macambira, o paco-paco. Os rebanhos de bovinos e de caprinos são dos maiores do nordeste. Há excelentes salinas e cerca de sete mil quilômetros de estradas de rodagem que facilitam o escoamento dessa produção de fácil e rendoso mercado.

ARTES

(Continuação da página 50)

«Porque, senão porque as cores são uma linguagem pela qual se revelam, sem palavras, as coisas eternas, mágicas? Uma linguagem superior à dos sons, uma chama da eternidade que brota diretamente das mudas profundezas da vida e renova a alma? Para mim, a música está para essa linguagem como os doces raios da lua estão para os raios escaldantes do sol.

«E porque não seriam as cores irmãs das dores, se ambas nos atraem para o eterno?»

«P.S. — O pintor chama-se Vincent van Gogh. Segundo as datas recentíssimas do católogo, deve ainda viver. Alguma coisa me diz que ele pertence à minha geração, e que não é muito mais velho do que eu».

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use **BÉL-HORMON** n.º 1 e quando for, ao contrário, demasiadamente volumoso, use **BÉL-HORMON** n.º 2. **BÉL-HORMON**, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquirir-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua São Januário, 706

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me por Vale Postal um vidro de «BÉL-HORMON» N.º

NOME

RUA N.º

CIDADE

ESTADO

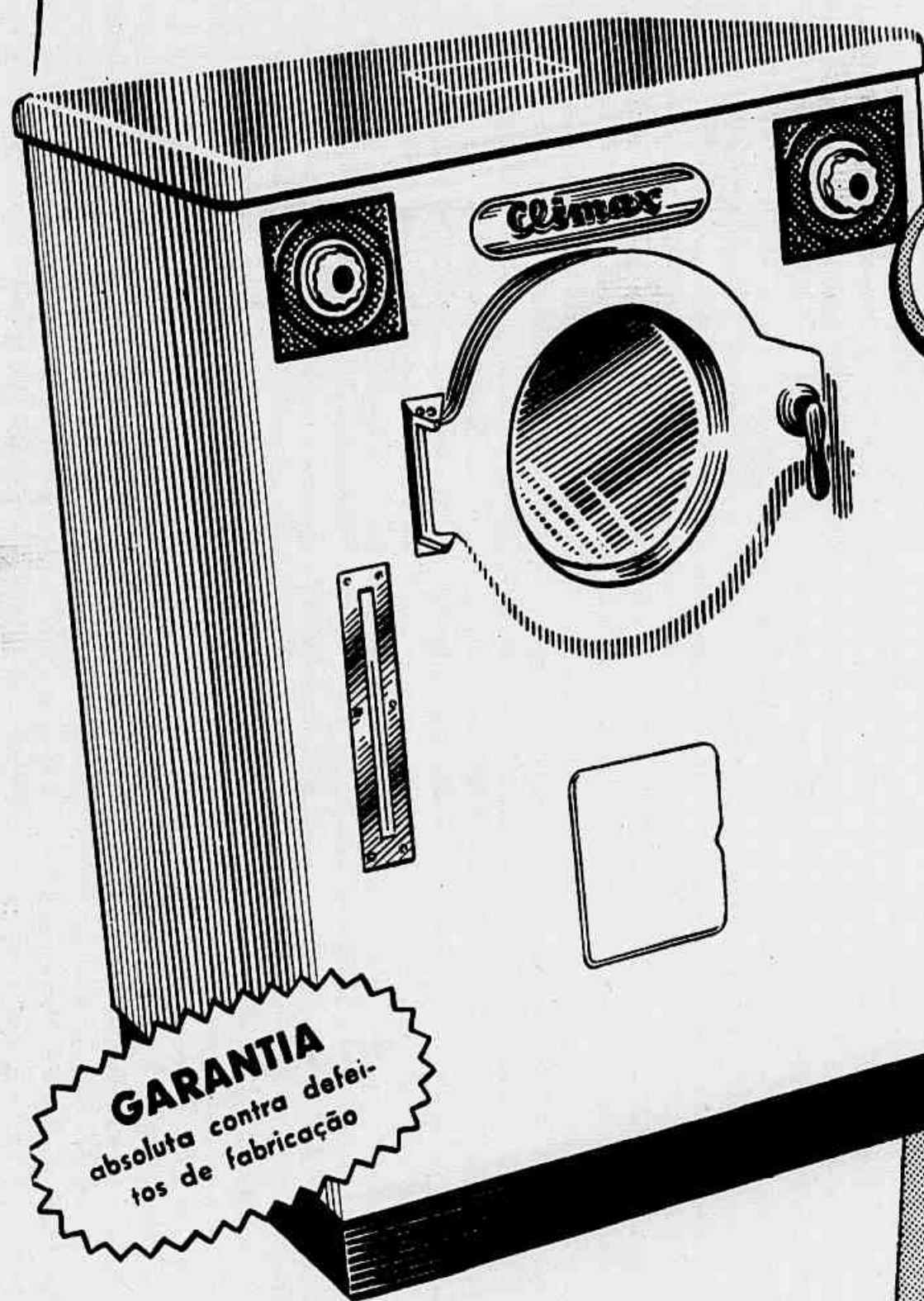
Preço para todo o Brasil: Cr\$ 75,00

Agora,

ao seu alcance...



a LAVADEIRA que V. esperava!



GARANTIA
absoluta contra defei-
tos de fabricação

Climax

Especialmente projetada para proporcionar o máximo descanso e comodidade as donas de casa, a lavadeira CLIMAX possui os mais recentes aperfeiçoamentos técnicos que a tornam a mais prática, eficiente e econômica máquina de lavar que V. pôde adquirir. E mais: o preço da lavadeira CLIMAX é mais acessível!

VEJA AS NOTÁVEIS CARACTERÍSTICAS DA LAVADEIRA CLIMAX!

- é semi-automática, controlável a sua vontade
- lava em cilindro horizontal
- enxágua em água corrente
- seca por centrifugação
- assegura perfeito aquecimento da água
- grande capacidade horaria de trabalho
- eficiente mesmo com oscilação de voltagem e com qualquer pressão de água.

Adquira a sua lavadeira CLIMAX, com facilidades de pagamentos nos concessionários autorizados.

FIRMAS DO INTERIOR INTERESSADAS NA CONC:SSÃO, QUEIRAM DIRIGIR-SE À CAIXA POSTAL 1119 RIO DE JANEIRO

Distribuidores exclusivos

J. Isnard S.A.

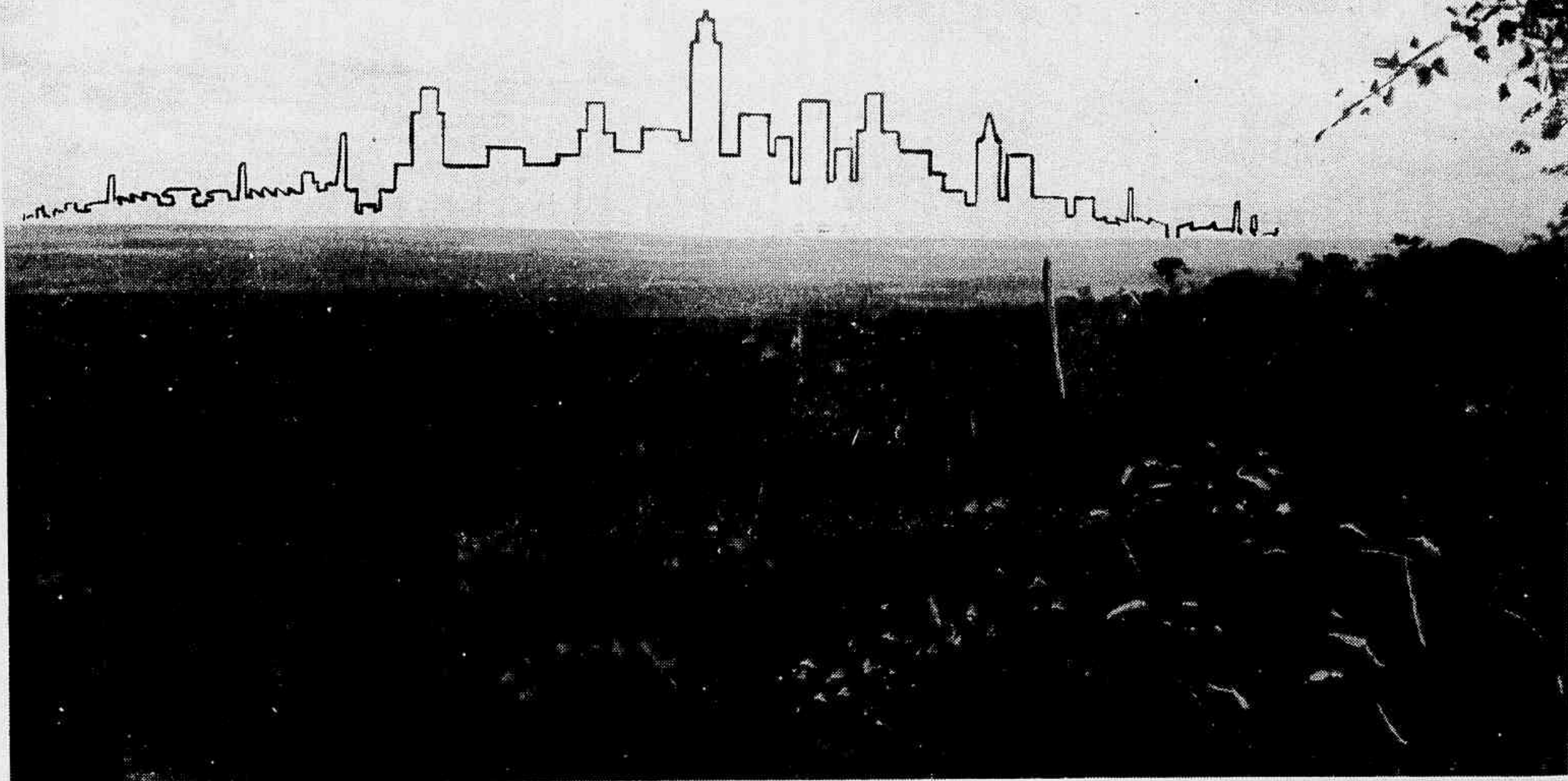
COMÉRCIO E INDÚSTRIA

Rua Buenos Aires, 113 — Tels.: 52-9112 e 52-8888
Rua dos Andradas, 59 — Telefone: 23-4445
Niterói — Rua da Conceição, 13 — Tel.: 2-0597

ORGANIZAÇÃO
QUE RESPONDE
PELO QUE VENDE

NÓ SÉCULO PASSADO JÁ SE FALAVA...

SAIRÁ DESTA VÊZ?



Numa fotografia do exato local em que surgirá Vera Cruz, o desenhista Ramón, nos dá uma idéia do que será a futura capital do nosso país.

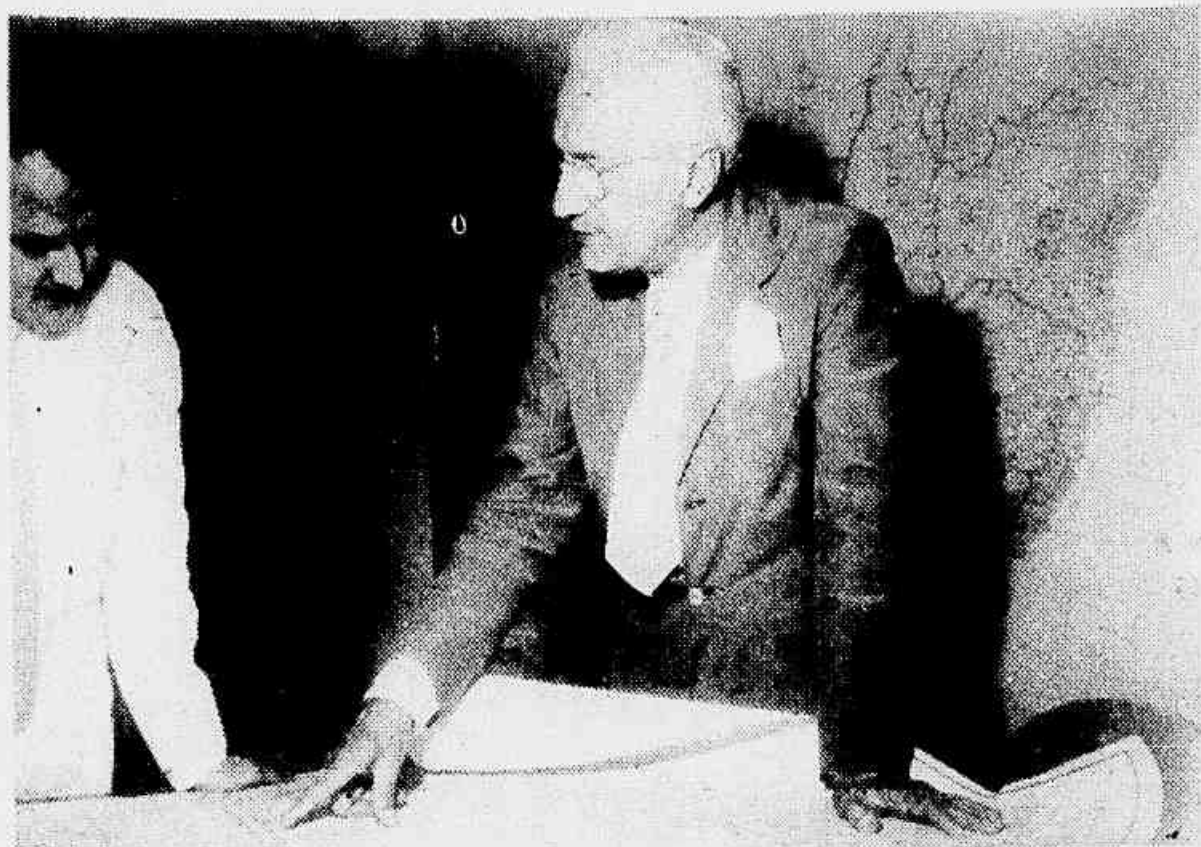
SITUADA num chapadão (1.150 metros de altitude) circundada a nordeste pelos vales dos rios Torto e Bananal, e a sudeste pelo Ribeirão da Gama e Riacho Fundo, numa área de excelente configuração topográfica, a futura capital do Brasil, Vera Cruz, ao contrário do que se imagina, será capaz de rivalizar com o Rio de Janeiro, em belezas naturais, e, sob outros aspectos, ultrapassará a Cidade Maravilhosa, conforme veremos linhas adiante.

Esta é a opinião do repórter, após demorada palestra com o marechal José Pessoa, chefe da Comissão de Planejamento e Construção da futura capital do Brasil, o qual numa longa exposição documentada, tor-

Será a primeira cidade do mundo a ter dentro de seus limites uma grande e bela catarata, além de outras menores ★ Nossos vizinhos serão Walter Pidgeon, Janet Gaynor e outros astros de Hollywood que estão sendo os primeiros nessa marcha para o oeste brasileiro ★ Não teremos um Pão de Açúcar, mas a futura capital do Brasil terá uma praia de 12 quilômetros, cheia de coqueiros ★ Clima frio e sêco com temperatura média (1.150 metros de altitude) de 16° ★ Dentro de um bosque, um bairro exclusivamente para diplomatas ★ Em 1957, o início da construção de Vera Cruz, a futura capital

Texto de VINÍCIUS LIMA

Fotos de ALBERTO FERREIRA e CORONEL UBALDO FIGUEIREDO



O marechal José Pessoa fornece detalhes de seus planos ao jornalista. Cheio de boa vontade, o marechal nada recebe pelo trabalho que realiza.

nou possível à «REVISTA DA SEMANA» transmitir aos seus leitores aspectos inéditos do discutido assunto:

— «Se eu fôsse mais novo (o marechal tem 70 anos de idade), iria passar a vida que me restasse na futura capital, porque iria prolongá-la. O sr. não imagina, que águas altamente potáveis, que clima frio e sêco, que ar puro se respira naquelas paragens».

Assim começou o marechal sua entrevista no dia 12 do corrente, na sede da comissão que dirige. E prosseguiu:

1926

PRESIDENTE

1930

HOMENAGEM

REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL



HOMENAGEM

DR. WASHINGTON LUIS PEREIRA DE SOUSA

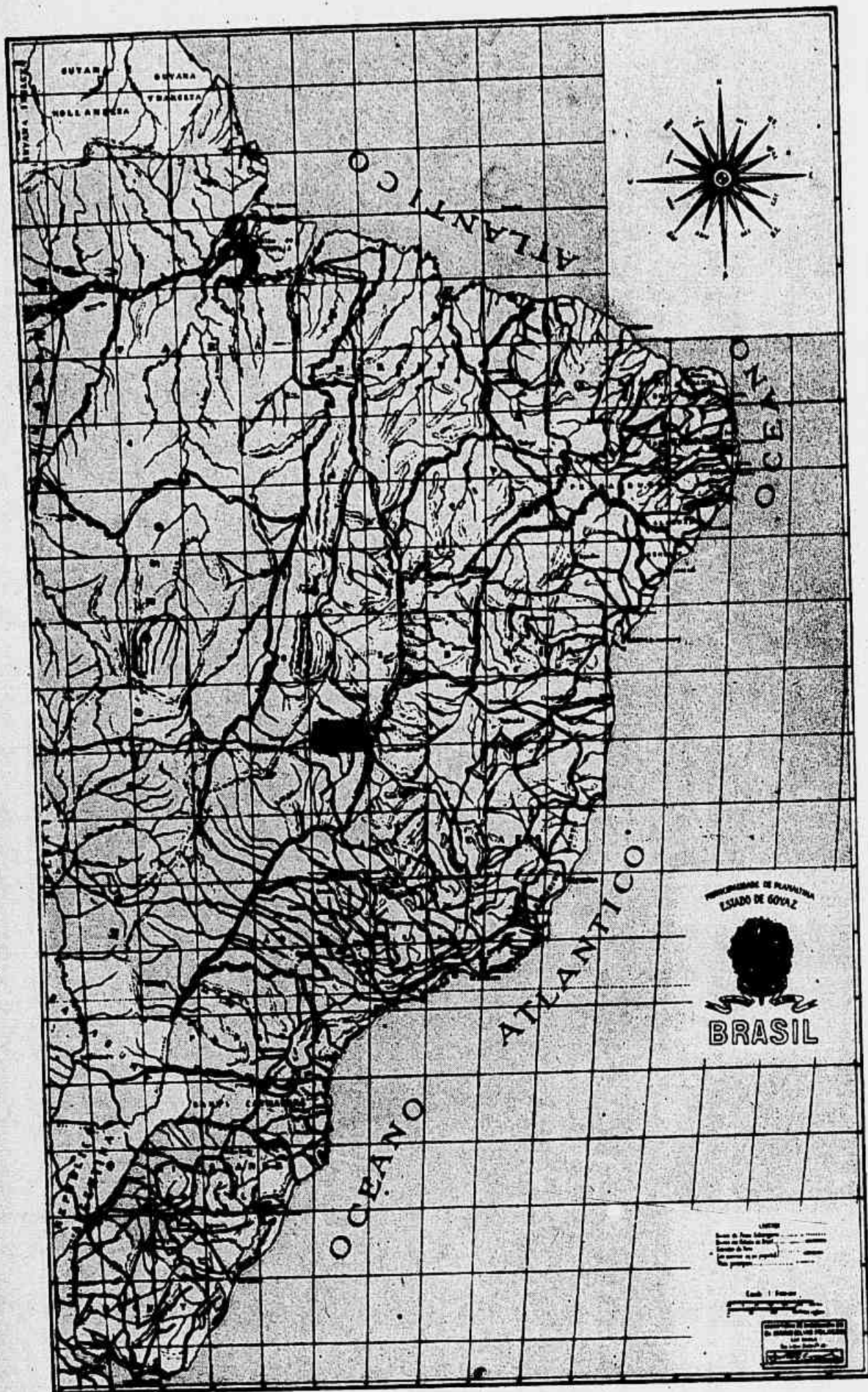
Uma rede ferroviária, a entrelaçar as estradas umas nas outras, com o objectivo de ligar-as todas intimamente à CAPITAL FUTURA, no Planalto Central do Paiz, para onde ella tem que se mudar, por determinação do nosso PACTO CONSTITUCIONAL, e para satisfazer as aspirações do Districto Federal, na sua organização definitiva em Estado. É TÃO NECESSARIA COMO O AR QUE SE RESPIRA.

Trecho do Manifesto Político

P. P. C. DE GOYAZ

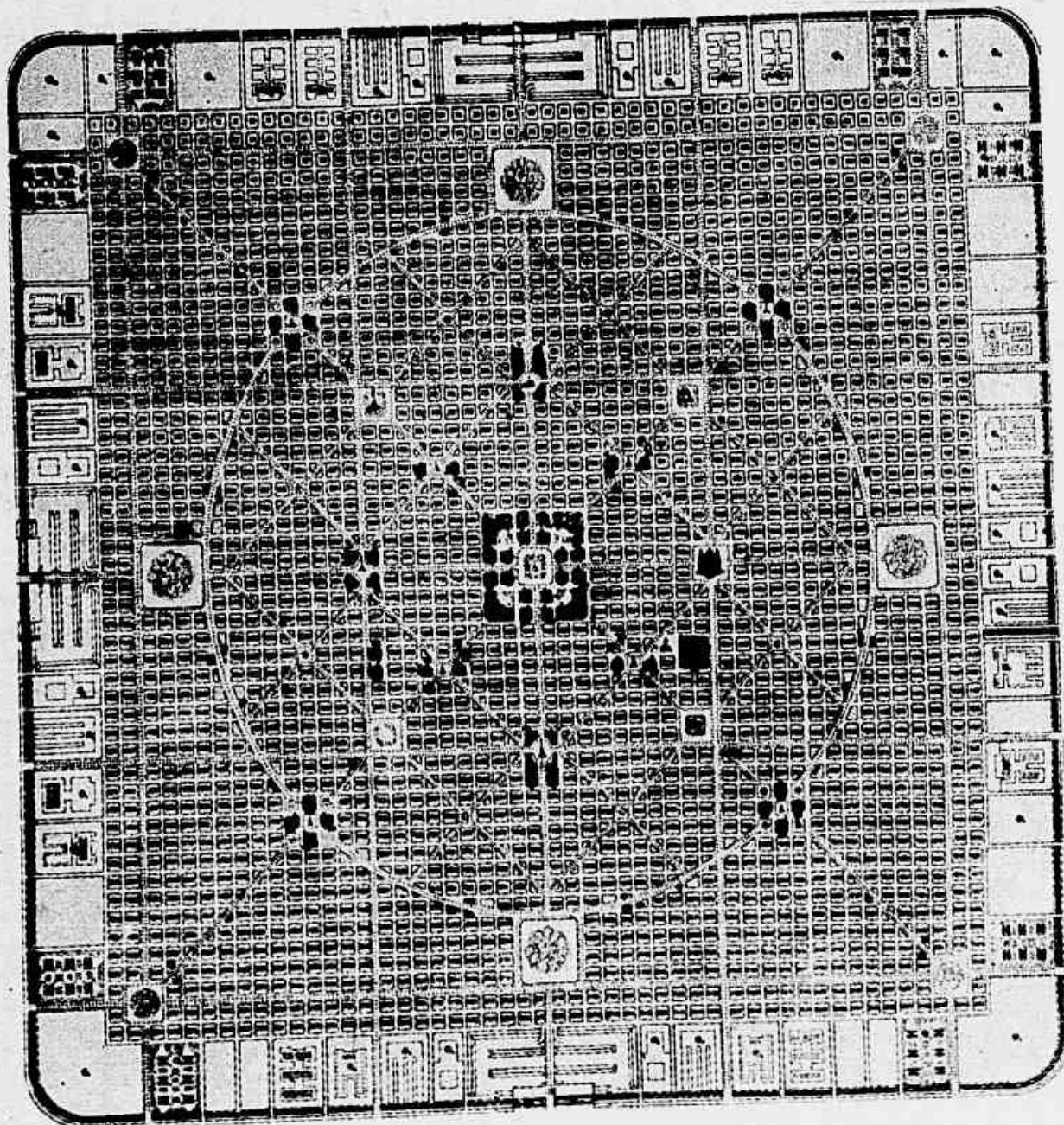
Municipalidade de Planaltina

TOM. 8. JOSE



Mapa de 1925, onde já se via assinalada a futura cidade, na época batizada com o nome de Planópolis. Na ocasião, esperava-se mudança imediata.

A propaganda política do sr. Washington Luiz, era toda baseada na mudança da Capital Federal. Eis um cartaz (1925) muito significativo.



Eis uma das primeiras plantas da futura cidade, mandada fazer pelo Presidente Washington Luiz, em 1925. O plano atual é muito diferente.

Secção de Propaganda do Planalto Central de Goyaz

— DA —

MUNICIPALIDADE DE PLANALTINA

SECÇÃO CENTRAL

em

SÃO PAULO

RUA LIBERO BADARÓ, 14 - 1.º Andar

Rs.: 10\$000

Recebi a importância supra de Rs. DEZ MIL REIS, do Sr. *Alcino Guedes* de acordo com o pedido por carta em m/ poder assignada pelo mesmo, relativa à mensalidade de *Alcino Guedes* de 10\$ ficando nesta data o seu debito reduzido a Reís *100.000* referente à facilidade de pagamento da legalização do lote n. *13* da quadra *1905*, em PLANOPOLIS, Planalto Central de Goyaz, lote este doado pela Municipalidade de Planaltina, por intermedio da sua Secção P. P. C. de Goyaz, conforme preceitua os arts. III e IV da Lei n. 120 de 7 de Março de 1928 e os arts. IX, XII, XVII e XVIII da Resolução Municipal n. 123 de 24 de Março de 1928.

Por ser verdade, firmo o presente recibo.

Rio de Janeiro, 1 de 11 de 1929.

Nº 006904 *

SUPERINTENDENTE

A pessoa que comprou o terreno cujo recibo publicamos, já faleceu e a cidade não saiu... O herdeiro (Alcino Guedes) talvez vá lá residir...

— «Em 1957, terão início as obras da futura capital, e já em 1958, o mais incrédulo dos brasileiros, não terá dúvidas sobre tão discutido problema, se Deus quiser, e eu tiver saúde e o apoio de todos os brasileiros, brasileiros dignos... naturalmente».

SERÁ UM NOVO «EL DORADO»

Quando se fala na futura capital, a impressão que se tem, sobretudo entre funcionários públicos, é a de que no local da futura cidade, existem milhões de mosquitos e feras; febres e moléstias desconhecidas na mata virgem, onde somente o rilhar dos grilos será ouvido durante a noite. Aliás, um amigo do repórter já disse melhor: «Quando se fala na futura capital, os funcionários públicos têm a impressão de que irão tomar parte num novo exército da borracha...»

Mas é o marechal José Pessoa quem fala:

— «Um dia destes, estava em minha casa repousando, quando apareceu um cidadão que insistia em falar-me. Acabei recebendo-o após muita insistência. Sabe o que ele desejava? Simplesmente isto: vinha dizer-me que não iria para a nova cidade. Ora, diante da ignorância do homem que me incomodava somente para dizer-me tal coisa, acabei por lhe dizer: «— E', o sr. não irá mesmo. Para Vera Cruz, somente pessoas sadias poderão mudar-se. Cada funcionário público terá que fazer exame físico, mental e intelectual. Estou vendo que o sr. não serve para morar num local tão privilegiado».

Agora, é o que o sr. está vendo; vendo e sentindo. Um calor destes. Como pode alguém ser feliz numa cidade como o Rio? Lá em Vera Cruz o clima é frio e seco, a cidade terá uma catarata (Paranoá) e uma praia de 12 quilômetros, cheia de coqueiros, igual às belas praias do nordeste...

— Mas acontece, marechal, que muita gente já está descrente, por que faz quase um século que se fala na mudança da capital.

— E' verdade, porém, uma cidade que surge, é como um filho que nasce. Esperamos que cresça e que se eduque. Em 1958, meu caro, ninguém mais terá dúvidas sobre a realidade que será Vera Cruz.

— Consta que a Comissão tem um plano de desapropriações. Por acaso, Janet Gaynor e Walter Pidgeon terão suas terras desapropriadas?

— Quanto a Janet Gaynor, suas terras estão fora dos limites da desapropriação. E Walter Pidgeon comprou terras no norte do Paraná, possuindo a famosa fazenda da qual tanto se fala, em Vera Cruz. Por falar nisso, recebi agora mesmo comunicação de que Janet se acha em São Paulo e que seguirá amanhã para a sua fazenda.

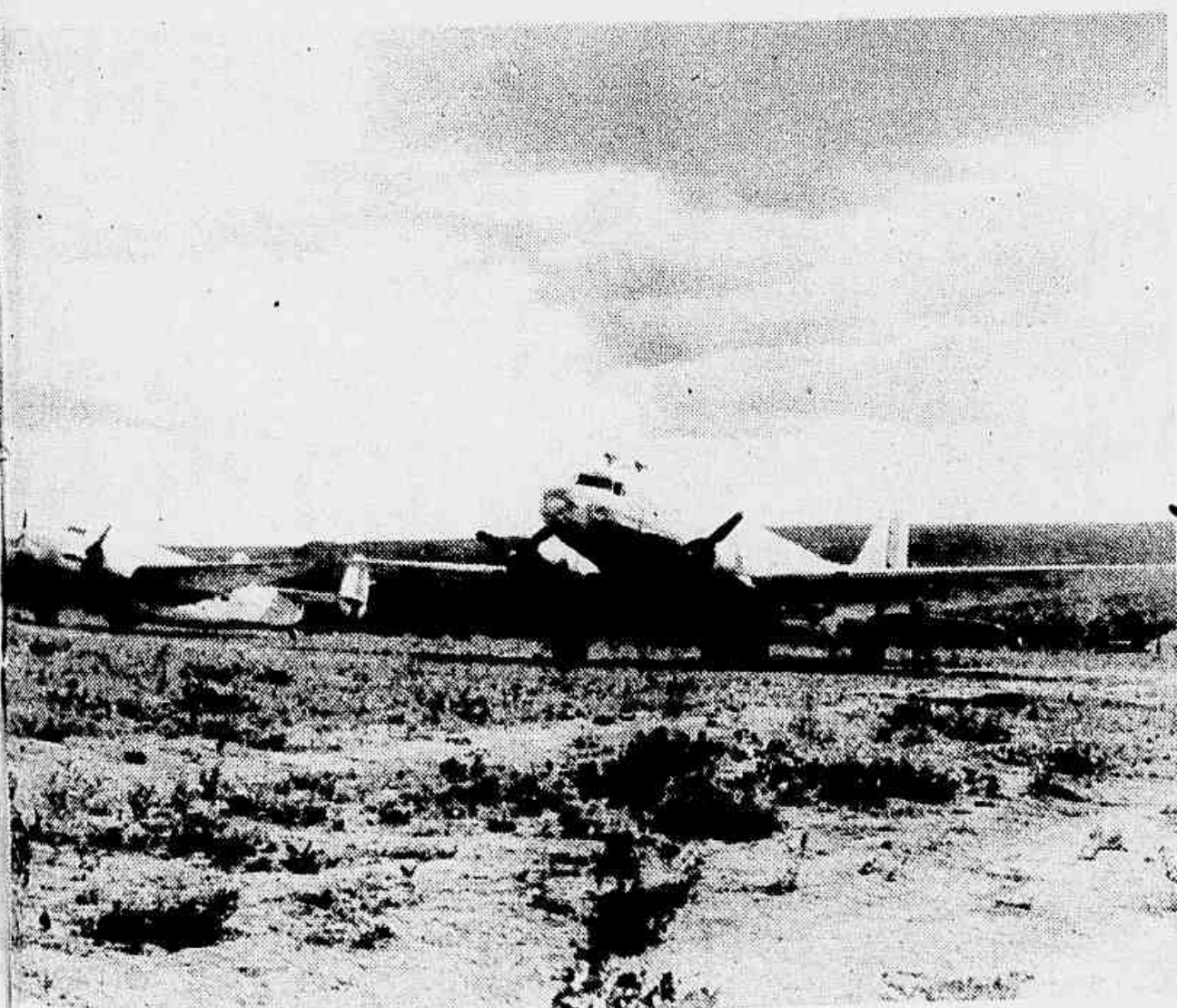
— Esses vizinhos americanos são bem vindos, marechal?

— Perfeitamente. E' grande o interesse dos norte-americanos pelas terras do planalto. O sr. verá a corrida que será feita, quando ninguém mais tiver dúvidas sobre a construção da cidade.

— Quer dizer que os americanos estão mais interessados que os brasileiros?

Não houve resposta. O marechal continuou:

— Os magnatas correrão para Goiás. Fontes de energia elétrica não faltam. Já nomeei várias comissões técnicas para estudos complementares da fauna e da flora. Técnicos em piscicultura estão encarregados de proceder a estudos sobre a fauna dos rios. Povoarei imensas lagoas de espécimes de primeira qualidade. Temos igualmente, além das lagoas Feia, Formosa e Mestre D'Armas, três grandes florestas, a saber: Mato do Corda, Triângulo Mineiro e Corumbá. Essas matas virgens serão protegidas, para que nelas permaneçam animais, que terão a devida proteção. Mas não será essa proteção fictícia que se dá aqui no Rio, onde há um código que não é cumprido. Imagine o senhor, que um dia desses



Curioso. Nestes dias de progresso, a primeira coisa a ser construída na futura cidade, foi justamente um campo de aviação, como se vê pela foto.

REPUBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

PLANALTO CENTRAL DE GOYAZ NOVO DISTRITO FEDERAL

Município de Planaltina Comarca de Formosa

ESTADO DE GOYAZ

INTENDENCIA MUNICIPAL DE PLANALTINA

SEÇÃO P. P. C. DE GOYAZ

Certidão de Registro

CERTIFICO que o Alvará da Intendencia Municipal de Planaltina, Estado de Goyaz, Planalto Central deste Estado, pelo qual foi concedido ao Sr. Eduardo Ribeiro Guedes

morador em Rio de Janeiro

à Rua São João Baptista, 30

Estado de Distrito Federal o domínio

e posse do lote n. 11 da quadra 1805 de terreno

Planaltina, com a área 500 m², que confina pela frente

com a projectada rua Rio Verde Grande

e pelos lados e fundos com quem de direito, tendo 10 metros de frente

e desta aos fundos 50 metros, acha-se registrado nesta Secretaria, a

Secção de Propaganda do Planalto Central de Goyaz, do Município de Planaltina, no livro Tombo n. 11, às fls. 118, sob o n. de

ordem 235, depois de paga a devida taxa, como se vê do conhecimento n. 40520 desta data.

Secretaria da Secção de Propaganda do Planalto Central de Goyaz, do Município de Planaltina, em São Paulo, aos 28 de Junho de 1929

O OFFICIAL [Assinatura]

Planaltina GOYAZ
SEÇÃO P. P. C.
AV. R. 316
RIO VERDE
TRÍANGULO MINEIRO

Um documento da Intendência do município de Planaltina, aliás, o único aglomerado humano (branco) que já reside na futura capital do país.

havia um homem de espingarda, na minha rua, divertindo-se em matar passarinhos...

UMA BELA CIDADE

O marechal José Pessoa de instante a instante interrompia a entrevista para falar aos seus subordinados, que, por sinal, são apenas três: o coronel Ubaldo Figueira, que além de tesoureiro é secretário, fotógrafo e inspetor da Comissão, tudo isso sem ganhar vintém; o dr. Herberto Silva, médico e, finalmente, o sr. José Duarte Dias, que é oficial de gabinete, tradutor, dactilógrafo e tudo o mais que for necessário, de acordo com as circunstâncias. Perguntamos a s. excia.:

— Quer dizer que será uma bela cidade, Vera Cruz?

— Realmente. Só nos falta o Pão de Açúcar e não o levaremos porque é muito pesado. Mas Vera Cruz terá lagos e lagoas para os turistas, as ruas serão largas (46 metros) e terão nomes assim como as duas principais avenidas, a saber: Avenida dos Inconfidentes Mineiros e Avenida dos Bandeirantes. As representações diplomáticas ficarão dentro de um bosque, verdadeira mata de beleza invulgar e terão um bairro próprio.

— E os edifícios do governo?

— Estamos estudando o assunto. Eu sou contra a moderna arquitetura, possivelmente por ter sido criado numa época em que tal inovação era combatida. Veja o senhor — disse, mostrando o edifício do Ministério da Educação — esse edifício todo envidraçado, num clima como é o nosso. Os vidros refletem o calor, a água está se infiltrando pelo jardim de inverno, agora remodelado...

O repórter mudou de assunto:

— Marechal, há um outro aspecto que requer a opinião de quem conhece melhor o assunto, e que é o seguinte: o general Juarez Távora é de opinião que com a mudança do governo para a nova cidade, o Rio sofrerá bastante.

— Que quer ele dizer com isso?

— Que o funcionalismo público federal, a base da economia local, sairá do Rio, e que por isso...



Distâncias do Novo Distrito Federal às Capitais Estaduais

O mapa do Brasil, com as respectivas distâncias entre a futura capital e os demais centros nacionais. O Rio e São Paulo não ficarão tão longe.

— Absolutamente. O Rio prosseguirá seu caminho, paralelamente ao progresso de Vera Cruz. Li recentemente um livro sobre a fundação da cidade de Washington que focaliza problema idêntico. Nada acontecerá, nem mesmo a desvalorização de imóveis.

OUTRAS VANTAGENS CURIOSAS

O marechal José Pessoa é um homem que não aparenta a idade que tem. Inteligente e sobretudo patriota, crê piamente que o futuro do Brasil está em grande parte dependendo da mudança da capital do país. A corrupção, o clima do Rio, tudo, aqui, contribui para o emperreamento da máquina administrativa nacional. Acha o marechal que é urgente a mudança, muito urgente, para o bem da pátria.

Falando sobre o assunto, chega a empolgar-se e a despertar vontade de ajudá-lo, porque seus argumentos são irresponsáveis. Num trecho de sua longa conversação, disse ao repórter:

— No local da futura cidade, até os habitantes são bons. Descendentes de holandeses, gente boa e trabalhadora. Por falar nisso, devo acrescentar que já tomei providências junto ao Departamento de Imigração, para que sejam enviados para o local colonos estrangeiros selecionados. Eles terão terras para trabalhar, terras muito boas.

— E já existem habitantes nos terrenos da futura capital?

— Dentro dos limites do futuro D. Federal, ficou uma cidade: Planaltina, de gente saudável e de trabalho. No momento, porém, só temos uma pista para aviões. Mas estradas estão sendo abertas, os planos estão praticamente prontos. Teremos uma cidade tecnicamente perfeita, e creio mesmo não haver outra igual no mundo.

— E qual a área da futura cidade?

— A área da futura cidade é de 1.000 quilômetros quadrados.

Um gráfico demonstrativo de Vera Cruz, pelo qual, os donos de terras na região, já poderão ter uma idéia se perderão ou não, as mesmas...

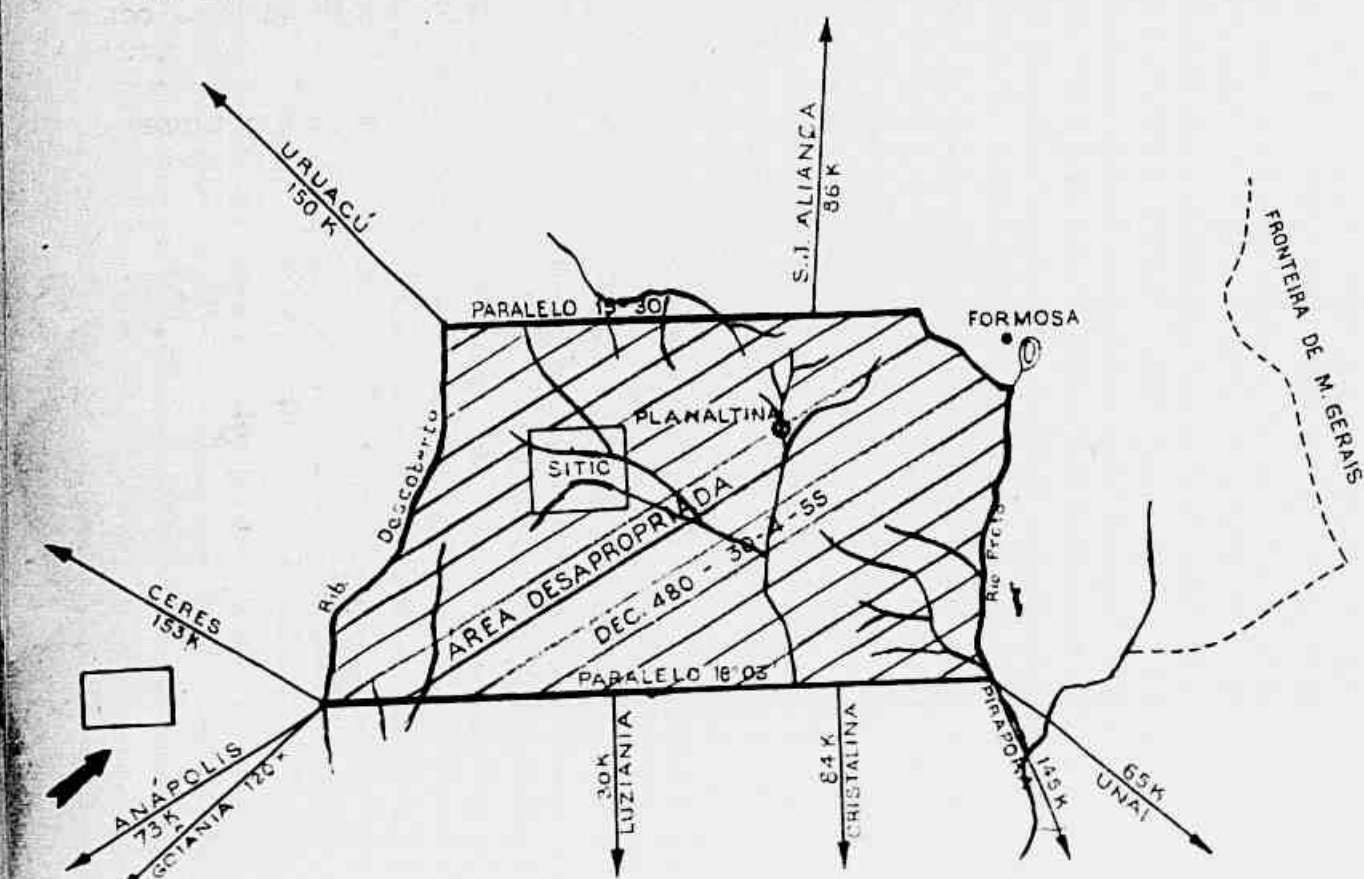


GRÁFICO DEMONSTRATIVO DA SITUAÇÃO DO FUTURO DISTRITO FEDERAL EM RELAÇÃO ÀS CIDADES DE GOIÂNIA, ANÁPOLIS E OUTRAS LOCALIDADES DO PLANALTO CENTRAL.

— Essa cachoeira, marechal, dentro da cidade, é uma maravilha!
— Realmente. Mas temos outras cachoeiras pelas imediações. Os habitantes da cidade poderão tomar banho de praia, de catarata... Só não temos o mar; em compensação, no entanto, teremos a caça abundante nas matas próximas, e, o que é mais importante, o clima maravilhoso do planalto.

— E a cidade mais próxima?

— Anápolis, que fica a 73 quilômetros do local. Trata-se de uma grande cidade, capaz de fornecer à futura capital, tudo o que ela necessitar, nos primeiros anos de vida. Atualmente, a vida ali é relativamente barata.

RECORDANDO UM POUCO

No início da entrevista, o marechal José Pessoa, falando do trabalho que lhe dá a Comissão (pela qual nada recebe), disse-nos que também já fôra repórter e dono de jornal, em 1902-3. Seu jornal, era o «Quotidiano», que lhe deu muita dor de cabeça, inclusive um desentendimento sério com um tal sr. José Guedes. O marechal pertenceu também a uma sociedade literária. Em contacto com o povo, desde a sua infância, explica a razão por que reuniu, dias antes desta entrevista, os jornalistas, para uma explanação coletiva: «Eu tenho que dar satisfações à imprensa porque, sem ela, nada se pode fazer. E sendo a imprensa que leva ao conhecimento do povo o que é feito com o seu dinheiro, é através dela, que estou dando as minhas satisfações. Acho que quem paga impostos tem direitos sagrados. Afinal, tudo emana do povo, e é para o povo que estou trabalhando, não para mim. E pena é que não tenha descoberto há mais tempo o sítio da futura cidade, porque estaria prolongando a minha vida.

HISTÓRIA DE UMA CIDADE QUE AINDA NÃO EXISTE

Donald J. Belcher foi a pessoa que inicialmente escolheu o sítio da nova capital. Mas, o marechal José Pessoa, em seus estudos técnicos, fez algumas modificações no plano daquela companhia, contratada pelo governo para tal serviço. Por exemplo: inicialmente, havia deficiência de água potável, dentro do dito terreno. Por isso mesmo, o marechal estendeu um pouco mais as fronteiras do futuro Distrito Federal. Acontece, no entanto, que apesar da grande publicidade feita em torno do assunto, pouca gente acredita na realização daquilo que já se tornou um sonho.

Um título de propriedade que nos foi cedido pelo sr. Alcino Guedes, para ilustrar esta reportagem. O terreno em aprêço custou CEM MIL RÉIS.



INTENDENCIA MUNICIPAL DE PLANALTINA

Adquirente Eduardo Ribeiro Guedes
Residente Planaltina
Estado de Goiás ALVARÁ Nº 46366

TITULO DEFINITIVO DE PROPRIEDADE

TRANSMISSÃO LEGÍTIMA DE POSSE, DOMÍNIO, DIREITO E ACÇÃO

TITULO de concessão de um terreno no lugar denominado PLANOPOLIS, no Município de Planaltina, Comarca de Formosa, Estado de Goiás, na Quadrilátero já demarcado para o Novo Distrito Federal, feita pela Municipalidade da Villa de Planaltina, representada neste acto pelo seu Intendente Municipal, cidadão Deodato do Amaral Louly, ao snr. Eduardo Ribeiro Guedes

DEODATO DO AMARAL LOULY, Intendente Municipal de Planaltina, Comarca de Formosa, Estado de Goiás, Planalto Central do mesmo Estado, Quadrante do Novo Distrito Federal, pelo presente alvará e em virtude da lei nº 120 de 7 de Março de 1928, doa ao Snr. Eduardo Ribeiro Guedes residente em Planaltina Estado de Goiás UM LOTE DE TERRENO sob o nº 11 da quadra 1305, no lugar denominado PLANOPOLIS, na Fazenda do Bananal, situada nas margens do Torto, deste Município, com área de 500 metros quadrados, ou sejam 10 metros de frente e desta aos fundos 50 metros, confinando pela frente com a projectada Rua São João e pelos lados e fundos com quem de direito. PLANOPOLIS é a denominação oficializada por esta Municipalidade de uma área de terras em rectângulo na referida Fazenda do Bananal,

secular do brasileiro. Desta vez, porém, está à frente dos trabalhos um homem idoso, que não quer morrer sem deixar realizado aquilo que ele julga, e que será, a grande obra de sua vida. Em 1895, quando o sr. Luís Cruls fincou a primeira estaca em Vera Cruz, não existia praticamente nada pelo Brasil Central. Atualmente, temos a aviação e uma pista (2.700 metros) no local. Estradas, embora muito pobres, já existem igualmente. Na Câmara encontra-se um projeto cujo objetivo é conceder a primeira verba para a construção da cidade, já planejada, tudo indicando que será mesmo em 1957 o início das obras da grande cidade, que marcará o início da MARCHA PARA O OESTE BRASILEIRO, paradoxalmente já iniciada, exclusivamente por americanos, tendo à frente Janet Gaynor, artista de Hollywood e a primeira imigrante estrangeira no local.

Em resumo, esta é a pequena história de uma cidade que antes de existir, já mudou de nome. Antes se chamaria Brasília, uma corruptela da palavra Brasil. Agora, está sendo chamada de Vera Cruz. Será seu nome definitivo?

Não importa. O que nos interessa, realmente, é transportar a máquina administrativa federal para o planalto goiano e acabar com as «sinecuras cariocas»...

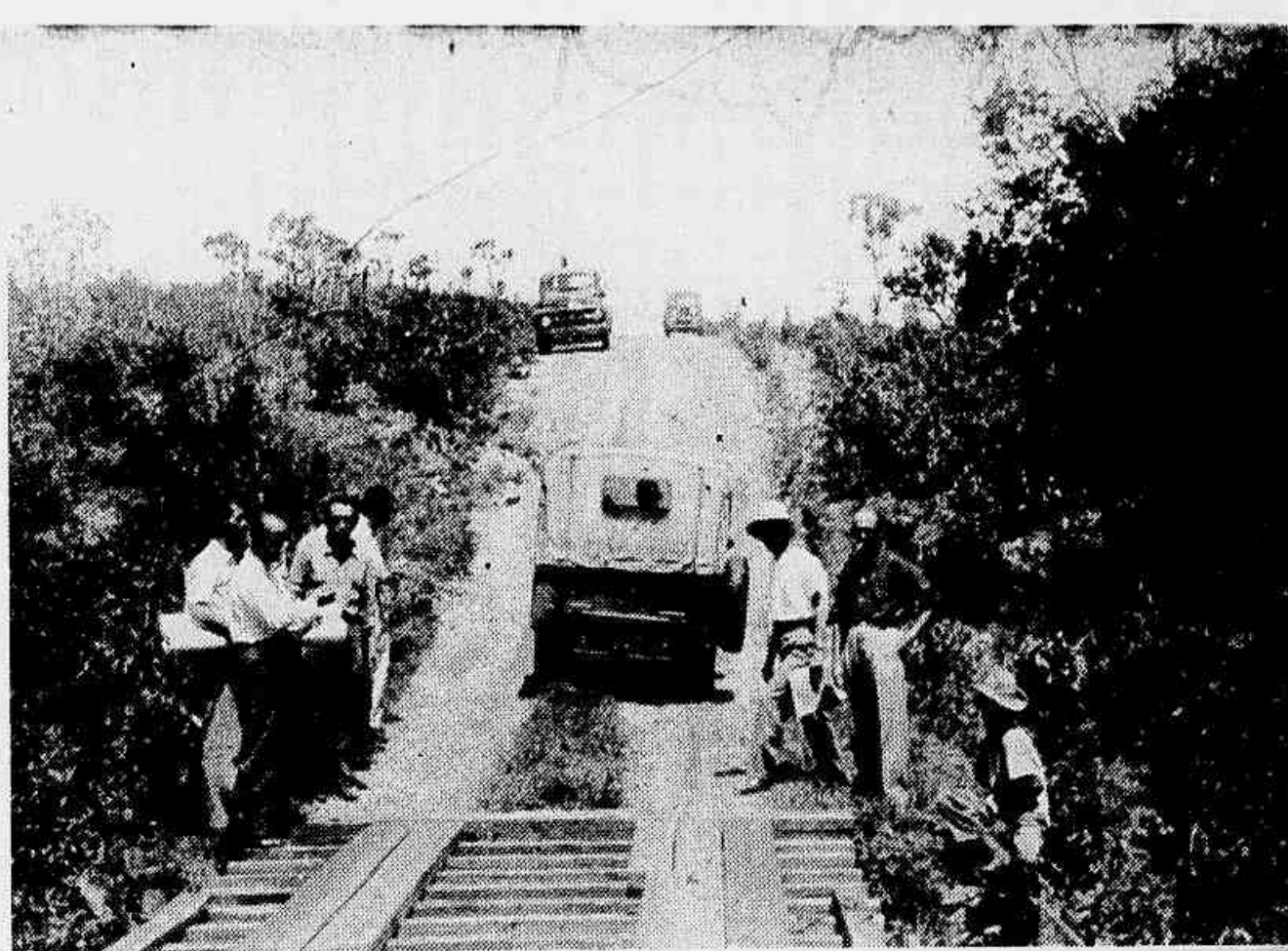
A plataforma política do sr. Washington Luiz, em 1925, foi feita com base na mudança da Capital Federal. Todos os cartazes de propaganda do ilustre homem público, diziam da necessidade de transferir-se a sede do governo, para o planalto goiano.

Nessa época, a futura cidade estava oficialmente batizada pelo nome de PLANÓPOLIS. Plantas e mais plantas, da nova cidade, foram feitas. E como todo mundo estava certo de que a nova cidade surgiria, o governo de Goiás tratou de lotear a fazenda «Bananal», na ilha do mesmo nome.

O loteamento local da futura cidade provocou correrias. Todos queriam adquirir títulos de propriedade na região. As mensalidades, por lote de terras, custavam DEZ MIL RÉIS, tendo o repórter conseguido localizar alguns desses títulos que publicamos a título de curiosidade.

Mas, tudo passou, e, em vez da mudança da capital, houve a mudança... do governo, aliado pelos revolucionários. Mas, assim mesmo, o governo goiano chegou a vender cerca de 1.200 lotes de terra, ao preço de CEM MIL RÉIS, cada um. Agora, resta o problema das desapropriações, que está sendo estudado pelo marechal José Pessoa. E' quase certo, porém, que os terrenos vendidos em 1926, em sua maioria, continuem

Por apenas TRÊS MIL RÉIS, naquela época, era possível a alguém tomar posse de um lote de terra. Com 3 mil réis, na ocasião, comprava-se algo...



A estrada rudimentar que passa em V. Cruz, vendo-se, na foto, além do marechal J. Pessoa, membros da Comissão de Planejamento e Construção.



O marechal, jornalistas e membros da Aeronáutica, no local onde pela primeira vez, há 100 anos, um civilizado pôs os pés e acampou.

pertencer àqueles que os compraram com tanta antecedência. Mas, não terão a mesma sorte aqueles cujas terras estejam localizadas em locais escolhidos para a construção de edifícios públicos.

OUTRAS VANTAGENS DA NOVA CAPITAL

Vera Cruz distará apenas 940 quilômetros do Rio, e 890 da capital de São Paulo. Rio Branco, Acre, será a capital brasileira mais distante da futura capital. Ficará a 2.490 quilômetros. Mas, em compensação, essa cidade, fica, atualmente, a 3.930 da capital do Brasil. Como podem ver os leitores, a nova cidade ficará bem mais próxima de todas as capitais brasileiras, uma vantagem indiscutível, sem dúvida.

Outra vantagem, aliada a primeira, será a localização de Vera Cruz. Estando localizada no centro do Brasil, a exemplo do que sucedeu com o Rio e São Paulo, irradiará o progresso, em forma de tenazes, conforme idéia que nos mostra o mapa do Brasil, com as linhas traçadas pelo repórter. E não é só: militarmente, é também do agrado das autoridades o mudança da sede do governo, sonho dourado que já dura 100 anos e que, desta vez, parece que se irá concretizar.



O marechal José Pessoa, em seu gabinete de trabalho, após demorada entrevista: «PODE DIZER AOS BRASILEIROS QUE EM 1957, começaremos a construir Vera Cruz.

REPUBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

PLANALTO CENTRAL DE GOYAZ NOVO DISTRICTO FEDERAL

MUNICIPIO DE PLANALTINA ESTADO DE GOYAZ COMARCA DE FORMOSA

INTENDENCIA MUNICIPAL DE PLANALTINA

Nº 40520

FICA debitado o superintendente da Secção Especial de Propaganda do Planalto Central de Goyaz. Antonio Teixeira Osorio, pela quantia de 3\$000, que pagou o Snr. Eduardo Ribeiro Guedes pela taxa do registro do Alvará n. 46366, pelo qual lhe foi concedido o dominio e posse do lote n. 11 da quadra n. 1305 do terreno denominado Planapolis na fazenda Bananal, deste Municipio, com a area de 500 metros quadrados, na conformidade da lei n. 120 de 7 de Março de 1928.

Por haver pago dá-se o presente conhecimento.

Secção P. P. C. de Goyaz da Municipalidade de Planaltina, em S. Paulo, em 28 de Março de 192 9

O Superintendente



ÚLTIMO FLASH

ESTE É O FILHO DE PIERANGELI

Seus deveres profissionais a levaram a Londres, onde está filmando «Port Afrique». Mas

esses deveres não a impediram de fazer acompanhar-se de Pierry, o filhinho querido de Pierangeli e Vic Damone, agora com cinco meses de idade. Nos intervalos da filmagem, a artista faz companhia a Pierry e antes de voltar ao estúdio, dá-lhe um carinhoso beijo de despedida. O casamento de Ana Maria Pierangeli e Vic Damone havia acontecido aos 23 de novembro de 1954, ela com 23 anos, ele com 26. O conhecimento de ambos dera-se na Europa, anos antes, quando Vic (na realidade Vito Farinola, de origem italiana), fazia o serviço militar, integrado na 7ª Armada norte-americana. Por mui-

to tempo o noivado foi mantido em segredo, para não prejudicar a carreira de Pierangeli, considerada, então, um botão em flor. Foi quando também veio ao Rio e compareceu a um coquetel na piscina do Hotel Glória, acompanhada de outros supostos apaixonados.

O garoto Pierry é chamado pelos pais, «o baminho do milagre», porque, num incidente aéreo ocorrido durante a gestação de Pierangeli, quando ela estava a bordo, correu o risco de ver frustrada a sua maternidade. Depois de uma semana de completo repouso, a atriz restabeleceu-se e o evento ocorreu de maneira mais feliz.

REPRESENTANTES

Na África Oriental Portuguesa: Dr. Spanos, Cx. Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratário & Cia., Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: Interpresa, Florida 299, telefone 32, Av. 9509, Buenos Aires. Tem agentes em todas as localidades do território nacional.

EM SÃO PAULO

DISTRIBUIÇÃO:
AGÊNCIA POLANO
Rua João Brícola, 46

REVISTA DA SEMANA

Ano 56 — N° 4 — Rio de Janeiro — 28-1-1956

Propriedade da
Companhia Editora Americana

Diretor-Presidente.....Gratuliano Brito
Diretor-Comercial.....Ivan Guimarães
Diretor-Gerente.....Wenceslau Quintais
Diretor de Publicidade.....J. M. Costa Júnior
Redatores e corretores.....S. L. Guimarães A. Mendes,
S. Sant'Anna e A. Nóbrega

ENDEREÇO E TELEFONES

Rua Visconde de Maranguape, 15
Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-8570 — Portaria:
22-8602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2650

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano.....	Cr\$ 350,00
Seis meses.....	Cr\$ 175,00
Registrada — Um ano.....	Cr\$ 380,00
Seis meses.....	Cr\$ 190,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano.....	Cr\$ 500,00
Seis meses.....	Cr\$ 250,00

O número avulso custa Cr\$ 7,00 em todo o Brasil, atrasado, Cr\$ 8,00.

Toda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

A FIGURA EM FOCO



A. M.

Na voz da moça brejeira
Tôda a canção é faceira
E todo o samba tem linha.
Com seu olhar cismador
Essa morena é um amor
E do rádio é a rainha.

DORA

Novela de T. P. KRAG

Ilustração de RAMÓN

11



QUANDO eu a via, um sentimento estranho se apossava de mim e minha alma era percorrida por uma inquieta nostalgia. Eu ainda a vejo tal como a encontrei, naquela primavera... Vi-a por vezes na avenida, vestida com um belo costume claro, na lapela trazendo, como sempre, uma rosa vermelha. Nesses momentos, eu pensava, como certamente muitos rapazes que a vissem igualmente: «Que amante deliciosa não seria essa criatura...». Pensamento naturalmente ousado, logo repellido, por impraticável. No entanto...

Uma noite, apresentaram-me a um homem profundamente aborrecido. Foi no cabaré Tivoli, e ele estava aparentemente enfeitado por uma cantora húngara que todas as noites ali se apresentava. Esse jovem estudava medicina, e sua conversação, encharcada de lembranças de hospital possuía uma coloração monótona e fria, com qualquer coisa de fenol e de gaze. A medida em que a noite avançava, tornávamo-nos bons amigos, de vez que, a despeito de tudo, meu novo conhecimento era um rapaz amável. Ao sairmos do cabaré caminhamos juntos na direção de casa. Súbitamente, ele se deteve para espiar uma janela ainda iluminada, no rez-do-chão de uma habitação. «O que? Que tolice, não estar dormindo a uma hora dessas!». «De quem está falando?». «De uma certa prima que tenho, Dora Boeg». «Mas a senhorita Dora Boeg é então sua prima?». — «O

senhor acaso a conhece?». — «Apenas de vista». — Pois é. Meteu-se-lhe agora na cabeça que tem de tirar o curso de bacharelado. De vez em quando ocorrem-lhe certas idéias absurdas. Isso porém não devia contribuir para que ela passasse a noite em claro.

Ele bateu na porta e, ao cabo de alguns instantes, as cortinas foram afastadas por mãos prudentes, um rosto apareceu, e em seguida, a janela entreabriu-se. Eu me ocultara na penumbra.

— «E's tu, Alberto? Porque motivos tu te encontras aqui a uma hora dessas?»

— Ora, minha querida prima, tu não deves dormir tão tarde. Na minha qualidade de médico — porque não? — proibo-te terminantemente de ficar até de madrugada com o nariz entre os livros de latim. Seja boazinha e vá dormir, ande. Eis aqui um meu amigo que, estou seguro, dar-te-á o mesmo conselho.

«Eis de que modo estranho fui apresentado a Dora.

E prosseguia a carta de meu amigo:

«Desde então, encontramos-nos amiudadas vezes. Fizemos vários passeios juntos, por vezes ao longo dos caminhos menos freqüentados, de outras ainda mais longe, em carruagem. Era verão. A maioria de nossos amigos passava as férias no campo, de modo que ficávamos um pouco abandonados a nós mesmos. Eu me ocupava, na ocasião, com os derradeiros preparativos de mudança para um velho, mas en-

cantador apartamento, que havia conseguido, um pouco afastado do centro da cidade. Era num prédio sossegado. Nenhum ruído, nenhum grito, na rua. E uma casa extraordinária, pois (e tu certamente sorrirás), era mal assombrada: escutavam-se passos através dos corredores, ouviam-se pequeninos ruídos singulares, pelas paredes. Perguntei um dia a Dora se desejava escutar, ou mesmo presenciar, quem sabe?, algumas dessas manifestações sobrenaturais. Ela não se recusou, porém mostrou-se céptica: como não tinha nenhuma fé, acrescentou, certamente os espíritos se negariam a aparecer, naquele dia. Todavia, prometeu ir, envolvendo sua promessa no mais belo sorriso que se possa imaginar.

«E Dora veio até minha casa. Recordo-me de seus passos delicados no corredor, e a maneira algo arrebatada com que bateu à minha porta. Recordo-me dos dias seguintes, as flores de verão morrendo com o verão, as flores de outono desabrochando em suas hastas alongadas, que as ondas de frio terminariam por receber...

«Na minha velha casa mal assombrada, Dora veio até mim, e eu a conservei comigo. O vinho regorritava em nossas taças, um champagne rico e dourado, cheio de alegria, um Porto de côr sombria e quente. E nós ficávamos sós, éramos os únicos entre essas paredes forradas com velhos papéis pintados, enquanto lá fora, livre do alcance dos nossos fantasmas, as flores do outono se debruçavam, graciosas, por sobre nossas cabeças...

«Porém, Dora era enigmática e diferente, e reinava absoluta sobre todas as coisas em redor. Seus dedos acariciavam morbidamente as teclas do piano, e de quando em quando, sua voz, ora doce e fina, ora provocante, cheia de audácia jovem, elevava-se no aposento, dominadora sempre, enquanto seus olhos úmidos e ternos de quando em vez adquiria qualquer coisa de cínicos, de maliciosos. Dora era como a opala, exposta aos raios do luar: sempre mudando de coloração, porém, sempre cintilante.

«E chegou o dia da separação. Tive de ausentar-me a fim de prestar meu primeiro estágio na Academia Tecnológica de Berlim. O que iria acontecer com minhas relações com Dora? Nenhum cansaço havia ainda se esboçado entre nós. Pelo contrário, a cada novo encontro mais aumentava em nós o ardor. Por várias razões, porém, era-me proibido pensar em casamentos. E, bem pensadas as coisas, não constituiria um perigo espolher alguém, como Dora, para esposa?

«Vieram os últimos dias, os últimos beijos, enfim o último adeus. Partiu, e tudo o que havia acontecido partiu comigo, fazendo parte de meu presente pelo milagre da saudade. De início, trocamos cartas com freqüência, e combinávamos, em projetos mirabolantes, planos de encontro, nos anos futuros. Depois,

as cartas começaram a rarear, e afinal a lembrança ficou, sôzinha, qual as brumas transpassadas de raios de sol...

«Vim a saber, por intermédio de amigos, que Dora havia partido por sua vez, para o estrangeiro, a fim de aperfeiçoar-se em sua arte. Ah! eu ainda não pudera esquecê-la. Por vezes, desejaria conhecê-lo seu enderêço, a correr-lhe ao encontro. De outras, ponderava melhor as coisas, raciocinava, e então me parecia que eu acabara de fugir a um grande perigo. Ou estaríamos agora, se eu acaso a tivesse desposado? Mais cedo ou mais tarde quem sabe?, ela se sentiria atraída por outro homem. Eu não podia sequer suportar essa idéia, que minha razão não conseguia esquecer. E então, o perigo que Dora representava para mim me aparecia em toda a sua extensão. Ah! a moço era de fato perigosa...

«Ora, uma tarde eu me encontrava em meus aposentos, em Berlim, quando escutei que tocavam a campainha, à porta, ao mesmo tempo em que uma voz conhecida murmurava em voz baixa algumas palavras. Era nosso velho amigo George, acompanhado de Dora Boeg. Caí das nuvens. E o próprio George lêz a apresentação, acrescentando: «Vocês já se conhecem, não? Dora, minha mulher, nascida Boeg. Tu não precisas de apresentação. Só Deus sabe, na precipitação de nossa partida, como nos foi possível encontrar teu enderêço. Estamos em viagem de núpcias. Vimos convidá-lo para o teatro, essa tarde. Já comprei inclusive os bilhetes. É de um momento para o outro, eles me serão entregues, aqui mesmo».

«Foi assim que reví Dora, já então casada com George. Dora, a quem eu nunca pudera esquecer... Ela era a mesma de outrora. Parecia-me que eu ainda poderia atraí-la a meus braços, mas agora havia entre nós outro homem. Dora não mais me pertencia. Voltavam-me todas as recordações do outono que juntos passáramos... e eu podia ler, no seu rosto, que ela também não se esquecera ainda de mim... E desde aquele momento, não mais pude gozar de tranqüilidade. Cedo, porém, vieram dizer-nos que um mensageiro nos procurava. «Bem: serão os ingressos», acrescentou George, e saiu a procurá-lo. Que-damo-nos sentados, e súbito eu disse, simplesmente: «E' uma verdadeira surpresa que a senhora me vem fazer... Você ainda não me esqueceu de todo, Dora?»

«Então Dora levantou lentamente os olhos, e seu olhar pousou docemente sobre o meu. Nunca, dantes, eu vira olhos assim tão doces. Meu olhar se prendeu ao seu, e ela não baixou os olhos antes que eles estivessem perdidos, aniquilados, ante a força evocadora que nos envolvia a ambos.

«No teatro, sentamos lado a lado. E cedo compreendi que ela voltara a ser minha, como outrora

Falava pouco, e olhava firmemente à sua frente. Sua respiração parecia olegante, quando eu me virava para lhe falar algo. Pouco a pouco uma dor estranha se apoderava de mim. Sobretudo, quando lixava George. Entre nós, os nórdicos, a amizade é algo de sagrado. Não desejaria, pois, infringi-la por nada. Contudo, uma vez tudo se encaminhou no sentido de que eu a recuperasse: bastava dizer uma palavra, para que ela voltasse a meus braços. No momento, ela pertencia a outro. Contudo, eu sentia que, de certo modo, também eu tinha certos direitos sobre ela. Sentia também que qualquer coisa se aproximava de nós, vindo do desconhecido, o inevitável destino, a eterna e inflexível Ananké dos gregos. Tinha já a lúcida impressão de que sua sombra densa e pesada começava a encobrir-nos como um manto de luto.

«Não me recordo dos dias que se seguiram. Muitas vezes, Dora e George vieram visitar-me. Pergunto-me como encontrava pretextos. De início, minha amizade por George muito me pesava. Porém, após longo combate, minha paixão levou a melhor sobre os deveres da amizade. E então tomei-me de cólera, por sabê-la ligada, definitivamente, a um estranho, por alguém que não eu. Frequentes vezes, quando estávamos os três reunidos, envia a George olhares ferozes e disfarçados. Era-me impossível compreender a ambos, e principalmente a George. Pode acaso imaginar algo semelhante? Aparentemente, ele não desconhecias nossas relações antigas. Sem embargo, decidira-se a vir até a cidade em que eu morava, e ainda de vir visitar-me, acompanhado de Dora! Porque agia dessa maneira? Talvez porque se debatesse em incerteza? Desejaria, quem sabe, medir-se comigo, para depois, então, se vencedor, instalar-se em calma e em tranqüilidade? Ou ainda, estaria a submetê-la a uma prova definitiva? De qualquer modo, era arriscar-se a certas sensações dificilmente suportáveis. E deveria tê-las experimentado antes de seu casamento não agora. E Dora, que poderia pensar disso? Tais eram as perguntas que se impunham ao meu entendimento, quando eu ficava a sós com Dora. As horas assim passadas eram estranhas, cheias de sentimentos os mais contraditórios.

(Cont. na página 47)



FORTUNA

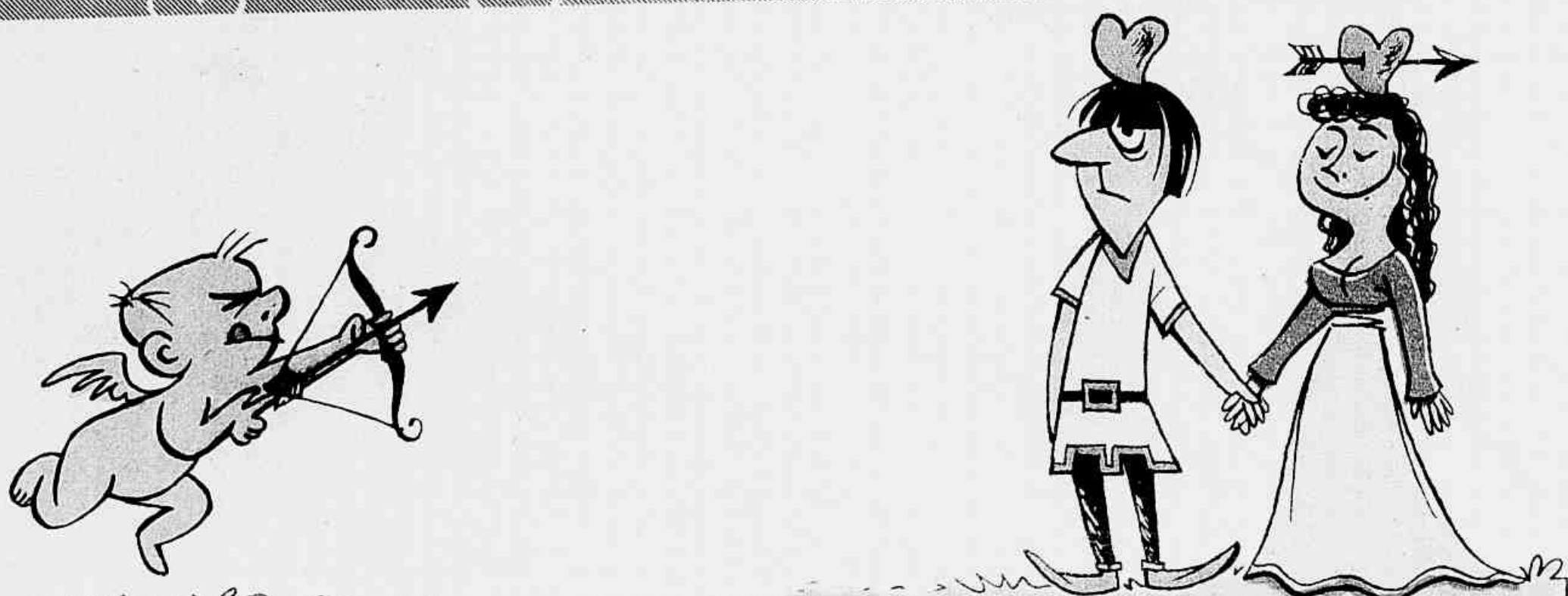
(fugindo do alvo) APRESENTA



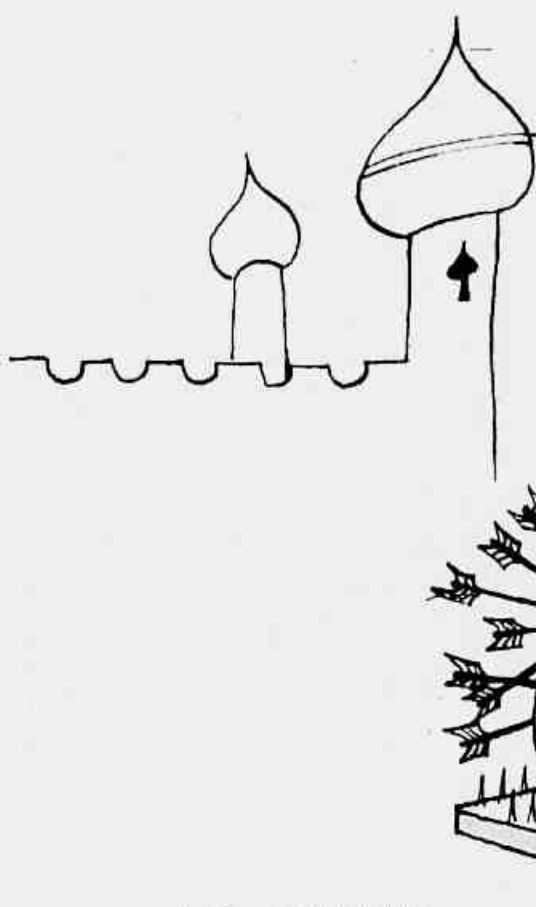
NA PRÉ-HISTÓRIA



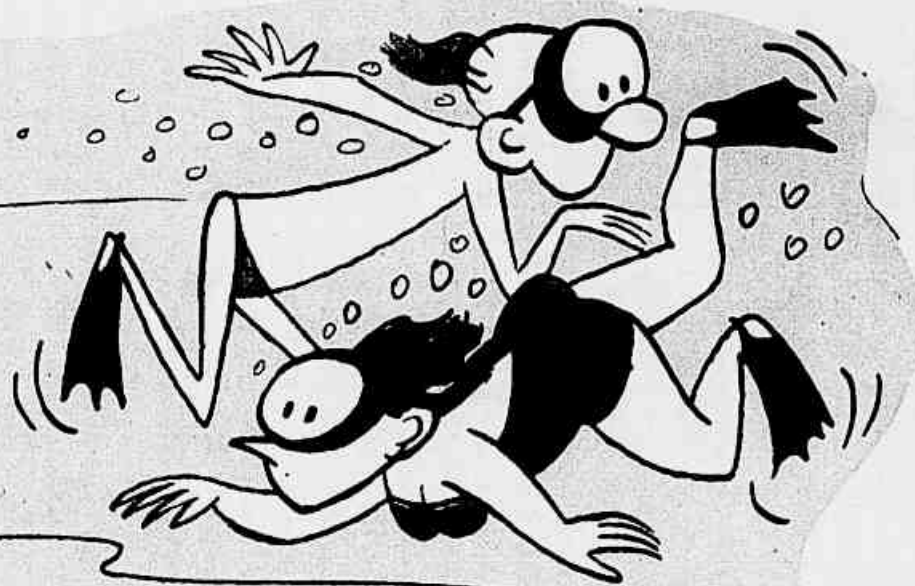
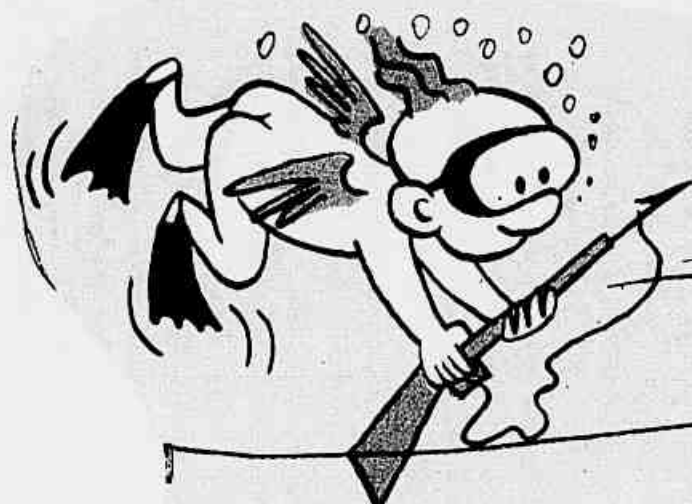
NA IDADE MÉDIA



NO TEMPO DE GUILHERME TELL



NO ORIENTE



EM CABO FRIO



NO JUÁ



EM «CARMEN JONES»

ASSINATURA DO

Diário de Notícias

Faça uma assinatura do «DIÁRIO DE NOTÍCIAS» e receba em sua casa o matutino mais moderno, mais bem informado e independente do Distrito Federal.

SOLICITE, ainda hoje, a inclusão de seu nome entre os nossos assinantes, e terá

- * o melhor noticiário internacional
- * o magnífico suplemento literário e feminino
- * as histórias infantis, em 4 cores
- * informações precisas sobre o movimento da Prefeitura e Ministérios e
- * todos os assuntos de interesse dos seus negócios e de sua família

Para sua Comodidade
Procure a Nossa
Agência à
Av. Rio Branco
133, em frente à Galeria
dos Empregados
no Comércio

A «S. A. DIÁRIO DE NOTÍCIAS»
Rua da Constituição, 11 —
Rio de Janeiro

Solicito inscrever-me entre os assinantes do «Diário de Notícias».
A importância da assinatura será remetida através de cheque,
vale postal ou dinheiro, no valor de Cr\$ 300,00 para 1 ano e Cr\$
150 para 6 meses.

NOME

RUA

CIDADE ESTADO